

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DINTER/USP-UFCG

Ângelo Giuseppe Xavier Lima

**Da alegria e seus inutensílios:  
o corpo não mente**

São Paulo

2022

ÂNGELO GIUSEPPE XAVIER LIMA

**Da alegria e seus inutensílios:**

**o corpo não mente**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no âmbito do Dinter-USP/UFCG, como parte das exigências para obtenção de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Daniel Kupermann

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Maristela de Melo Moraes

São Paulo

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTA OU PARCIALDESTE TRABALHO,  
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E  
PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ângelo Giuseppe Xavier Lima

Da alegria e seus inutensílios: o corpo não mente / Ângelo Giuseppe Xavier  
Lima; orientador Daniel Kupermann; Coorientadora Maristela de Melo Moraes –  
São Paulo, 2022.

144 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica / Dinter-  
USP/UFCG) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Epistemologia da Psicanálise. 2. Alegria. 3. Ferenczi. 4. Afetos. 5. Monstremas. I. Kupermann, Daniel, oriente.; Moraes, Maristela de Melo, coorient. II Título.

**Nome:** LIMA, Ângelo Giuseppe Xavier

**Título:** Da alegria e seus inutensílios: o corpo não mente

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Profa. Dra.

Instituição:

Julgamento:

Profa. Dra.

Instituição:

Julgamento:

Profa. Dra.

Instituição:

Julgamento:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

*O que não voa agoniza.*  
**Ana Paula Leivar Brancaloni**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao terno professor Daniel Kupermann. Confesso que só tive uma oportunidade de vê-lo pessoalmente, mas, me foi o bastante para entender a força de um conceito. Conceito esse que é capaz de unir gente de origem deveras diferentes. Daniel, que a alegria, querido Professor, seja nossa liga enquanto vivermos.

Seria imperdoável pra mim esquecer de todos as Professoras e Professores que marcaram minha vida até hoje: Professora Dirse, minha mãe, que me alfabetizou; Professora Lúcia Helena que me apresentou ao outro lado da fronteira de minha casa; Professora Noêmia que me fez ver a implicação da música com a leitura e a escrita; Professora Marinalva que me ensinou que história se conta para fazê-la sempre diferente; Professor Francisco Pires (Chico) que no curso de agronomia me fez ver com nitidez a diferença existente entre “Mas” e os “Más”; Professor Edmundo de Oliveira Gaudêncio que me fez ver as artimanhas dos rizomas; Professora Glacy Gonzales Garcia Gorski que me apresentou a psicanálise e às coisas da vida e do desejo, psicanalista que amei, amo e, incondicionalmente, sempre amarei; Professora Fernanda Leal que me ensinou que a amizade vara tempos impossíveis de precisar; Professora Luciene e Professora Tereza Donato que me fizeram pensar a sala de aula e logo a amar e exercer o labor da licenciatura.

Por não citar nominalmente todos os professores que conheci e que, certamente, também me marcaram, é claro que não serei perdoado, nem por eles e nem por mim mesmo, mas isso, não só, afirma que cada um deles me constitui, mas, mais ainda, são meu passado, estão no meu presente e estarão no meu futuro.

Como o trabalho que apresento a seguir é fruto das relações com meus professores, me perdoem as demais pessoas que amo e que não fazem parte dessa classe profissional, mas hoje é o dia de agradecer a eles, espero que entendam. Sendo assim quero agradecer aos professores que se formaram com minha geração, Professora Élvia; Professora Betânia; Professora Gracielle, Professora Juliana; Professora Tatiana entre outros e outras. Quero agradecer também ao Professor Taciano Valério, um amigo generoso.

Aos Professor Felipe Paiva Fernandes e ao Professor Aubeny de Andrade Arruda, meu profundo agradecimento, vocês são o que eu, filho único que sou, tenho como irmão de todas as horas.

Quero registrar meu agradecimento especial a Professara Maristela de Melo Moraes, coorientadora desta tese. Que a academia continue guiando nossos caminhos. E a professora que nunca a vi pessoalmente, mas que, se faz presente nesta tese de forma definitiva, meus ternos agradecimentos à Professora Ana Paula Leivar Brancaleoni, sem ela não existira o monstrema.

Aos Professores Patrício, Professor Benemar e ao Professor Vicemário meu agradecimento pelo esforço descomunal para que a parceria USP e UFCG se tornasse possível. Sou eternamente grato a cada um.

Antes de fazer meu último agradecimento aos professores que contribuíram para que essa jornada chegasse ao fim, registro meu agradecimento especial à Claudia Rocha, sem ela, eu estaria até hoje perdido no mundo USP.

Quero agradecer a mais um professor inesquecível para mim e, certamente, para Universidade de São Paulo, Professor Gilberto Safra, meu respeito, minha admiração, minha gratidão. Obrigado Professor!

Minha gratidão ao PsiA e ao Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi, em especial ao grupo de Estudos de Segunda, novamente, Ana Brancaleoni, Juliana, Heloisa Abdalla, Raoni Rodrigues, Marcos Paím, Patrícia Amorim. Thanks!

Agradeço, ainda, a todos e todas que me apoiaram na composição deste trabalho. A todos e todas que me acompanharam nessa jornada estranha que foi o confinamento na pandemia do covid em meio a um governo que ousou ser capaz de mostrar a face perversa de um Estado, assim como do povo tão familiar e estranho que faz coro ao mesmo.

Com alegria, esse trabalho é dedicado  
às Professora Andrezza, companheira  
com quem divido a casa,  
o corpo e o universo onírico;  
Ana Luiza, Tereza e Júlia, filhas que me ensinam,  
diariamente, sobre a importância de se ter asas e  
Professora Dirse, a linda e delicada mãe que me assiste.  
Mulheres que enchem minha existência  
de amor e que tornam minha vida viva.



## RESUMO

Lima, A. G. X. (2022). Da alegria e seus inutensílios: o corpo não mente. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta tese trata de uma articulação no campo epistemológico da psicanálise elegendo a alegria como força capaz de movimentar uma estilística de leitura e escrita, que permitiu ao seu autor pensar em perspectiva o relevo ético-político dos afetos fundamentais atuantes no âmbito das práticas psicanalíticas. Materializa com alegria um artefato acadêmico antropofágico, dobrado sobre ensaios de verves poéticas que curto-circuitam entre rizomas científicos e inutensílios literários. Com outros termos, é um esforço de afirmação de um estilo ensaístico que objetiva realizar uma monstreação do conceito de monstrema, sendo este, nem sempre, uma silenciosa canção de figuras movidas em síncope, associadas por turbas enfurecidas de imagens, habitantes inquietas das palavras em vívidas carnes. Tal monstreação arregimenta expedientes antropofágicos ousados que se juntam a política presente nas composições de Paul Feyerabend para quem um certo “anarquismo epistemológico” é condição profícua ao arejamento da ambiência acadêmica, como condição a florescência de outras formas criativas, ou, como prefiro pensar, formas alegres de produção em espaços universitários. Nesta tese, o leitor passará sobre um relevo rizomático no qual a alegria deixa seus rastros, revelando um itinerário que mistura paisagens francesas com horizontes nordestinos. Aqui e acolá, encontros inusitados são propositalmente promovidos, fazendo da jornada uma festa de fantasmas rivais que se permitem, por uma certa ousadia rir uns dos outros. Há também instantes tensos, quando encontramos Ferenczi por vias lacanianas; tocantes, quando somos convidados a dançar com o corpo esfacelado de Artaud; singelos, quando ouvimos do chão nordestino um chamado. Tudo isso pode evocar afetos díspares, mas, como sabê-lo?

## PALAVRAS-CHAVE:

Epistemologia da Psicanálise; Alegria; Ferenczi; Afetos; Monstrema.

**ABSTRACT**

Lima, A. G. X. (2022). Of joy and its uselessness: the body does not lie.. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This thesis is about an articulation in the epistemological field of psychoanalysis, electing joy as a force capable of moving a stylistic reading and writing, which allowed its author to think in perspective the ethical-political relevance of the fundamental affections acting within the psychoanalytic practices. It joyfully materializes an anthropophagic academic artifact, folded over essays of poetic verve that short-circuit between scientific rhizomes and literary inutensils. In other terms, it is an effort to affirm an essayistic style that aims to accomplish a “monstração” of the concept of monstrema, which is not always a silent song of figures moved in syncope, associated by raging mobs of images, restless inhabitants of words in epiphany. Such monstração brings together daring anthropophagic expedients that join the politics present in Paul Feyerabend's compositions, for whom a certain "epistemological anarchism" is a useful condition for the aeration of the academic environment, as a condition for the flourishing of other creative forms, or, as I prefer to think, joyful forms of production in university spaces. In this thesis, the reader will walk over a rhizomatic relief in which joy leaves its traces, revealing an itinerary that mixes French landscapes with Northeastern horizons. Here and there, unusual encounters are deliberately promoted, making the journey a feast of rival ghosts that allow themselves, with a certain audacity, to laugh at each other. There are also tense moments when we meet Ferenczi by Lacanian means; touching moments when we are invited to dance with Artaud's shattered body; simple moments when we hear a call from the northeastern ground. All of this can evoke disparate affections, but how can we know?

**KEYWORDS:**

Epistemology of Psychoanalysis; Joy; Ferenczi; Affects; Monstrema

## SUMÁRIO

Breviário de aterramento.....	13
A Soleira fiction .....	14
A Pavimentação .....	17
A Monstração .....	18
Notícias sobre o objeto.....	19
1. Da alegria e seus inutensílios: o corpo não mente.....	25
1.1. Um esforço introdutório .....	25
1.2. “Omnibus laetitiiis laetum” .....	35
1.3. Por uma apreciação anatomorizomática da alegria no corpus freudiano .....	42
1.4. O Monstrema .....	54
1.5. A Cura da saúde em curtume médico.....	57
1.6. Freud quase alegria: um sono perturbado.....	59
1.7. Anarquologia da alegria em Freud .....	62
1.8. Topologia anátomorizomática da alegria na obra freudiana .....	66
1.9. Quando a íris sucumbe à pupila, resta escuridão.....	70
1.10. Exercícios da máquina.....	73
1.11. Fojos à espreita .....	76
1.12. Do que não se dá às vistas a quem jejua em jardins .....	82
1.13. Exercícios controversos no mercado da jardinagem .....	84
1.14. Do paisagismo aos concílios da jardinagem.....	87
1.15. Da erva que se cultiva em línguas de alegria .....	89
1.16. O concriz e a baleia: apontamentos para uma dança epistemológica.....	94
1.17. Da taxonomia dos biodigestores: os benefícios de uma criatura ruminante .....	97
1.18. O passo antropófico em paço de carne viva .....	99

1.19.	Vermes confabulam conferências em carne viva .....	103
1.20.	Aos roedores que ruminam.....	108
2.	A alegria em Artaud: a face dobrada de um corpo-sem-órgãos .....	109
2.1.	Do rio ao mar: interiorano cheiro .....	109
2.2.	A barcaça: quando a medicina encontra sua casa.....	111
2.3.	Ressonâncias incendiárias: o que do cheiro não boia.....	113
2.4.	Na base sólida do mar, sem crime ou pecado, navega o esgoto.....	115
2.5.	Na mistura viscosa do rio o ventre da vida fermenta .....	117
2.6.	O universalismo antropofágico: lei do vidro .....	118
2.7.	Fome e Medo: a fórmula espectral de um terrorismo cultural .....	120
2.8.	Um pano de fundo confiável .....	122
2.9.	Um exagero exuberante .....	125
2.10.	Artaud: exuberância cruel da carne .....	127
2.11.	O mercado ilegal dos afetos .....	129
2.12.	A troça razão.....	132
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	136

## *Breviário de aterramento*

O trabalho que se segue, atualiza uma preocupação que me acompanha há bastante tempo. Só recentemente consegui colocá-la a termo, quando pude articular no entorno da problemática da alegria, duas experiências profissionais distintas. A primeira remonta minha vivência como estagiário por mais de dois anos em uma instituição psiquiátrica manicomial, e a segunda, quase dez anos depois, quando pude testemunhar todo o processo de implantação da rede de saúde mental, primeiramente, no município de Campina Grande e, pouco tempo depois, no Estado da Paraíba.

Desse testemunho posso relatar inúmeros acontecimentos que marcaram a vida de muitos profissionais: professores de psicologia e medicina a quem atribuo minha formação acadêmica, em especial os psicanalistas; profissionais da saúde, da educação, da assistência social e da defensoria pública. Colegas de sala de aula assim como trabalhadores das mais diversas áreas com quem me encontrei implicado, quando atuei nesse cenário. Todos nós, nos deparamos com importantes transformações institucionais e sócio culturais, o que impactou o campo epistemológico e técnico que vínhamos construindo, perfazendo uma complexa rede de experiências advindas de múltiplas posições. Não são poucas as histórias compartilhadas por tanta gente, sei que não cabe expô-las aqui.

No entanto, nada se compara as vivências que nos foram proporcionadas por intermédio do contato direto com os usuários (internos e egressos dos manicômios) e seus familiares, o que não poderia deixar de ser em nós uma transformação inquietante. Destas posso relatar a inequívoca urgência da transformação radical do contexto da chamada promoção da saúde, com seus dispositivos de atenção, cuidado e vigilância ao sujeito em sofrimento psíquico. Não tenho dúvida de que esses dois momentos, tão diversos em minha vida me coloram de forma contundente diante da questão alegria.

Alegria que poucas vezes fui capaz de testemunhar em contexto hospitalocêntrico, ao assistir perplexo as inúmeras contradições que nos atravessaram a todos e que violentamente me inquire até hoje. Apesar dos pesares, em contraponto, não são poucas as alegrias que mesmo agora posso testemunhar quando divido com meus alunos a nossa presença em serviços substitutivos da Rede de Saúde Mental em Campina Grande, pois, por mais que saibamos do muito que minha geração não conseguiu ter avançado e do enorme desafio que acoisa as velhas e novas gerações diante dos inúmeros retrocessos que vivemos, sei, com a mais absoluta convicção de que é destino do homem e da mulher, esteja ele/ela em sofrimento psíquico ou não, a condição de uma vida livre da clausura médica e da tortura institucional.

Foi desse assentamento que pude perceber que a alegria, não é apenas um fenômeno de fruição desconexa da vida. Como acontecimento presente em muitas relações, portanto, fenômeno inequivocamente político, a alegria é antes de mais nada um acontecimento de corpo vivo, um acontecimento que vibra e faz vibrar também o corpo que é político-social.

Movido por essa constatação, alguns anos atrás, tive a grata surpresa de encontrar na letra do Daniel Kupermann o *leitmotiv* que me traz até aqui. Ao contrapor a alegria ao medo, negando os contrastes comumente estabelecidos com a dor e a tristeza, Kupermann me fez questionar: afinal, não seria a alegria um afeto fundamental? Certamente, essa é a premissa que sustenta não apenas a temática da tese, mas também, move o método de sua construção e define o estilo ao qual recorre a sua escrita.

Assim, posso perguntar: este trabalho é um empreendimento pretensamente alegre? Bom, é o que sinceramente espero descobrir com a ajuda imprescindível do leitor ou da leitora que se aventure pousar seus olhos sobre as linhas que se seguem. Linhas tensionadas pelo real que acossa, levando-me a ousar expor por minha livre vontade de desiludir-se, a dimensão trágica e irremediável da alegria que me afeta.

### ***A Soleira fiction***

No mundo autoproclamado realista que por vias pretensamente objetivas da razão se elegeu como auto produtor, a ficção é convocada a exercer o seu papel histórico mais radical: a contundente crítica à cultura em seu tempo. Cultura que hoje a silencia no seu papel visceral, seja pelo desprezo ao diferente ou ao que não lhe é “natural”, impingindo com ojeriza o que apela ao atropelo da crítica de si mesma.

Nesses termos assumiremos todos os riscos ao dizer que não é difícil inferir que a alegria não é apenas um afeto fundamental. Ao provermos o encontro de Espinosa com Bergson, insurge-se a certeza imaginária de que a alegria é por princípio e fim, o afeto primevo por excelência, que, mais do que testemunhar o triunfo da vida, conforme disse Bergson (2009), a alegria a move, honrando intuitiva e intransigentemente o momento inaugural do corpo inequivocamente vívido, portanto, irremediavelmente afetado tanto pelo acaso de seu aparecimento, quanto pela surpresa de sua presença e morte.

É fato que a ficção “é uma prática simbólica real”<sup>1</sup>, e que no decurso da história humana exerce muitos afazeres. Certamente, o exercício que documenta no seio da própria razão, expondo que o “imaginário, existe, é e tem”<sup>2</sup>, não é considerado um dos seus mais nobres expedientes, no entanto, é inegável que por ele o pensamento de oposição elege flancos ao franco embate crítico, irremediavelmente endereçado ao próprio tempo em curso histórico contemporâneo, no qual a ordem dos negociantes da vida é confrontada com o valor do pensamento que não se converte ao modelo produtivo da vulgar formação profissional mercantil. Formação essa que pela banalidade de sua esnobe redução fascista promove o sanguinolento combate à crítica de contradições sociais engendrada em suas próprias vísceras, mas que, são intransigentemente abortadas.

Nesse sentido o monstrema aqui em curso, é um artefato ficcional que aponta para expedientes de denegações<sup>3</sup> sistemáticas exercidas em campo acadêmico quando neles são confrontadas as linguagens da ternura e da paixão<sup>4</sup>, assinalando o desmentido que incansavelmente se repete pela confusão de línguas, circunscrevendo o fator traumático constitutivo do solo acadêmico no qual se cultiva a chamada realidade científica.

Realidade essa, que sabe, pela assunção de desmentidos, reconhecer a vastidão da exterioridade no entorno do seu reduzido perímetro político epistemológico e que, por vias de um jogo de “esconde-se/escande-se” faz da paixão da linguagem científica naturalizada a manifestação de uma traumatogênese em *corpus* teóricos alucinados, incapazes de contradizer a realidade sintética instituída.

*Monstrema n° meritíssima*

*Hans Kelsen atesta que a ficção é o eixo central do artefato jurídico, sua incidência em tal corpo é real, simbólica e imaginária. A fiction é o próprio mecanismo técnico da Lei.*

Será que na biosfera científica a autocrítica é entidade furtiva e de hábito noturno? Será que noites pavorosas fazem da luminosidade do dia uma zona de conforto demasiadamente resistente, dura, cruel e insensível à vida? Enquanto que, às portas fechadas, protegida pela dobra da noite, a

---

<sup>1</sup> João Adolfo Hansen

<sup>2</sup> Estamira Gomes de Sousa. “O Que é Imaginário Tem, Existe, É. Sabia Que Tudo Que é Imaginário Existe, É e Tem? Pois é...”

<sup>3</sup> Conceituar denegação

<sup>4</sup> Ver Sándor Ferenczi “Adaptação da família à criança”

ciência pulsa na escuridão do claustro suas convicções envoltas a segredos de mistérios surpreendentes?

Se coube a Freud criar sua própria janela para poder respirar garantindo-se ouvinte atento, capaz de escutar seu tempo, mérito deveras reconhecido, certamente a porta que Sándor Ferenczi escancara permite que uma legião imaginária de assombrações adentre ao medievo claustro inquirindo seus habitantes de forma que as razões por eles protegidas, racham escandindo suas desmesuras.

Quanto a isso, as convicções de Ferenczi (1932) são exemplos inequívocos do que diante da crítica que se endereçada aos operadores da ciência, afirma-se como empuxo político-epistemológico. Por seu intermédio, avulta-se a identificação como manobra protetiva capaz de aquartelar o medo do que não é razão, coisa que o húngaro fez transitar nos recônditos do claustro. Assim, não seria razoável dizer que diante dos inequívocos fracassos da ciência, dos erros crassos de avaliação sobre os limites da realidade, ao aspirante à vida científica “arrazoadá” restaria somente a denegação do protesto recalcado que a radicalidade da *fiction* esconde/escande?

Dessas mesmas convicções avulta-se a não menos importante resistência no *locos* do analista que, uma vez apontada por Ferenczi, nos permite estendê-la à topologia do campo acadêmico, localizando-a também no assento científico sobre o qual nos encontramos convocados à autocrítica que flexiona nossa relação com o real e o seu duplo. Por mais que se negue os desmentidos que o acontecimento Ferenczi registra, sabemos que não é preciso revolver a lama para que apareçam na superfície o que nela de profundo é sempre manifesto, como bem pode nos ensinar o “elogio da aparência”<sup>5</sup> que herdamos de Nietzsche.

Se a alegria parece encontrar-se exilada do campo psicanalítico, talvez seja, porque nós, analistas deveras atentos a dor ao sofrimento, submetemos o desejo à única força capaz de eclipsá-la: o medo. Mas, como tudo que se escande na superfície é aparência do que se esconde na profundidade, o medo que boia é tão somente o sinal da âncora na qual atamos a alegria. Será que tememos sermos afetados por ela? Como toupeira que protesta contra as próprias raízes que escolheu para encarcerar-se, nossa docilidade para com o que convenciamos chamar de realidade, convoca-nos a pensar. Quiçá, se a criatura dócil que nos tornamos guarda segredos deveras surpreendentes?<sup>6</sup> Para tratarmos

---

<sup>5</sup> Ver Gaia Ciência

<sup>6</sup> “Agora, a gente sabe, a indústria cultural domina mundialmente todos os espaços e todos os tempos. E ela produz uma poderosíssima blindagem, que é pop e que é fascista, da realidade. E também a universidade de onde a literatura ainda é estudada ela se acha também hoje mais e mais subordinadas às metas de formação profissional comercial fixadas



de tais questões, recorro à construção do conceito de monstrema, o qual, desenvolvo no decorrer da tese, mas que, no tópico seguinte, apresento-o fragmentado como pavimentação inicial.

### *A Pavimentação*

Monstrema é máquina de sentir que pode apontar para uma posição menor entre os seres da matemática e as espécies da física. Seu exercício bélico, sua erótica afetual primal, é empurrar através dos estreitos orifícios do corpo, um espécime esquizo gestado em suas próprias frestas, que, impulsionado pela alegria, é capaz rachar um espaço outro, mover musicalidades em síncope, quiçá, também, marcar um tempo que convoca a dançar por entre outros sentires.

A materialidade do monstrema apela à múltiplas consistências que fazem de si caso perplexo in-mundo. Ora solvente, corrosivo, ora ligeiramente duro, quase macio, na maioria das vezes úmido, não raro, pegajoso, vez por outra, seboso, o monstrema é, também, flexível, poroso que se inspirando solto, livre, vaporoso, condensa e cai como friabilidade densa. Quando firme, muito firme, rola pesado dobrando-se sobre si mesmo, explodindo como nuvens de alegria ao ser arremessado ao chão. Em terra firme, delimita a consistência e o teor da matéria orgânica que lhe deu origem. Se resiste à compressão é porque o cisalhamento de opostos campos epistemológicos o permite fazer do esforço em deformidade a direção à plasticidade em si mesma, manobra cara ao enfrentamento dos sortilégios da adesão que exorciza da coesão os fantasmas pendentes no riso.

O monstrema é busca, prospecção, sondagem. No frenesi da procura que marca a perscrutação da realidade é também filia do fato que não aceita os fatos que simplificam o mundo como ele é. Sua aposta é assumir a realidade como um possível objeto brincante de múltiplos aspectos que cotejam vidas. Um convite terno ao escarafunchar na abundância de perspectivas a fração da alegria que pode transformar relações, aspectos ou, mesmo, meros objetos em um surpreendente outro, capaz de enfrentar a sanha destrutiva que se envelopa no corpo dos exasperados intelectuais acadêmicos como austera e fria REALIDADE sob medida.

---

por financistas da direita, por exemplo: aqui em São Paulo a direita Tucana, propondo sempre que o estético hoje é um anestésico que fornece democraticamente um suplemento de alma à regressão narcísica de todos nós”... João Hansen

O monstrema é uma coleção de anomalias dispostas no pavimento para fazer trepidar o transeunte, agitando-o, colhe seu cheiro, perfumando o campinho. De cada uma que o constitui extrai o odor de suas belezas. Inebriado no valor de tais fragrâncias ele exala seus próprios perfumes como uma concentração muito particular de aromas. Assim, de essências múltiplas e regulares, o monstrema se faz presença, as vezes invisível. Por entre minúsculos orifícios ele ruma em direção de papilas gustativas inativas, quiçá, lhes atiçando a fome de poderosas bestas.

### *A Monstração*

O esforço deste trabalho transfigura-se como um exercício de uma certa modalidade de repetição, a qual definimos como monstração. Expediente que reconhece os riscos contidos nas ilusões de ótica presentes nas pretensas circunscrições do verdadeiro que são tão caras as ciências. Assim sendo, a monstração pode ser definida como uma aposta que intenta evitar o que no verdadeiro se repete como ilusão de ética. Evitá-las, por vias de repetição, talvez seja, o grande destino que a psicanálise horizontaliza aos nossos olhos que escutam o tempo imaginando enxerga-lo.

Assim, o que se segue é monstração sob a modalidade de um trabalho de tese em curso. Com ele, foi necessário arrancar a alegria do fértil solo de Clément Rosset (2000), colhendo-a como afeto autoritário e força maior, para fazer da particularidade que a assiste o contraponto ao medo, o que nos põe em perspectiva diante de questões relacionadas com pontos que flexionam ilusões de ótica, o que por sua via aponta para ilusões de ética. Portanto, consideramos que seu acontecimento é um problema temerário para quem se aquartela em bases discursivas pouco afeitas à inventividade ficcional.

Sabemos que em solo psicanalítico a ficção não é qualquer coisa, o próprio Ferenczi, ao mimetizar-se com o Anatole France, apontou para a ficção como “a faculdade de sentir”. Aprendemos com Freud que desprezá-la é erro crasso. Erro que mutila nossa práxis nos tornando, quem sabe, proletários em suspeição contra a vida, a serviço dos tribunais da razão. No entanto, realidade é realidade, e como nos diz Latour “realidade cobra seu preço”.

A realidade, ou seja, o que resiste a todos os esforços de modificação, foi definida, pelo menos por ora, e o comportamento de algumas pessoas se tornou previsível, em certos casos pelo menos (Latour, 2011:279).

Assim, frente a realidade acadêmica que nos arrasta brutalmente à esteira do produtivismo, ousamos apresentar uma diferente escolha epistemológica capaz de hospedar um *corpus* rebelde ao adestramento que trai, para alguns corpos, a alegria em vida acadêmica. Assim, sob a ausência do medo, entendemos também, que em um corpo há muito adestrado, em tal esforço, qualquer fagulha de alegria dói, no entanto, sua beleza faz rir.

Nesse sentido, este trabalho de tese, monstrem-se inerva como uma monstração possível de si, define-se como um terno esforço de poesia, sua presença no *corpus* exige um corpo no qual possa dissolver-se, quiçá, para neutralizar em microbiota mais alegre os efeitos tóxicos das relações que se seguem.

### ***Notícias sobre o objeto***

A pouca atenção dispensada pelos operadores da psicanálise à alegria nos desafia a assumimos o trabalho dos conceitos que podem circunscrevê-la como um objeto de uma inflexão teórico conceitual no espaço dos fundamentos psicanalíticos. Pois é fato que a alegria independe da psicanálise para existir.

É fato, também, que o avanço dos psicanalistas em solos acadêmicos, continua sendo muito importante para a história política da psicanálise, no entanto, não passa despercebido os inúmeros desafios que vão se espraiando por importantes pontos fronteiros desse relevo deveras acidentado. Nessa geografia, delicadas questões epistemológicas ameaçam dissolverem-se em meio a frágeis relativismos que ao agitarem temas, como o da linguagem, em solúveis extratos de verdade e razão, exigem a atenta observância aos “*estilos de raciocínio*”<sup>7</sup>.

Desta problemática, a primeira que o conceito de alegria nos põe como desafio, a história da acumulação epistemológica da psicanálise, a desvela como um problema pouco valorado. Mesmo diante da constatação da presença do vocábulo em obra freudiana, faz-se necessário perguntar: a alegria existe no universo psicanalítico? Há lugar para ela no estilo de raciocínio ao qual respondem os

---

<sup>7</sup> Ideia que Ian Hacking toma de empréstimo de Alistair, para operar a articulação entre “Linguagem, verdade e razão”, no âmbito do seu livro *Ontologia histórica* (2002).

psicanalistas? Quando acontece, qual o impacto que ela produz na biosfera freudiana? Seria a alegria uma entidade assombrosa?

Sabemos que as academias são campos de refugiados que abrigam desvalidos das mais diversas paragens. São inúmeras pessoas sobre as quais se presume necessitadas de correção instrutiva. A primeira ação de assistência que lhe é sugerida é a da profilaxia epistemológica, o que nos faz perceber que pelas vias insólitas do mercado editorial psicanalítico uma questão espinhosa transita como um espectro que insiste pairar sobre o campo: o que é uma escrita psicanalítica? O que tem no texto é o suficiente para defini-la enquanto tal? Cada vez que tais questões são levantadas assiste-se a dissolvência de certos contornos pretensamente normativos, nem sempre dispostos a apaziguar a singularidade fantasmagórica que habita o seio psicanalítico, confundindo, muitas vezes, o padrão universal capitalista imposto às inúmeras colônias epistemológicas que também albergam os acadêmicos da psicanálise.

No entanto, na dimensão surpreendente da palavra, reside sempre uma questão secreta que parece encontrar na escrita uma via de libertação que, para ser efetiva, conta, impreterivelmente, com uma certa ternura que pode se fazer presente no exercício testemunhal de um leitor sabedor que a marca distintiva de um escrito, conforme parece ter razão Michel Foucault, é a singular ausência do autor. Se isso faz das palavras escritas um apelo, certamente não assegura a dimensão psicanalítica do endereçamento.

Talvez sejamos impelidos a admitir, também, que, o que na tarefa lacaniana<sup>8</sup> se plota como aparelhagem topológica da palavra, sustenta no escrito a estrutura de um sujeito<sup>9</sup> que, ao se endereçar em tal ausência, leva o leitor a não poder negar dar algo de si. Quiçá, tenhamos aqui, o radical paradoxo dos inutensílios aos quais faz referência o título que nos alberga, o que pode vir a funcionar como dado concreto à estruturação textual psicanalítica. Aí está um horizonte possível.

Nesse sentido, o trabalho que se segue é uma proposta ensaística antropofágica ao estilo de um monstrema<sup>10</sup>, o que significa dizer que assume tendência epistemológica afeita aos movimentos de

---

<sup>8</sup> Chamo de tarefa lacaniana àquela que se realiza no campo da escrita e que se materializa nas coletâneas de seus escritos.

<sup>9</sup> Quiçá temos aqui um início de uma conversa sobre o escrito psicanalítico e a demanda produtiva nas academias

<sup>10</sup> Mais adiante você lerá que *Monstrema* é uma composição que recorre aos dois termos, *monstru* e *trêma*, um de origem latina e outro de origem grega. Se o primeiro, *monstru*<sup>10</sup>, sinaliza por vias ocultas “facto prodigioso” ou “advertência de Deuses”, o segundo nos convoca aos “atos”, “buracos, aberturas, orifícios”, que em jogos de dados, por exemplo, se apresentam pelos *pontos* inequívocos em platôs que resistem às fissuras no surpreendente metro da soma. O monstrema é uma canção de imagens dobradas em síncope executada por turbas enfurecidas que habitam palavras. Com ele uma força clama à manifestação da alegria como um ato de ternura no ousado campo do riso, insurgindo-se como um canto insistente que se reverbera entre ruínas. Máquina de guerra trépida que não hesita diante do infortúnio, o monstrema é também, uma monstração de severidades, chagas de autorias inscritas em peles de frontispícios epistemológicos nos quais dançam os psicanalistas. O monstrema é ainda ato de autorias **multiplicas** que de uma anêmica aventura à outra, abre flancos em território acadêmico chamando atenção para os menores e insignificantes acontecimentos de escrita no cotidiano

ideias pretensamente singulares que de um instante a outro, pode vir exigir um certo tempo à compreensão.

Como faz apelo a um esforço de poesia, a ritualística nada servil que o orienta, ensina, subrepticamente, a raptar o tema como momento decisório, necessário, que marcará singularidades como truques de perspectivas em jogos discursivos. Se essa liturgia apela abertamente para uma certa “*teologia do traste*”<sup>11</sup>, buscando, ao menos, parear a atitude estética da escrita com a coerência estilística psicanalítica, fiquemos atentos ao que se prisma no texto como efeitos de singularidades que impregnam o que se deseja autor e, eventualmente, se assim se obtém algum êxito, o que também se deseja leitor.

Se no contexto da clínica médica Freud apontou para o fato estarrecedor de que a palavra chama, convocando ao trabalho, pelas vias da transferência, os sujeitos arrolados. Não seria o escrito uma outra forma de atendimento a esse chamamento? Atendimento esse que chega a ser indiferente a presença ou não de termos psicanalíticos na composição de um texto? O que nos faz perguntar mais uma vez: seria o escrito psicanalítico, um outro recurso inventado pela aparelhagem de se fazer inútil, que sob pretexto de uma convocatória, asseguraria a repetição que implica sujeitos? Sujeitos aturdidos pelos efeitos de uma comilança antropofágica, que em termos ferenczianos poderíamos localizá-los em vias de introjeções?

Às voltas com a peleja do apagamento do Autor, Michel Foucault, ao se perguntar “O que é um Autor” (1979)<sup>12</sup>, logo no início do texto dispara a questão que para nós é fundamental: “Que importa quem fala?”, antecipando, ao leitor uma série de outras pelejas não menos importantes relacionadas ao *locus* no qual encontra-se quando diante do que fôra escrito por quem não escreve sozinho, inquirindo por mesma via o *locos* que ler em meio a diversas companhias.

Ao dobrarmos tal questão nos perguntemos: o que importa quando se fala sobre o que está escrito? Para ele, mais importante do que o lugar vazio deixado pelo autor, é poder descobrir “os locais onde sua função é exercida”. Eis a preocupação primeva que se agita por toda a extensão desse texto como condição dada ao grau “inutilidade” do mesmo.

---

industrial científico e que, se não adverte para a condição hipócrita do leitor, afirma-se como devir radical crítico à hipocrisia em si mesmo. Com isso, o monstremata inquiri o psicanalista brasileiro sobre o que ele pode escrever do lugar de analista. Ao dobrar-se sobre o campo de trabalhos acadêmicos, faz pensar sobre as alegrias em tal labor, pode fazer pensar também sobre os esforços requeridos.

<sup>11</sup> Ver Manoel de Barros e sua valoração ao esquecimento e ao ignorado, como elementos de nostalgia da infância.

<sup>12</sup> In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro Forense Universitária, 2001. p. 264-298

Assim, ao nos entregarmos à maré foucaultiana, somos arremessados, no leva e traz de ondas, aos enigmas que atravessam o problema da circunscrição do autor em meio aos banquetes antropofágicos, como: a impossibilidade de dizê-lo em sua radicalidade de *nome próprio*; as *apropriações* impetradas pelo mesmo que, sequer, lhes garante paternidade à obra; as *atribuições* definidas que põem, quanto às questões das *incertezas do opus* e, a própria *posição do autor* em meio aos simulacros que discursam pondo em movimento a inventividade no texto que lhe fora atribuído, mas que só um método antropofágico poderia apontar nas ruminâncias do escrito as “entidades” introjetadas e seus *estilos de raciocínios*. Isso nos faz pensar... seria um escrito um biodigestor fantástico? Uma microbiota alucinante?

Se recorro ao Foucault que cito acima, como anteparo às fragilidades, aos usos selvagens de certos nomes próprios, é só para lembrar ao leitor/leitora, que tal selvageria pode se justificar também, por um certo estratagema que julga adequar às intenções que azeitam a massa verbal da presente ordem discursiva, com o confesso intento de exercício de guerra. Quiçá, sinalizando, planos discursivos que me são neste momento, ainda, convenientes destacá-los, sem com isso, deixar de me responsabilizar pelas consequências advindas com essas manobras.

Alerto ainda que nesse texto, invenciono apresentar alguns termos, tais como monstrema, monstração, monstrêmico, e os ploto como marcadores, semióforos que auxiliam a circunscrição de prática discursiva assumidamente belicosa, que exige do próprio texto a precisa função de uma máquina de guerra. Assim, entre manobras estabanadas e ataques, mais planejados, asseguro ao leitor que a recorrência aos sub-reptícios da língua me foram caros e a elas atribuo certas conquistas, tais como a que me permitiu ousar interpor autores que não necessariamente servem-se um ao outro no grande banquete universal, mas que, por movimento em paralaxe, por vias de esforço de poesia podem ser mutuamente implicados.

Sabemos que isso traz consequências ao debate. O leitor/leitora, já poderia estar me perguntando: “que método responde ao tal esforço de poesia?”. Ao que prontamente insistimos: um “método antropofágico”. Irresoluto em sua incredulidade, ele/ela pode avançar: “em que consiste tal método?”. “Quais seus instrumentos?”. Por hora, só posso sinalizar uma resposta: espero que ao final do trabalho possa atender mais adequadamente, pois, a preocupação imediata, decorre da urgência, em consequência de uma guerra que fora declarada. Tendo em vista ser esse nosso primeiro movimento, não há ainda medida exata para o que restará sobre a materialidade de nossos corpos, depois que a

alegria, nossa *unidade sólida e fundamental*<sup>13</sup>, passar marchando pelos campos nos quais exercemos nossa batalha.

Mais uma vez, nos inspira Foucault (1969-1970) a montar nossas estratégias rumo aos domínios da prática de dobras de significantes em ritualísticas antropofágicas que encaram os frontispícios como tropos de temporalidade esquisita, o que, por frestas inexatas podem escandir ruminâncias surpreendentes, revelando a medida do acontecimento para além de contexto interpretativo, indo até a zona de guerra descrita por Ferenczi como “*confusões de línguas*”<sup>14</sup>.

Vejam um exemplo de fantásticos acontecimentos que se fazem presentes nesta zona guerra, certamente ocorridos na inocência da ficção, que inequivocamente é dispositivo corrente a todo texto arsenal, mesmo em seu máximo grau de objetividade arrazoada. Ao tentarmos tornar possível a alegre interposição de Manoel de Barros em Sigmund Freud, assistimos ensaiar o fenômeno elementar - que o próprio leitor/leitora pode nos informar - de que corpo não mente. Usando de estratégias semelhantes tentamos avançar um pouco mais, quando com Ferenczi, pulverizando os vermífugos de Augusto dos Anjos sobre os franceses que Antonin Artaud escarificou, fizemos uma monstreação possível para presença da alegria em solo psicanalítico. Afinal, o que nos resta, senão, ousar rir<sup>15</sup>?

Última dica: o que se segue agora é exercício de *fade out*, técnica bastante utilizada na edição de imagens. Faço uso desse recurso para apresentar o sumário do texto. Procurando evitar que o leitor se canse, apresentarei, no limite de parco parágrafo, o que o leitor/leitora poderá encontrar, de forma mais extensa, em cada momento do texto. Prossigo o expediente até que só reste do sumário o desaparecimento do autor, para que, logo dois, em movimento inverso, se insurja a fala do leitor/leitora que fará com que voem as palavras, pois, acredito piamente na verdade contida no monstrema composto para sintetizar esta apresentação:

*Monstrema n.º grupo de fonemas*

*A palavra é um bando de pensadores que quando confinados no escrito confabulam fugas, mas, quando soltos na fala, voam cantando como passarinhos que migram para assistirem o espetáculo da chuva emprenhando a terra.*

---

<sup>13</sup> Termos caros a Foucault

<sup>14</sup> Penso que aqui podemos fazer uma dobra em perspectiva de paralaxe que nos faz rever “a linguagem da ternura e da paixão” como acontecimento também presente na relação de poder exercida no âmbito da colonização epistemológica.

<sup>15</sup>Ver Daniel Kupermann

Assumindo a verve política da psicanálise, para a qual a democracia da palavra é exercida em sua radicalidade, não me resta outra posição, senão, aquela que me fazendo sonhar em minha alegria, proporciona a honra de escutar atentamente você, após a leitura do singelo texto que se segue.



## 1. Da alegria e seus inutensílios: o corpo não mente

*Em nome da sensatez pela adoção da Razão e seus produtos maiores - a ciência, a tecnologia, o trabalho e evidentemente o lucro que os acompanha - como bússolas norteadoras das ações humanas passou-se a olhar com reserva a desmesura e o poder inebriante desta que é a mais contingente das emoções...*

*...O maior obstáculo para expressão da alegria não é, como o senso comum poderia sugerir, a tristeza ou a dor, mas o medo.*  
Daniel Kupermann

*A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei.*  
Paul Feyerabend

### 1.1. Um esforço introdutório

A psicanálise é uma prática exercida no campo fluido das narrativas orais que objetiva “escapar da repetição ao infinito daquilo que teoricamente já se sabe” (FRAYZE-PEREIRA in SOFIO, 2015: 11). Em seu vértice estético espreguiça sempre um esforço de estilo linguageiro implicado com construções de delicadeza ficcional que, diante do uso político do passado, se faz insurgir como frontispícios aos esforços de uma poética do presente.

Uma vez posta em perspectiva, tal *fiction*, movimentada um modo próprio do pensar e sentir o corpo quando este rir, trabalha, ama ou morre. Em meio a uma arquitetura sensível, se edifica por vias do manejo do desejo o que mal se contendo em palavras, estranhamente, põe o familiar corpo que o sustenta a pulsar. No entanto, a psicanálise faz ver que esse corpo ao desejar dói e goza, não raro, vacila entre o prazer e o medo. Se em algumas vezes ele grita, nem sempre o faz como demanda analítica, mas simplesmente em nome da alegria que violentamente solfeja e o afeta.

Em situações outras, resiste ao laço transferencial, o que não quer dizer que esteja plenamente fechado à possibilidade de uma narrativa fugal. Assim, aos moldes de uma composição que se abre elegendo o sujeito alegre ou impedido de sê-lo como tônica, entrega-se à expansão de temas

que em perspectivas, dobram-se por “contrapontos imitativos” de afetos e desejos, quiçá, clamando à ternura.

É justamente nessas trincheiras que podemos localizar a alegria como o afeto fundamental capaz de desafiar o pensamento frente às fronteiras da *epistemé* psicanalítica. Ao nos engajarmos em tamanha peleja, somos impelidos a enfrentar não apenas o “*caráter totalitário*” desta que é “*a força maior*” (ROSSET, 2000), mas fundamentalmente a dimensão que apresenta sob a forma de um “*mecanismo aprovador*” que, ao varar o próprio objeto de origem, força o desfecho do afeto sob a forma de uma “*quitação cega*”. O que no dizer de Clément Rosset, podemos assumir que a alegria se impõe como “uma aprovação incondicional de toda forma de existência presente, passada ou por vir” (ROSSET, 2000: 8). Nesses termos podemos levantar a hipótese de que ao exercer trânsito livre entre pulsões, a alegria é, inequivocamente, um, senão, o afeto fundamental.

Por compromissos empáticos, exercidos em dobras de vozes que fazem corpos vibrarem, a composição psicanalítica, afeita à fala, desvela seus sons, movendo os laços que costuram a erótica da ternura à erótica da paixão que a fere. Sendo essa a condição *sine qua non* aos procedimentos que o psicanalista inscreve no mundo, não seria instigante se perguntar, como se localiza ou qual o papel da alegria nesses exercícios?

Do ponto de vista histórico, a psicanálise se move através das frestas que a mesma produz nos campos epistemológicos pelos quais se estende. Delas emerge a perigosa e instigante dimensão do desejo, não apenas como uma política, mas também como uma ética. Originariamente comprometida com os impasses da clínica médica, a psicanálise se implica, ao mesmo que implica os que transitam no entorno da cratera de sua experiência quase procedural. Da dimensão clínica que a interroga, em sua incidência em campos de saber, ela delimita, de forma radical, sua presença no mundo, não raro, notabilizando tenebrosas forças disruptivas, o que, muitas vezes, assusta até àqueles que rubricam seu lugar com o abreviado semióforo: psicanalista.

É importante assinalar que desde a primeira ruptura promovida por Freud no campo da clínica, o antigo monstro que há muito habita a medicina, instituiu-se definitivamente para os modernos em inequívoca visibilidade na vastidão de seu tempo, assombrando, searas longínquas do canônico cercado médico científico. Tal monstro, visionado por Dr. Freud, arrasta o nome de causalidade psíquica.

Pelos vastos campos de saberes por onde passa, a causalidade que Freud faz ver, produz vexame, desconforto, desconfiança e, o que não poderia deixar de ser, grande resistência frente aos seus estranhos e inoportunos gritos que a acompanham. Como já dito, a fissura promovida por Freud,

teve início no solo da clínica médica. Por mais de um século, ela vem alargando sua presença não apenas no sólido território da biologia que lhe fora berço, mas também, por campos inusitados, se estendendo aos dias atuais, como uma fenda incômoda, até mesmo no controverso universo da científica inteligência artificial.

Diante da aberração desvelada, teria Freud dado vida a criatura que assombraria a modernidade inteira, não poupando sequer seu próprio criador? Que a psicanálise faz ver o gigantesco monstro<sup>16</sup> epistemológico estacionado em nossas salas, não resta a menor dúvida. Que as investidas dos psicanalistas sobre vértice “sanguinolento” dos afetos ajudaram a manter sobre controle os moradores da casa, é outro fato incontestado que podemos atribuir à esperança freudiana.

No entanto, mesmo que ainda hoje não consigamos ver com nitidez o colosso, o monstro permanece no mesmo lugar de sempre, e, se o dito cujo pulsa, desconfiamos que seu coração é pleno da alegria. Nesse sentido, escarafunchar seus dizeres, perscrutar seus escritos, enfrentar suas experiências, é assumir que a psicanálise é um construto inequivocamente moderno e que como tal faz parte do corpo dessa epistemé permanentemente viçosa.

Do inebriante tecido que comicha, a psicanálise também faz pinicar. Assim frêmito, é *corpus* extremamente exigente a quem o toca. Para tanto, unhas de fios empáticos são imprescindíveis às “posteriosas” alegrias, quiçá estas, reagentes fundamentais às toxinas oriundas das fricções que inevitavelmente infectam as camadas contorcidas da modernidade que se racham sobre os silenciosos golpes do empertigado monstro.

Dos múltiplos campos de saberes afetados, herdamos incontáveis utensílios que prometem, ora suturar as rupturas, ora aplacar seus efeitos doloridos, inclusive, àqueles apresentados em posteriores reboliços, fazendo com que seja impossível negar a insistente existência da Psicanálise em nossos dias.

Se a psicanálise insiste em nosso tempo, é porque ela ainda faz coçar. Uma rápida olhadela para os afetos fundamentais aos quais ela se dedica, nos instiga a perguntar mais especificamente: qual o papel da alegria nesse construto? Como se deu o trânsito desse vocábulo na obra freudiana? Que posição a alegria pode ocupar hoje no campo psicanalítico?

---

<sup>16</sup> Refiro-me a Paul Feyerabend no âmbito de suas “adequações textuais” impetradas nas lições tretinas que se albergam na sua obra intitulada “Ciência, um monstro”.

Longe das sedutoras apreciações interpretativas que obra de Freud pode sugerir, optamos por caminhar mirando o passado como quem recolhe destroços na esperança de constituir *in loco* um idiossincrático esforço de poesia para o presente objeto que nos afeta.

Da alegria em terras freudianas recolheremos os marcos que poderão plotar em territórios psicanalíticos brasileiros os impertérritos cacarecos de línguas estrangeiras que aludem à resistência frente ao desaparecimento do impetuoso afeto que pulsa nas entranhas do monstro criado por Dr. Freud.

No entanto, por toda a trilha freudiana nos depararemos com sinalizações que apontam para atual e necessária incidência da alegria no escopo de um afeto fundamental. É fato que, muito já foi dito, escrito, filmado, desenhado, esculpido e digitalizado sobre a psicanálise e seus *utensílios*. Se por um lado, de uma apropriação indébita à outra, a construção freudiana, foi vítima de inúmeras distorções, por outro, a causalidade que instituiu afirmou-se como o núcleo duro da edificação erigida por Freud e seus contemporâneos. Núcleo esse que ao resistir a tudo e a todos, sempre nos convoca a retornar à sua base.

Certamente, é nesse *locus* que residem as inúmeras construções com as quais opera, sempre regido por um jogo de contrastes, o proletariado psicanalítico. Entre tantas construções, *as pulsões* são as que ganharam maior importância na história da ciência freudiana, seguida pelos *afetos fundamentais*, *as estruturas psíquicas* e *as ordens sintomáticas*.

Já em perspectivas artísticas, as articulações foram compostas por valores prospectados nos inúmeros universos trágicos da literatura e filosofia e nas assim chamadas artes plásticas modernas, que deram provas do derretimento das estruturas canônicas que aprisionam a beleza dos mitos, das esperanças, da inventividade humana no pesadelo da neutralidade científica e seu corolário ideal de objetividade, impedindo que os sonhos, as fantasias se expressassem com fluidez no perspectivismo da erótica do tempo intimamente comprometida com a singularidade na qual encontra-se o sujeito situado.

Impelido pelo empuxo de retorno ao tal núcleo duro da psicanálise, é que elegemos a alegria, afeto fundamental pouco trabalhado por Freud, como o *leitmotiv* desse esforço de tese. Com isso, assumiremos, não apenas que a alegria se reafirma como um afeto fundamental que impacta os afazeres psicanalíticos em suas dimensões epistemológica, ética, clínica, política e social, mas também como um conceito operativo no fluxo do campo rizomático no qual se encontra, também, a psicanálise.

Reconhecendo a problemática amplitude desse escopo, assim como o limite que se impõe ao trabalho de tese, tentaremos operar apenas no âmbito da dimensão epistemológica do problema, sem

com isso desconsiderar sua articulação como as demais dimensões que compõem o estuário da psicanálise no Brasil e no mundo.

Nesse sentido, na afluência epistemológica da psicanálise, assumimos que o construto epistemológico freudiano pode ser apresentado como uma máquina de guerra que ao alçar suas âncoras da represa científica, ruma de carta náutica às mãos com desenvoltura ao impreciso mar aberto, sem se permitir à confusão de ser definida como arte, ciência ou religião, mas, simplesmente como aquilo que sempre foi: simplesmente psicanálise.

Assim podemos resumir que a assustadora criação freudiana, tal qual o outro “Prometeu Moderno”, aturde até mesmo a quem lhe deu vida. Talvez, a alegria no monstro nos faça ver que sua real condição é ser o que sempre fora: uma estranha perspectiva entre campos epistemológicos diversos.

Se para nos protegermos da monstruosidade epistemológica da psicanálise, assumimos contê-la sob o manto da ciência, não é nada estranho que à criatura que desmontou a ficção cartesiana no seio da clínica médica, fosse reivindicando lugar próprio para o seu próprio dismantelo como corpo epistemológico inadequado aos quadros taxonômicos estabelecidos. Como a maior de todas as ficções modernas, a psicanálise ao dobrar-se sobre a ficção do sujeito do seu tempo, inevitavelmente não escapa da monstruosidade de si mesma.

Tendo em vista a dimensão protética<sup>17</sup> de todo texto, *fato universalmente autoevidente*, iniciaremos nosso percurso definindo os parâmetros que o circunscrevem como um construto ensaístico. Estratégia que nos ajuda a posicioná-lo epistemologicamente. Na medida do possível, esperamos com isso evitar ársis demasiadamente estridentes que poderiam aludir descompassos irritantes no universo acadêmico, capazes de vexar dançarinos, sendo o leitor, o mais caro deles, ao qual o presente texto se oferece como movimento convite à sua reescrita.

Prenunciando ao analista que “o único curso que lhe acha aberto é o da reconstrução” (FREUD, 1937:277), Freud nos coloca diante do que, se algo aprendemos com a psicanálise, certamente, é que depois dela, todo texto, principalmente o escrito por um psicanalista, é necessariamente uma reconstrução protética que tem seu devir inscrito na probabilística da análise que não refuga, inclusive, à vertente dobrada da literatura em literalidade de si mesma.

---

<sup>17</sup> O texto é uma prótese que, por um lado, estabiliza a torrente de memórias que o tornam um *corpus* possível e, por outro, é o que suspende na longevidade como obra o que faltou ser memorizado, registrado, ou seja, o texto é uma atadura à própria ignorância. Portanto, o texto é um módulo fonético que nos promete restaurar o equilíbrio no pensamento.

Nesse sentido, é pelas vias de transferências cruzadas que, diametralmente oposta a toda e qualquer política eclesiástica, seguimos compondo laços de solidariedade com os avanços promovidos por Daniel Kupermann no território psicanalítico brasileiro, para assinalarmos a presença ou ausência do conceito alegria, como um afeto fundamental incontornável.

Com Freud (1937), para quem as coisas acontecem de forma diferente, o que se segue é tão somente um esforço preliminar de escrita “monstrativa” em contexto acadêmico, o que, no sentido freudiano, significa dizer: escrita a última palavra deste texto, o trabalho há tempos em curso deverá ser iniciado.

Doravante, assumindo a laço transferencial que flexiono à minha identificação estabelecida com a letra de Sándor Ferenczi, é que ousou dizer de minha posição: nos exercícios de agrupar as palavras que se seguem, os inúmeros desagradados inscritos entre um e outro vocábulo, traduzem a condição aturdida do escritor diante dos *vislumbres fugidios* proporcionados pela “a alegria arriscada” que se apresenta junto ao esforço de tentar escrever de forma singular em mundo acadêmico.

Considerando o texto em psicanálise, escrita que chama para si a responsabilidade pelo artesanato em curso, o trabalho aqui realizado traduz o efeito de um anteparo frente a, não rara, terrificante presença da ciência em contexto psicanalítico. Insisto nisso, por entender que ciência que permitiu ao humano recriar seus próprios órgãos, dotando-o de fantásticos acessórios, fato que Freud (1929) não deixa passar despercebido em “O mal-estar na civilização”, alerta-nos que o “Deus de prótese”, ao proclama-se pelas vias científicas o organizador da vida e da morte, é também uma criatura frágil, entidade envolta na *diktyon* venenosa, que o arrasta pela imensidão marinha como um vivo espremido em meio ao cascalho revolvido que lhe deu origem.

Presas nessa espessa rede, a criatura moderna remedia sua dor com os paliativos protéticos da drogadição e do sentido da vida, os quais, por vezes, fazem jus a sublimação que as acompanham em tal tempo civilizatório, cujo propósito é “combinar” sujeitos em contraditórios jogos de individualismos erotizados, prescritos e administrados no âmbito da eclesiástica que se apresenta como arte científica.

Suspeitamos que nas igrejas da saúde, promovem-se de forma indiscriminada o consumo da tão tenebrosa fórmula que une consumo e sofrimento. Conforme nos inspira a pensar Rosset (2000), nossa aposta é a de que a testagem da alegria, como um poderoso reagente aos compostos corrosivos modernos, se faz necessário aos nossos dias.

Portanto, o que virá a seguir, registra a luta travada por um artesão contra os utensílios que calçam a mecânica das atividades, dispondo sua maquinaria de inutilidades a serviço de um esforço de poesia. Com seus inutensílios de guerra tenta mover-se com vivacidade pelo denso e viscoso mercado acadêmico.

Na condição de deriva em larva quente, proponho versar sobre a presença da palavra alegria no espaço psicanalítico, ora como um conceito a ser perseguido, ora como um fenômeno presente e necessário à toda e qualquer procura inventiva. Saber a alegria, como um afeto fundamental, é apresenta-se de corpo aberto aos inúmeros desafios impostos ao naufrago na solidão do thalassa. Dos quais, sem sobra de dúvidas, o medo, é o mais debilitante.

Se em cenários vindouros o assombro se apresenta em vários momentos, o apelo que aqui é feito à poesia, é tão somente um expediente que intenta aplacar o toque frio da petrificante letra da ciência, convida sempre temerário ao geotropismo radical que se gesta na profundidade marinha.

Ao contrário de eventuais ameaças à verdade, a poética aqui disposta faz vias de uma alteridade que se assume em sua efervescência, aludindo da solidão de leitor, a dança dos autores por ele lidos. Se tais entidades fazem mover na mesma ambiência a literatura dita científica e a que não se enquadra em padrões de certos centros acadêmicos, a produção aqui disposta não nega a si mesma a dimensão ficcional que arrama todo o texto, quiçá, nos ajudando a dirimir a dimensão melancólica que a exigente escrita universitária, por vezes, faz instituir como contraponto.

Sendo assim, nos propomos a ler os mortos e os vivos a nossa volta como produção literária de estilos variados, mas que, não deixam de ritmar a dança do presente, ao serem tocados pelo fenômeno da alegria que nos movem.

No entanto, sabermos que no presente salão há um monstro à espreita, eis o fato prodigioso, que esta tese não tem como evitar: a alegria é uma força disruptiva, diante da qual, nada, absolutamente nada, é sagrado, assim como, nada lhe é passível de prescrição.

Por isso, caro leitor, cara leitora, é bom que se diga agora, o texto que se segue, é um convite que te faço para testemunharmos juntos este que deverá continuar sendo um trabalho pretensamente alegre que objetiva contribuir para a diminuição da distância entre a vida familiar epistemológica da psicanálise e o conceito alegria, reconhecendo neste a força, a vontade de potência que o move, afirmando-se, até mesmo, por caráter ficcional, na pujança de sua estética.

Se assim realizar-se-á, que seja este ato testemunhal, movido por essa força maior, pois, o que encontrarás aqui, trata-se tão somente de um esforço. E, com a humilde intenção de agitar em você

um pouco deste afeto fundamental, é que encontramos uma singela razão para existência do alegrete incurso.

Se obtiveres uma nesga da alegria que seja, que esta se dê por caminhos de uma leitura alegremente realizada, capaz de afirmar-se em corpo e com intensidade. Pois, saibas que eu, imensamente agradecido, vibro a plenos pulmões, desejando-lhes que a força que se fizer alegre, em sua aventura perdure por tempo que se julgue necessário em nossas vidas, embora eu saiba, que sobre isso, controle nenhum temos, portanto, conselho nenhum pode ser proferido.

Considerando a inalienável liberdade do leitor, farei uma segunda advertência, tomando-a emprestado de Virginia Woolf que nos sugere haver sempre dentro de nós um demônio a sussurrar aos nossos ouvidos: “detesto”, “gosto”. Sem a mínima intensão de cutucar a tal fera, advirto-lhes que o estilo aqui proposto, assume a dimensão institucional da linguagem esquisita que ousa festejar “epistemologias dissidentes”, quiçá, aos moldes de Conceição Evaristo<sup>18</sup>, uma *escrevivência* em excrescência idiossincrática, portanto, um anúncio político que se afilia a um produto que se realiza por dança entre vários, próximos ou não da comunidade científica psicanalítica, mas que, não se furtam às alianças estratégicas em meio à confusão de línguas que o puritanismo universitário, mesmo exercendo sua máxima crueldade, conforme aprendemos com Ferenczi, é incapaz de conter.

Assim, a língua, isso que em nós não pensa, mas nos faz pensar, pode ser também um instrumento promotor de mudanças, de fissuras, de rupturas. Se com ela ousamos traçar cursos e discursos, é sob os efeitos de seus fluxos que a experiência de sermos atravessados, arremessados, espremidos, dilacerados, interpelados, reconstituídos por ela, ganha peso quanto à definição do lugar que nos encontramos.

Diante disto, o que apresentarei a seguir, é fruto do que até este momento, me foi possível viver como experiência estritamente humana, tornando possível redigir sob moldes de uma leitura antropofágica o que agora se escreve como testemunho da grande confusão. Conquanto, passível de desvios analíticos e interpretativos, o percurso realizado até agora, assume-se, pelas fronteiras do afeto alegria, pensamento que na linguagem presente a reconhece como morada, e que na qualidade de uma salva guarda erótica à leitura, é capaz de se encontrar no corpo de quem se aventura a ler.

---

<sup>18</sup> A escritora preta que põe o preto no branco, movendo pelo campo da escrita afetos que não raro assustam a todos ao por em letra os sussurros de tantos que povoam a arte de escrever, avivando nesta, sua verve mais cara, a transformação em sons injustos.



Enquanto inquilino idiossincrático que acaba de desembarcar com sua mudança, reflito sobre meus cacarecos. Se, em recente morada, ousarei inventar termos novos para dobrá-lo sobre conceitos antigos, é para cumprir a sina de eterno locatário que nunca desaparece por completo de sua antiga morada, pois, quando parte, sempre deixa encalhado no corpo da edificação abandonada, um ou outro daqueles objetos que um dia lhes foi caro.

Assim, encarar o desafio de se fazer presente em abrigo epistemológico psicanalítico, conta necessariamente com a exigência devida à acolhida que só o laço transferencial é capaz de definir as condições. Ao que, para o cansaço que aflige o corpo, nada mais auspicioso que encontrar o loco devido, também, aos seus afetos.

Para um corpo recém-chegado, cansado da viagem, a história revela a psicanálise como um abrigo seguro, mesmo que saibamos que ao desiderato da mercadoria acadêmica, uma torção, um termo tensionado, uma ameaça disruptiva, mesmo que por um esforço abusivo, é fato epistemológico grave, que clama observância até mesmo do objeto que o move.

Embora, contanto, saibamos que a *epistemé* freudiana é marcada pelo sentido da continuidade em eterno descontínuo repetitivo, é fato que nela também habita metáforas mortas, ideias de conexões frágeis diante do corpo comprometido, mas, ao transitarmos entre o enfado de tantas palavras, é digno de cuidadosa atenção, as composições languageiras, há muito esquecidas e que jamais perderam sua verve original e que, portanto, retornam com forças redobradas.

Este não seria o caso da alegria? Conceito que habita desde primeva era freudiana os recônditos dos afetos fundamentais que, ao se dar à leitura, expõe-se como força histórica e epistemológica problemática à psicanálise, convocando o leitor a articula-lo a antigos e novos construtos epistemológicos entre os afazeres que Freud pôs in-mundo?

Certa vez, Harold Bloom, o grande leitor e crítico da literatura universal, esforçando-se para nos ensinar o “como e o por que ler”, disse: “uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação”.

Nesses limites, lhes apresento um dos conceitos que ousaremos dar vida aqui. Trata-se da ideia *mosntrema* que, ao fazer dobra com *monstração*, nos permite enfrentar o desafio imposto, quando propomos um tensionamento pelo campo epistemológico que, histórica e politicamente, nos encontramos implicados, ou seja, o frontispício entre a psicanálise, a ciência e a ficção literária.

*Monstrema* é uma composição que recorre aos dois termos, *monstru* e *trêma*, um de origem latina e outro de origem grega. Se o primeiro, *monstru*<sup>19</sup>, sinaliza por vias ocultas “facto prodigioso” ou “advertência de Deuses”, o segundo nos convoca aos “atos”, “buracos, aberturas, orifícios”, que em jogos de dados, por exemplo, se apresentam pelos *pontos* inequívocos em platôs que resistem às fissuras no surpreendente metro da soma.

Assim, *trema-tremato-tremo*, fazem par com o *monstru* exercendo um esforço de equação esquisita, *monstração*, daquilo que desvia do natural, do habitual, do próprio vulgar de línguas cultas, desvia até do razoavelmente aceitável, ao mesmo tempo que inquire o despotismo gramatical em seus jogos de significação, instituindo-se em território científico psicanalítico como poesia menor ou, se o leitor preferir, como *monstrema*, construção alegremente ficcional que pretensamente se apresenta verdadeiramente como esforço de poética menor, quiçá, inutensílio à epistemé psicanalítica brasileira. Vejamos o exemplo de um *monstrema* sob forma reduzida:

*Monstrema n.º ficção*

*Armar o dito é visar a fala. Afetar-se no texto é sonhar no verbo corpo. Mas, sacudir as palavras, fremir os conceitos, espremer as teorias não é uma bélica ficção capaz se fazer rangir ossos? Tremor que arma amor com o qual dançam os corpos é alegria, portanto, triunfo de vida.*

*Monstrema* é emergência em campo da linguagem que foge à regra, perturbando o estabelecido, acossando a dissolvência, interrogando a igualdade calcificada, promovendo a idiosincrasia em campos ternos. Não seria a alegria o adequado afeto *monstrema*, fato prodigioso que por frestas escande o furo nos advertindo sobre o inevitável de uma força disruptiva “fissurante”? Mais do que uma experiência prazerosa, mais do que uma fuga da dor, o *monstrema* aponta para o meio da vida, interrogando-a sobre os elementos de sua álgebra fantástica e que alguns a consideram inadequada.

Em sendo a alegria o antídoto ao medo, inclusive, medo do que um corpo possa revelar, segue mais um exemplo de *monstrema* em ação:

---

19 Ver José Pedro Machado in Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa

*Monstrema n.º flâmula pele*

*Só a alegria é capaz de resgatar a vida do curtume médico.*

Se assumiremos a presença da alegria em escare que acompanha o *corpus* teórico conceitual da psicanálise desde seus primórdios, seremos obrigados a topologizar sua incidência histórica e epistemológica no campo. Para tanto, faremos usos dos inconvenientes mencionados acima.

Se tal investida, aqui, se traduz como esforço de poesia, quem sabe até, como transliteração do desejo, o que espero de você leitor é que assistas comigo a um retorno ao primitivo da palavra alegria no continente freudiano. Onde de lá se esconde a verve da ternura, escande-se aqui a alegria de um servidor das palavras e das possíveis letras que lhes são necessárias. Letra que o labor ferencziano apresenta-se sempre disposto a lapidá-la, escandido, também, o que de mais radical a constitui: o escrito no incurso do discurso de um singular sujeito que, tendo que se a ver com sua própria erótica, expõe o que em seu corpo se agita em síncope como os inúmeros outros que o processo antropofágico alegremente convida honrá-los.

## 1.2. “*Omnibus laetitiis laetum*”<sup>20</sup>”

Assumindo a advertência de Hesíodo<sup>21</sup> contida na epígrafe<sup>22</sup> à “Alegria” que Clément Rosset (2000) nos apresenta, é que estendemos nosso itinerário de decomposições desta que é definida, como “*força maior*”. Pois nela uma questão espinhosa se insurge como abertura de uma problemática cadente entre o conhecimento e o entendimento, o que em nosso cotidiano, insurge-se como alerta às necessárias precauções frente aos perniciosos desconhecimentos que não raro nos tentam seduzir: se o

---

<sup>20</sup> *Omnibus laetitiis laetum* (alegre com todas as alegrias) era como o próprio Cícero se descrevia. Rosset, cita essa frase colhendo-a de Cícero de *Finibus*, para ilustrar o regozijo do homem em estado de alegria alegre-se em êxtase de amantes, o qual Trabea é o retratado do referido estado (sendo em Cícero o personagem que fala do “excessivo prazer da mente”). O curioso é que no contexto da obra de Cícero a palavra *voluptas* (por associar duas ideias: “a ideia de alegria na mente e a de excitação deliciosa de uma sensação agradável no corpo”), é usada por manter equivalência impeditiva à confusão de línguas que comumente se observa entre o grego e o latim, mas que no texto em questão, inscreve-se como argumento que versa, não apenas sobre o entendimento acerca do que Epicuro quis dizer, mas sobre o direito de prova que assista ao próprio Cícero quanto a possibilidade dele próprio poder entender o disse Epicuro.

<sup>21</sup> Barron e Easterling, 1985, p. 92. É pela *Teogonia* 22 que ficamos conhecendo o nome “Hesíodo”, para cuja discutida etimologia (possivelmente “aquele que tem prazer com o caminho” ou “aquele que emite canto”, ou ainda “aquele que percorre a via do canto”) ver Most, 2006, p. xiv-xvi, e Ercolani, 2010, p. 51, n. 1.

<sup>22</sup> *Os deuses ocultaram o que faz viver os homens. Hesíodo, Os trabalhos e os dias*

que faz viver o humano nos é matéria oculta, será que a força para a qual aponta Clément Rosset (2000) é capaz de escandir o que se faz em nós como política de uma monstruosa economia? Economia para a qual o cálculo da alegria “é prova dos nove”? Prova da qual os ditos normais podem aprender que o impossível acontece?

Como os exercícios retrospectivos sempre surpreendem os trabalhos diários, não apenas pela visceral crítica social a que se encontram imbricados, mas também por sugerirem a repetição do familiar como evento de consequências históricas, diante disso nos perguntemos: será que pela língua hesiódica nos chegam amalgamas de uma certa economia capaz de escandir nítidas confusões na gravidade da língua na qual a alegria se faz presente?

Dos acontecimentos que se registram no espaço-tempo dos afetos, o cotidiano é sempre disposto com os elementos estranhos que o afrontam, constituindo-o como a dimensão mais íntima do seio doméstico. Via dos compromissos históricos assumidos, é a eles que devemos nos dirigirmos para traçarmos o exercício de decomposição aqui proposto.

Dessa perspectiva, não é estranho que Rosset sem negacear com o tema, abstendo-se das fintas cerimoniais que às vezes requerem os introdutórios de um texto, logo no primeiro parágrafo de sua obra - “Alegria: uma força maior”, nos arremessa violentamente ao colo do totalitarismo, para que nele nos deparemos com o caráter radical do objeto a que se dedica circunscrever?

O incontestável cenário de “tumulto, confusão e horror”<sup>23</sup> que orna o portal do debate que se inicia, faz jus ao compromisso narrativo que se arrasta desde de final da década de 40 até os dias atuais, quando Hannah Arendt em 1949 termina seu monumental “Origens do totalitarismo”<sup>24</sup>. Nesse colo de “ressonâncias desagradáveis”, Rosset faz dobrar-se sobre nós, como um fantasma aterrorizante, o caráter totalitário da alegria que se afirma como um afeto de força maior.

O que faz com que logo da soleira de sua obra nos perguntemos se de Arendt herdamos ou não, o que parece não cobrir o espectro do totalitarismo que ressoa no campo por onde passa a alegria em nossos dias?

O totalitarismo que se instituiu por vias liberais democráticas, passando a ditar a política em esfera global, amplamente exercida no Pós-Segunda Grande Guerra, e que, inevitavelmente, nos trouxe aos dias atuais, descreve o tempo não menos *tirânico, fascista, unipartidário e militarizado* que nos acossa de forma bastante familiar. Isso significa dizer que o projeto eugênico que inspirou Hitler e que

---

<sup>23</sup> Hannah Arendt assim descreve o cenário que imediatamente antecede a sua proposição sobre o Totalitarismo.

<sup>24</sup> Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo (Hannah Arendt, 2009)

aturdiu Arendt foi tão somente uma investida aparentemente fracassada, entre uma série de outras, inequivocamente exitosas, que ainda fazem da marcha do desenvolvimento eugênico em curso, o totalitarismo global, inequivocamente, ascendente de lá até aqui.

Necessário dizer ainda, conforme sugere Arendt, *sine ira et studio*, sem raiva e ambição, e duvido que para a maioria de nós, contemporâneos que somos desses dias atuais, que não começaram ontem, mas que é deveras familiar a nós e a nossa antepassada histórica. É duvidoso que possamos completar a negativa em seu raciocínio com suas palavras que dizem, “com desgosto e pesar e, portanto, com certa tendência a lamentação, mas já sem cólera muda e sem o horror impotente” (Arendt, 2009: 265). Talvez, não seria mais adequado dizer que, quando mais estranho parecer ser, sob a pressão que Rosset faz sentir, o saldo desse monstruoso período histórico totalitário se conta por vias de uma economia alegre? Economia essa que incide também sobre solo psicanalítico?

Afinal, às duras perguntas da Hannah<sup>25</sup>, necessário se faz inquirir o tempo verbal circunscrito como indicativo do pretérito perfeito composto de modos nada convenientes às *embarras de richesses* que até hoje parece não envergonhar ninguém, ou seja, que embora o regime hitlerista tenha aperfeiçoado exercícios de governos totalitários e não tenha podido gozar por mil anos de tais benefícios, é fato que muitos outros exercícios fazem largo uso da fortuna experiencial produzida pela Alemanha nazista. Principalmente, por àqueles que sem o mínimo pudor se valem das análises da própria Arendt para desviar seus olhos da “Guerra contra os fracos<sup>26</sup>” que, sem um segundo de trégua, é travada até hoje.

Se a embriagues não nos permite senti-la, certamente não é a corruptela da inconsciência que nos fará esquecer-la, pois, o tempo não é monolítico, nele, perspectivas são sobrepostas, duplicadas, paralelas, transversais, inclusive as que se encontram no mecanismo aprovador constitutivo da alegria<sup>27</sup>.

A alegria aparece como uma espécie de quitação cega concedida a toda e qualquer coisa, como uma aprovação *incondicional* de toda forma de existência presente, passada e por vir (Rosset, 2009:7-8)

---

<sup>25</sup> “O que havia acontecido? Por que havia acontecido? Como pôde ter acontecido?”

<sup>26</sup> Ver Edwin Black: IBM e o holocausto: a aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana (2001); A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior. (2003) e Conexão nazista: a história revelada da colaboração de grandes corporações americanas com o holocausto e a Alemanha de Hitler.

<sup>27</sup> “Há na alegria um mecanismo aprovador que tende a ir além do objeto particular que a suscitou, para afetar indiferentemente qualquer objeto e chegar a uma afirmação do caráter jubiloso da existência em geral” (Rosset, 2009: 7).

Nesse sentido, com Rosset, podemos aprofundar que a alegria coloca em primeiro plano a *afirmação do caráter jubiloso da existência em geral* como um afeto indiferente ao objeto que toca. Como um dispositivo antidogmático, a alegria chama atenção para a organização do mundo em meio a mortalidade no que nesta triunfa vivo, apresentando-se por exercício cruel de liberdade capaz de testemunhar a vida em suas mais diversas manifestações. O que nos impõe a difícil e inevitável tarefa de refletir sobre extremo absoluto de um tempo capaz sentir a recusa à sobrevivência de um Primo Levi, assim como, à perseverança de uma Família Rockefeller que conjuntamente com outras tantas, industrializam formas completamente distintas de uma política financiada, por que não dizer, pela força da alegria manifesta no caráter onipresente do totalitarismo global do pós-guerra, que fez do mérito, uma alegria social desmedida.

Se Primo Levi precisou se matar para triunfar como vida, a necessidade de matar dos chamados “industriosos da vida”, que financiaram o holocausto judeu, e ainda financiam um sem número de outros “rituais sacrificiais”, como o que assistimos em terras indígenas no Brasil hoje, é tão somente a dobra do princípio de crueldade em jogo na economia política da alegria que se aninha entre as inequívocas pulsões chanceladas por Freud.

Assim, ao contrário daqueles, para quem a alegria encontra-se estranhamente “suspensa em nada e privada de qualquer base” (Rosset, 2009: 8), ou mesmo definida como “uma hipótese inexprimível” (Rosset, 2009: 8), a aposta aqui é que ela, partícipe da economia dos afetos que, inequivocamente, tem base, tem plano de ação e exerce-se como manobra de guerra por entre afetos fundamentais, gozando inclusive, e nisso, não há como não concordar com Rosset, dos *extraordinários privilégios* de “perseverar quando sua causa é ouvida e condenada [...] não se render à razão alguma, de ignorar alegremente tanto a adversidade mais manifesta quanto a contradição mais flagrante” (idem).

Na economia dos afetos, a alegria se apresenta como o “*plus*”, um “a mais”, um “mais ainda” que não se reduz às promessas mercadológicas, mas, se efetiva como fato político em vértice totalitário, *efeito suplementar e desproporcionado* da ação do princípio de crueldade que rasga os cabeçalhos de prazer e de realidade, desvelando-os como dimensões duvidosas de uma topografia contábil indiferente a trocas e a prestações de contas. Sem esperança ou expectativa, ao que concerne à alegria, apenas o implacável real detém o saldo de suas operações, o resto de triunfos indiscutíveis que fazem dela própria, em sua gravidade última, uma resposta, quiçá, uma resposta de gratidão à vida,

A alegria é um fenômeno de corpo que vibra peripateticamente. Como um instrumento de corda solta, prescinde atenção delicada à afinação que a faz comichar. Sua tensão reside no material que a constitui, portanto, passível de vícios que lhes são inerentes, inclusive aqueles coercitivos e violentos,

afiliados ao terrorismo do totalitário que a inerva. Assim a alegria, a curta distância, aponta sempre para o regozijo das coisas vivas, sem deixar de flertar com o que nelas jaz em *punctum pruriens*. Nichos doloridos de podridão nos quais vidas outras lutam fazendo o corpo coçar.

Pois a alegria, afinada como vibração de vida, mais do que um testemunho de seu triunfo, é alegria, fundamentalmente, de mover viver, e como tal, “ela só tem facilidade em respirar numa existência efêmera, precível, sempre mutável e desejada como tal” (Rosset, 2009:20). O que, na contabilidade de Rosset que a expõe como paradoxal, mas, jamais como ilusória, ela “consiste em uma aprovação da existência tida por irremediavelmente trágica” (Rosset, 2009:24). Por fim, ainda com Rosset, se a alegria é não ilusória, é, a um só tempo, inconcebível, portanto, radicalmente paradoxal.

A alegria constitui a força vital por excelência, seja simplesmente por dispensar, a esperança – a força maior em comparação com a qual toda esperança aparece como derrisória, substitutiva, equivalente a um sucedâneo e um produto de substituição (Rosset, 2009:29)

Eis aqui o que chamarei de o **punctum pruriens iudicii** deste trabalho, quando busco, antropofagizar em território psicanalítico a dimensão crua (cruel, não digerida, indigesta<sup>28</sup>), a escolha, a “a preferência de Rosset” em acomodar a alegria no trágico, expondo às escâncaras a carne que não mente. Segundo ele, alegria consiste apenas no trágico e em acordo com ele. É dessa topologia anamórfica que delimito a querela incontornável. Primeiro, porque assumo discordante via à tradição filosófica que instiga Rosset a articular a tristeza e todo corolário de esperanças por ela arrastado, como par rival à alegria, embora o considere lúcido ao apontar a indiferença desse afeto a toda ordem de infelicidades com uma única exceção, e, segundo, no entanto, assumo o risco, dividindo-o com o Kupermann (2010), que a alegria é desafeto do medo, o que só diante do qual, ela é puro fracasso, como uma absoluta ausência, pois já não há triunfo de vida.

Há ainda uma última ressalva, um tanto quanto a contragosto, que comicha no puctum acima mencionado, como uma pergunta inconveniente: se a alegria é um afeto, certamente alberga força, no

---

<sup>28</sup> Rosset em “O princípio da crueldade”, nos chama atenção para “*Cruor*, de onde deriva *crudelis* (cruel) assim como *credus* (cru, não digerido, indigesto) designa carne escorchada e ensanguentada: ou seja, a coisa mesma privada de seus ornamentos ou acompanhamentos ordinários, no presente caso a pele, e reduzida assim à sua única realidade, tão sangrenta quanto indigesta. Assim, a realidade é cruel – e indigesta – a partir do momento em que despojamos de tudo o que não é ela para considera-la apenas em si mesma: tal como uma condenação à morte que coincide com sua execução, privando o condenado do intervalo necessário à apresentação de um pedido de endulto.” (Rosset, 1989: 18).

entanto, em solo psicanalítico, mesmo que a consideremos como afeto fundamental, será possível toma-la como uma força maior?

A argumentação por vias trágicas do Rosset nos empurra inevitavelmente ao lugar por ele definido como fatal: “lugar em que qualquer tentativa de salvamento filosófico vem fatalmente se quebrar” (Rosset 2009:26), o que nos faz inquirir, do lugar de um crítico inoportuno, se o tal malogro se aplica também ao campo psicanalítico quando este é forçado a se a ver com a alegria.

Será que estaríamos diante do encobrimento de uma tragédia? Tragédia que convoca paliativos culturais, revestidos de intencionalidades “clínico-curativas”, a operarem satisfações substitutivas, compensatórias, delirantes, quiçá, até alucinatórias, à manutenção da longevidade do medo? Não é isso que fez e faz a política da vida na polis, um pungente mercado que explora “*peessoas que ninguém sonharia em fazer se tratar*”?

Na história dos saberes um imbricado jogo econômico se desenvolve movimentando forças de perplexidades surpreendentes. Impelidas por verve afetiva, tais forças, volta e meia, são confrontadas por impasses que não se bastam às ordens epistemológicas que as aquartelam, protegendo-as das mais imprevisíveis intemperes. Acompanhados de uma mudança de tempo mais brusca, importantes danos são inscritos na ordem do dia, mesmo em estruturas bem consolidadas.

Em fluxos violentos deslocam-se não apenas o que se encontra na superfície, mas, às vezes, são lançados ao ar livre artefatos esquecidos em porões antigos, ainda com marcas de carimbos de devolução. Considerando a origem de seus endereços, tais saberes são arremessados às portas de epistemólogos em envelopes inequivocamente ético-políticos que mesmo envelhecidos mantiveram seus conteúdos intactos. São querelas para quais mal se sabe o impacto que são capazes de produzir nas formas do conhecer, conseqüentemente, no próprio relevo de toda a extensão do tabuleiro no qual ousamos operar.

Não seria esse o caso dos “pacotes” ferenczianos, que em data precisa foram devolvidos, mas que agora nos são reencaminhados por um temporal violento que insiste em colar nas encomendas, seus selos de urgência? Não é difícil imaginar que quem ousa abrir tais sobrescritos se imbrica com ordens discursivas não menos perigosas do que o próprio conteúdo que logo se verá liberto, dividindo forças, pareando pelejas, convocando ações decisórias.

A decisão a ser tomada nos convoca a assumir nossos próprios pontos de inflexão quanto as proposituras do Ferenczi. Ao serem expostas nossas formas de lê-lo, como condições às maneiras de conhece-lo, explicitamos, inevitavelmente, a decisão quanto ao “o quê” o honra, ou simplesmente, ao



“o quê”, que, tristemente, pode silenciá-lo mais uma vez. Se considerarmos, ainda, que a irremediável condição de intérprete a que estamos condenados, não é pouca coisa para nos lembrarmos da posição que nos encontramos e que nos obriga a estarmos muito mais bem informados sobre o Ferenczi e o seu tempo, do que o próprio autor à nossa porta. Assim, não há refúgio de tolo que nos caiba! Somos incondicionalmente testemunhos do que ele fora, assim como do que seremos nós.

Certamente, a simpática condição de *infant terrible* a que Ferenczi fora reduzindo, nos lembra sempre que a maturidade de suas proposições faz jus a idade e ao lugar de quem as proferiu, e que o reduzir a tanto, infantilizando-o, diz muito menos de nossa imaturidade do que nossa sagacidade de adultos bem esclarecidos que não se enganam. Ferenczi morreu! E, diga-se de passagem, não morreu de velho! Disto, não resta a menor dúvida. No entanto, a alegria em sua letra, de uma forma ou de outra, vividamente acontece entre nós, indiferente ao medo que possa evocar, inclusive, na própria teologia do nosso erotismo inconfesso!

Não é à toa que a Eros sempre é atribuída a esquiva diante do grotesco irremediável constituinte do afeto que representa. Quando a este é evocada a presença do real, ele transmuta-se em pura esquivança frente a corrosiva crueldade em si mesmo. Na arbitrariedade do amor e do ódio, a verdade é sempre uma preocupação com a perda. Ela não é apenas o que se impõem ao interesse do psicanalista, mas, o que o instiga a enfrenta-lo como um arriscado empuxo ao desejo à indiferença ou, quando não, ao próprio medo de ir até o fim.

Ao acontecer, principalmente ao público esclarecido, a corajosa beleza Ferenczi é puro horror e espanto que não admite de sua plateia a recusa do implacável exercício de sustentação do lugar de analista, pois, esteja este onde estiver, ocupe ele o sítio que ocupar, a fantasia, essa companheira de longa data, que o acompanha em todos os seus passos, saberá ele, é ela deveras sedutora. De suas reticências maledicentes, recusar suas súplicas é simplesmente a primeira decisão que cabe ao analista, e se ele estiver deveras atento, saberá também que mesmo o “duro teste de realidade”, tem em sua dureza, a consistência que só a testagem do princípio de crueldade é capaz estimar, nem que seja por suas obviedades.

Até mesmo o cientista está sujeito às fraquezas e às paixões humanas: vaidade, ciúme, preconceitos morais e religiosos que, em face de uma verdade desagradável, têm a tendência para encobri-la, e não poucas vezes ele se mostra propenso a aceitar por verdade um erro que se harmoniza com o seu sistema pessoal (Ferenczi, 2020: 233).

Ao dar nomes ao incorrigível pedantismo presente no proletariado da ciência, Ferenczi, quando aponta nos afetos a razão, a qual se pode atribuir possíveis deformidades na realidade, prescreve: “todo trabalhador científico, deve, em primeiro lugar, submeter-se a uma psicanálise metódica (Ferenczi, 2020: 233).

Com Ferenczi, para quem a psicanálise, às vezes, é “um pé de cabra” capaz de esgarçar a imbricada relação entre o caráter e faculdade de objetividade, afinidade essa que aturde o cientista, exige do mesmo que, da precisão de seus atos, seja imperioso cernir quanto a exatidão afetiva do ornamento à autoridade que inevitavelmente todo cientista faz uso. Autoridade essa que, em performances laborais não deixa de convocar estranhas fantasias, sendo assim, para honrar o peso ético da prescrição ferencziana, necessário se faz, dobrar a atenção sobre os circuitos do imaginário, assim como sobre o simbolismo que ele pode evocar sob a forma de *recalcamento de ideias incidentes*.

Não parece ser realmente singelo o esforço contido nos exercícios de Ferenczi no sentido de inventar, de transmitir a beleza de uma tradição que lega aos recém-chegados a indubitável confiança que garante, talvez, a boa acolhida do novo que se move na eterna e temerária repetição? Nesse vértice encontramos com alegria o Sándor Ferenczi, como aquele que conduz o ritmo da dança que se segue, sem com isso, deixar de escutar em suas notas as aparentes inconveniências que se ouve em um ou outro compasso.

### ***1.3. Por uma apreciação anatomorizomática da alegria no corpus freudiano***

Com o plano da retroação que é insistentemente incidente em solo psicanalítico aprendemos tão somente, mais do que qualquer outra coisa, o que não se pode obter da realidade, senão o que nela pôde se fazer existir. Sendo assim o exercício de localizar algo na obra freudiana exige a delimitação topológica do próprio construto proposto, pois, acompanhar a lógica do autor é expediente um tanto quanto conturbado, não apenas, porque ele nos arrasta em giros surpreendentes, mas também, porque, não raro, seu labirinto se move, à revelia do próprio autor.

Portanto, é deveras prudente, abster-se de todas as orientações canônicas, pois, se nas vísceras da psicanálise habitam inúmeras personagens míticas que tangenciam seu percurso, ora avivando suas ambiguidades, ora denunciando suas contradições, certamente, Ariadne é aquela que ao

assumir sua verve cômica, compõe-se chiste para si mesma, quando postada sob o semióforo Freud, sugere, de mãos vazias, ter esquecido em casa, seu utensílio mais caro.

Nos dias atuais, assumir que a psicanálise é um constructo epistemológico singular é tão grave quanto olhar para o fato de que no seu centro reside a causalidade psíquica e que, desta, o impacto freudiano se estende muito além de suas fronteiras, arremessando as pulsões, ao mesmo tempo que centrifuga afetos como forças que definem a erotização dos corpos no manejo de suas relações, seja no âmbito da clínica ou, mesmo, dos espaços sócio culturais revelando o poder dos seus limites.

A construção que propomos mover pelo campo freudiano se fresta em dobra rizomática afetiva contrastante. Em meio as pulsões a alegria é a que responde por ambas. Como veremos mais tarde, em sua primeira aparição em escrito freudiano, Freud a isola, nos deixando inúmeras questões em aberto. Assim a alegria desde cedo é afeto que em solo psicanalítico aparece sobre a sombra de um recalque epistemológico, conforme podemos constatar na construção do “Caso 5” nos *Estudos sobre a Histeria* (1996). Lá, Freud vislumbra pela primeira vez em sua obra a alegria em meio a um fenômeno de conversão histérica. Mas, o que pode ser dito quanto a finalidade desse afeto no arcabouço epistemológico de seus escritos, senão que ele é sistematicamente eclipsado?

Ao longo da obra de Freud não é difícil notar a importância que as pulsões vão ganhando no decurso histórico da psicanálise, como também no que sucede ao seu acontecimento nos territórios adjacentes às experiências analíticas. Transversal à euforia do arranjo geopolítico da epistémé moderna, o trabalho de Freud, sensível à história e às relações que no tempo por ele descrito se sobrepõem, impacta o entorno não apenas das ciências médicas, mas, se assim podemos dizer, de todos os saberes que têm o humano como objeto central.

A cada incursão à essa sobreposição temporal, assiste-se avivar uma profusão de dobras, às quais críticos viscerais são aturdidos, estilhaçando por sua vez as pulsões que os substantivam. Sendo assim, podemos dizer que o *corpus* freudiano é a realização inacabada de uma escrita dedicada ao desenho de uma outra arquitetura epistemológica edificada no seio da modernidade, inequivocamente, instituída para que a vejamos falhar.

Não é difícil notar que, aos poucos, tal construto vem se acomodando no latifúndio acadêmico como entidade estranha à literatura científica, na qual, estão interpostas temporalidades extraordinárias que acentuam afetos refratários ao arrefecimento imposto pela marcha metodológica-científico-psicanalítica.

Disposto em corruptela anacrônica, posso dizer que conforme nos faz intuir Michel Foucault (1914), a Psicanálise assinala uma inédita forma de compreensão sobre as forças que constroem o *vivo*. Freud, diante do mal-estar na modernidade, parece nos permitir elaborar, sob o efeito do *a posteriori* retroativo, uma “anarqueologia” bizarra dos afetos humanos.

Partindo dos sítios da ordem médica, é ele quem lança na atmosfera política da modernidade um arsenal de irremediáveis impossíveis. De sua letra, emergiram construtos conceituais que quase se confundem com personagens de literatura mítica. Governar, educar e curar, depois de Freud, não são apenas os verbos mais caros à toda e qualquer plataforma ético-política a serviço da civilização, mas, inequívocos monstros, entidades da razão no mal-estar na cultura.

Do incansável trabalho freudiano herdamos uma modalidade de pensar e promover cuidados capaz de perceber e sentir a força escópica de uma interposição temporal erótica que, incidindo sobre o presente da carne humana, desvela a construção do passado que ainda a fere, fato político social que orientou, não apenas, a direção do mais caro afazer médico - a prescrição como estrutura panóptica que constroem a relação com pacientes-, mas também, a promessa de cura à revelia da interioridade afetiva da dupla.

Com a letra psicanalítica, podemos depreender, ainda, que as circunscrições dos limites impostos às ciências “duras”, são as mesmas que constroem os cientistas sociais quando estes se encontram frente a frente com o vivo que pensa, sente, se cala e sofre, também, dos pensamentos que ornaram os saberes que os coagem.

Se a contemporaneidade de Freud foi incapaz de assumir a radicalidade da implicação ética que ele fez ver, lamentamos dizer com Ferenczi, que o neurologista austríaco não fora o único a claudicar diante da monstruosidade que ainda hoje se agita no ventre psicanálise.

Eis a realidade última que se abriu para medicina científica quando, em sua clínica, o famoso médico, se deparou com a causalidade psíquica. Não é difícil imaginar as razões que levaram Freud a aquartelar-se no *front* da metapsicologia, deixando para trás as ruínas do campo de batalha epistemológica que a ciência médica legou à indústria e ao comércio a responsabilidade de reconstruí-la.

Do corpo à sua frente, estranhos ecos reverberaram. Diferentes daqueles que se propagam da própria boca do médico, Freud logo se deu conta de que nesses ecos vibram também o desejo que lhes falta a saber, não apenas sobre a fonte dos inoportunos sons que se converte em chagas, pululando de um órgão a outro, mas, mais ainda, sobre o que decorando os contorcidos tecidos sôfregos à sua

frente, também gritam como alegrias incontestáveis. São incômodos ruídos que povoam o mundo humano fazendo vociferar a carne, ao mesmo tempo que ecoam nos ossos de quem as ouvem.

Desprovidos de pálpebras, os ouvidos dos homens e mulheres jamais poderiam deixar de escutar a duração desses compassos que se propagam rumo aos seus desejos. Os corpos, assim agitados, ensinaram às ciências do cuidado a obsolescência de mapas frente a nítida imprecisão das fronteiras, o que, para quem procura padrão, converte-se em puro intangível.

É fato, que os sons, que povoam o mundo humano, constituem as coisas que neles passando a existir. Seguros do ritmo a que servem, às vezes, dispensam as palavras abstendo-se até do uso de letras ou garatujas. Indiferentes às prescrições que lhes são impostas, são capazes de conduzir o vivo por danças silenciosas, dissolvendo os mais resistentes grilhões.

No início da psicanálise Freud percebeu que os sons, na história do corpo humano, pulsam composição de medos e de alegrias, não deixa de ser curioso, a sua predileção pelos primeiros acordes. Como dedicado profissional que era, o neurologista, preferiu ouvir as tirânicas vozes que sustentam a paisagem sonora das ciências médicas. Mas, o ato consciencioso não deixou de produzir seus próprios ranger de dentes. Será que somos capazes de ouvi-los ainda hoje?

Em uma de suas caminhadas pela rua, Sándor Ferenczi (1909), assumindo a criativa verve psicanalítica, elabora o que talvez tenha sido os mais disruptivos questionamentos em solo freudiano: haveria também associação de sons? “Sons que nos acodem ao espírito” e “que não sejam determinados pelo conteúdo das palavras”?

Que as palavras se propagam como melodias pelos corpos, isso não é novidade ao psicanalista húngaro, a radicalidade em seu questionamento, abre uma fissura no *corpus* psicanalítico freudiano fazendo entrever que o que vibra no corpo de um analisante<sup>29</sup>, pode fazer ressoar no analista uma empática<sup>30</sup>, e por que não dizer, às vezes, uma terna cantoria. Cantoria que o convocaria, quem sabe, a visionar o sítio no qual a brutal violência se encontra com a ternura<sup>31</sup> que há em todo movimento repetitivo.

Se por cansaço ou insistência, fadiga ou emoção, o que não podermos deixar de notar é que Ferenczi, inscreve-se, na história da psicanálise como mudança e deslocamento não apenas técnico-

---

<sup>29</sup> Lembremos os solos da Senhorita Elisabeth Von R. quando Freud toca suas chagas.

<sup>30</sup> Lembremos Ferenczi quando põe a bailarina em movimento.

<sup>31</sup> Lembremos Kupermann lapidando o estilo empático que boa parte dos psicanalistas ainda não se deram conta do seu brilho.

clínico, mas ética e epistemologicamente definidos. Assim datado, se dele, ainda hoje, reverbera delicados movimentos no compactado campo da causa freudiana, é porque, o duro solo do “Pacto Francês” não foi capaz de resistir às vibrações que tiveram seu epicentro na Hungria, desvelando o subsolo do chamado “apelo à reconquista do campo freudiano”.

Do mais, o que nos resta são provas das mudanças que ele anteviu como inevitáveis ao nosso tempo. No exercício de visionar o mundo, Ferenczi convoca-nos ao sonho imaginativo de que na origem reside um trautear sonoplástico que implicam corpos, arrastando para eles a sutileza dos sentidos pela violência de sua concretude.

Ao que parece, desde dos idos primevos da psicanálise, é este o expediente que vem povoando o espaço comunal de homens e mulheres com suas belas e tenebrosas fantasias. Poéticas que fazem com que Ferenczi não se negue a admitir deixar-se tocar pelas “associações puramente musicais”, nos inspirando a dizer com ele, que o suposto ritmo, ao se fazer presente no encontro das carnes, exige delas uma surpreendente ternura em forma dança.

Ferenczi não nos deixa dúvidas, seu questionamento impacta a episteme psicanalítica. Em seu breve texto de 1909, “Da interpretação das melodias que nos acodem ao espírito”, ele arremessa violentamente o leitor ao chão de fábrica dos conceitos, abre na dimensão teórica e técnica da psicanálise, uma fresta poderosa que nos possibilita articular, pelos afazeres psicanalíticos, a musicalidade que os constituem com os humores que despertam.

Se recolho a incidência do humor na construção conceitual, é porque com Ferenczi o corpo, considerado seu instrumento expressivo por excelência, manifesta-o como afeto, e, como tal, dá provas da efetividade do entorno epistemológico. Quando nos aproximamos de Ferenczi desconfiamos que: não seria a alegria, já presente no início da clínica freudiana, o que se faz incidir pelo campo psicanalítico, como um conceito bem-humorado, capaz de fazer rir até mesmo da clínica que não a enxerga? Nos trilhos da provocação de Kupermann (2003), ousamos também, dizê-lo: isso não convoca ao ousado riso?

No mercado internacional das palavras o que convencionou-se chamar de *épistémè* dos franceses, faz dos nossos dias a era do desaparecimento do homem como objeto evanescente. Nessa direção, tempestades discursivas arrastam todo tipo de entulho soterrando esse que foi considerado o *enfant* dos *enfants* entre os inúmeros objetos das ciências.

Certamente não foram os franceses que inauguram a arqueologia requerida por tal fenômeno, se coube a eles a interessante poética em um instigante exercício genealógico, talvez, quem

sabe, de uma impressionante manobra anárquica, o horizonte que os vara, sempre foi as ruínas civilizatórias expostas pela tradição a qual Freud é tributário. Nelas, todos os modernos são assombrados pelos ecos que evocam, fazendo-se presentes de suas línguas às solas de seus calcanhares.

Assim, da oralidade à escrita, nos rastros de línguas, a presença da imaginação psicanalítica deu largas ao profuso movimento de recompor mundos. Atividade esta que requereu a assunção do recurso epistemológico freudiano, aparato estético invencionado, capaz de provocar mudanças radicais no instante passado, no tempo presente e no momento que futura.

Ousar dizer a realidade, talvez tenha sido a consequência mais grave do exercício de visionar mundos a que se dedicam os psicanalistas. Constantemente desafiados a salvaguardar as aparências estabelecidas, tal exercício é permanentemente confrontado com a contradição que o institui como face brutal de si mesma e, que, por assim se apresentar, convoca-nos a pensá-lo sobre lastros críticos e estéticos, ou seja, conhecimento que se dar, inevitavelmente, não apenas por vias de intelecto, mas também, por vias de um corpo que sente, portanto, capaz de interrogar a partir do sentido que julga saber em compromissos de transferências.

É nesse contexto que podemos dizer que na articulação rizomática da psicanálise, o corpo é o único que não mente, pois de cara sente, o brutal e cruel engano aterrorizante, estrutural estruturante, presente tanto no que se fala, quanto no que se escreve, restando o interdito em quem se sente e vive. Da vívida carne obtém-se o exame que se escuta, como prova cabal do testemunho da sua imagem em mundo.

A arte, a ciência e a psicanálise, tanto aqui, quanto lá fora, nos ajudam a reconhecer que o final do século XIX é marcado por uma profusão de literatos e cientistas, exegetas da vida cotidiana. Seres fronteiros que, da imponência de seus mirantes, fitam os atavios que os suspendem à beira do abismo no qual ficam a face da guerra que os levam mutuamente uns aos outros. Ao analisarem as imediações dos vivos, eles se depararam com bizarras relações entre os curiosos seres de estranhas e tenebrosas escritas.

Em, 12 de maio de 1919, em carta à Ferenczi, Freud informa ao amigo, ter “desenterrado” em uma de suas gavetas, “um velho texto” que naquele momento se dedicara a reescrevê-lo. Nesse texto, ao dar mostras de sua pesquisa sobre as “qualidades do sentir”, Freud desvela, da história de um apaixonante autômato, a mais bela e real poética sobre o nosso tempo: *Das Unheimliche*. Estranho, termo comumente relacionado ao horror, ao medo, a repulsa e a aflição, chama atenção de Freud a

necessidade de se considerar a *extrema delicadeza de percepção* que o mesmo requer em sua abordagem<sup>32</sup>.

Pois, conserva em sua natureza o familiar, o que, há muito, é conhecido, mas também, como bem lembra ZIZEK (2009) ao apontar para a ecologia da ética, o que se compromissa entre o mau e o pior em nossas escolhas e que nos põe diante do que estranha e acomoda, sendo também em si o que é irremediavelmente incômodo.

Considerando que a psicanálise continua sendo a vanguarda da clínica médica, não é interessante a forma como lidamos com as relações que envolvem o corpo e suas sensibilidades nos dias atuais? Não é estranho como a medicina científica, ainda hoje, não encontra dificuldade em transformar o medo no mais eficiente invólucro que protege o mercado da cura, sufocando, dia e noite, a insurgência da alegria?

É interessante, como nesses expedientes, natureza e história se fundiram em sítios deveras profundos, quiçá, seja necessária uma expedição “anarqueológica” para que o passado entulho seja removido dando vivas ao presente, mesmo que este se apresente sob formas repetitivas sobre as quais, tal erótica mercadológica, não permite discussão. Enquanto isso, manobras esquisitas se alastram por entre rinhas em territórios da saúde como garantia de domínio sobre corolário de sofrimentos psíquicos.

Que nos distanciamos do corpo e suas *poesis* é fato que não perturba as palavras, não ameaça ordens discursivas: o corpo distante do solo afetivo do qual triunfou como vida é tomando refém de uma ciência cada vez mais distante da manobra que a fez instituir-se como política; de uma psicanálise cada vez mais distante do amor transferencial que a fez triunfar como clínica; restando a nós, refugiados nos campos da “atenção e do cuidado”, a bizarra condição de habitar um familiar corpo que sente em carne viva seus afetos como puro compromisso com o medo.

A íntima distância das estranhas modernas que nos tomou por encanto e covardia, nos tornou frágeis deuses de próteses que se olham de um outro ao outro. Com monóculos que miram, sem escala, do átomo ao cosmos, a modernidade nos inventou poderosos, mas, a consequência mais impressionante disso, foi nos fazer ver da nossa fragilidade, a problemática ético-política que se escande nos espelhos de face oculta em projetos oficiais. A modernidade nos proporcionou inventarmos nos como criaturas formidáveis, elegantemente monstruosas, surpreendentemente encantadoras, aterrorizantemente delicadas, intrigantemente ternas para com o que nos come.

---

<sup>32</sup>Não é interessante imaginar que um psicanalista afeito à música poderia sugerir que o corpo é constantemente tocado por delicadas e estranhas melodias de medo e alegria?



Nos tornamos seres magníficos movendo-se por vastidões como autômatos de familiaridade querida. Nos tornamos caolhos estranhamente especulares que desprovidos de pálpebras se olham ativamente como humanos emergentes do encanto e do horror de si mesmos. Violentamente lançados à perplexidade, insistimos contar a nós mesmo a nossa espetacular história habitacional *in mundi* que como amedrontados vivemos.

Não é uma alegria que todas essas alegorias ornem nossas construções discursivas mais caras que por mais que nos denunciem são incapazes de nos tirar do curso. Freud pôs in-mundo um saber cruel. Repeti-las e repeti-las, e repeti-las mais uma vez e mais ainda, talvez seja a sina dos modernos, talvez seja também o movimento que poderá, inevitavelmente, nos por em curso de um trabalho psicanalítico inevitável. Se não podemos atribuir a Ferenczi tal sonho, tal delírio, não podemos deixar de admitir que sua letra é inspiradora.

Principalmente se considerarmos que entre psicanalistas Ferenczi foi deixado pouco à vontade em meio as eventualidades dos desmentidos. Teria ele conhecido o pior do que nos constitui como psicanalistas? Teria ele visto no semblante de nossas máscaras o indício do real que pode nos envergonhar? Eis aqui talvez, a dimensão mais cruel do saber psicanalítico, a alegria de varar as máscaras sem se encantar com os indícios de falsidade, como se preparasse um frio e sóbrio saber que inequivocamente atinge a carne em medida trágica.

De implicar uma secreta decisão de ignorância por motivo de abatimento, uma “rejeição”, no sentido freudiano, do que não se deve saber se se quer conservar a coragem de viver. (Rosset, 2000:69)

Em última instância, se há um capítulo importante na última biografia a ser escrita sobre Ferenczi é aquele que trata da complexa e vexatória implicação entre a necessidade do fato com a necessidade da lei.

Mas que alegria! Não? Talvez na literatura encontremos espaço onde bestas devoradoras de deuses, tornam-se criaturas mais do que blasfemotórias povoando as edificações de Leibniz com sua poesia sacrílega. Ao passarem pelas academias com o avesso da fé que as subsidiam, agitam os mercados centrais, promovendo queimas da sua droga, entorpecendo espíritos consumistas deixando-os à beira da *overdose*. São essas criaturas que na imaginação corrente tomam de assalto o corpo, o mundo e o outro dissolvendo-os como reduções sôfregas.

O interessante e provocativo trânsito pelo final do século XIX e por todo o século XX, dá-se notícias da experiência marcante desse tempo teimoso e intenso, às vezes, irônico e vingativo, que estranhamente insiste entre nós. Fato que aponta para o recorrente medo de sê-lo diferente, pois, o medo da diferença se fez afeto perseverante entre nós, que cristaliza a razão, como anteparo à força disruptiva da alegria, fenômeno indissociável de um corpo que teima desejar-se vivo.

Como todo tempo substantiva no viver o fantasma que lhe coube o assombro, é nosso dever aqui considerar - como bem poderia dizer Brás Cubas, sem *rabugens de pessimismo*, galhofa ou melancolia - que nos dias atuais, a psicanálise ainda se apresenta como um problema político epistemológico, deveras grave.

Ao que diz respeito a sua incômoda presença em mundo, insistir em sinalizar os descompassos da modernidade em relação aos saberes que ela própria institui, não é a única força à fragilidade do cronograma que alberga a psicanálise e que inevitavelmente por ela é tensionado.

No seu movimento interno, no qual se agitam conceitos e teorias canonizados, prenhes de rupturas que, não raro, vicejam perplexidades em quem mira precipícios, a psicanálise é mal assombro que ronda a modernidade. O *corpus* teórico psicanalítico é um desses compostos fronteiros de membranas conceituais complexas, que não esconde por formulações monstruosas as características gerais de sua política. Sua ordem de funcionamento é ultrasensível ao que em suas entranhas gestam como silêncios prontos ao grito, rompendo definitivamente seus guardados.

Os interiores desta teoria são constantemente agitados por traumas, representações e transferências cruzadas que ao desafiarem limites epistemológicas pela erótica que os inervam, não se contém às criaturas nos fenômenos relacionais que descrevem: corpo-pulsão, analista-analisando, mundo interno-mundo externo.

Um conceito como pulsão é inequívoco empuxo ao trabalho, não apenas pelas convenções que o sustenta, mas também pelos pressupostos por ele convocados como guias. Lembremos o fato deveras curioso, desconcertante, de que a pulsão tendo sua origem no mundo interno, exige e produz mudanças no mundo externo, aludindo uma complexa dança de afetos.

Os afetos fundamentais com os quais o conceito de pulsão desenha proximidades extremas, faz com que estados emocionais, homeostáticos ou sensoriais, movimentem constantemente regiões obscuras nos objetos por ele revolvidos, ao mesmo tempo que agitam outros tantos afetos, naqueles que se autorizam a analisa-los. Afinal, para honrarmos a letra de Freud devemos assumir que a pulsão, é antes de mais nada um conceito *mobile*, mesmo na condição de uma convenção epistemológica, é o

que na gramática da psicanálise substantiva a constância dos movimentos, é também, força que comicha do interior do objeto, sendo impossível fugir de sua incidência (Freud, 2013), precipitando corpos que sonham no sólido atrito do ar em queda livre.

Desafiando os operadores, tais carnes que despencam como flâmulas alegres rumo ao seu destino, a pulsão expõe os afetos em suas expressões mais estranhas. Já ao que se diz respeito às representações por eles “requeridas”, essas, não apresentam a mesma vivacidade. Os acordos vocabulares que ancoram os afetos na economia pulsional geram mais problemas do que soluções para os impasses que pavimentam os destinos das pulsões no campo analítico.

Assim, o cotidiano dos psicanalistas define-se por traçados epistemológicos estratégicos à tradução dos avanços frente aos impasses que se dão no âmbito de suas clínicas e que se mantém em íntima face com os problemas sócio-culturais que os repertoriam, convocando-os a revisões de ideias, palavras e conceitos.

Embora, tais diagramas tenham privilegiado a dimensão catastrófica da vida. Conforme nos lembra Penna (2017):

Estamos em contato, na clínica atual, com angústias difusas, complexidades afetivas e formas extremas de sofrimento, onde o medo, o desamparo, o ressentimento, o ódio, a vergonha, o tédio, dentre outros afetos, expressam-se de forma contundente. Nesse sentido, tais sofrimentos, além de apontarem para o mal-estar da vida em cultura (FREUD, 1930/1976), apresentam-se como manifestações de agonia, dor e desesperança, diante da deterioração das formas atuais de inserção no mundo social (Penna, 2017. p. 15<sup>33</sup>).

Embora, não é esse o único plano que pode nos atormentar Outros caminhos, menos explorados, são também extremamente reveladores, não apenas acerca das querelas epistemológicas e das técnicas desenvolvidas no âmbito da clínica, mas ainda, do que subsidiam as análises, apontando, fundamentalmente, para os próprios limites impostos pela tradição psicanalítica em sua relação com a cultura, o que faz da mesma, um importante elemento constituinte do contexto no qual se encontra.

O desenho sombrio com o qual Freud (1927<sup>34</sup>) representa a cultura, é herança inequívoca que arrasta-nos por cenários histórico-políticos afetivamente bélicos. Das cenas sociais marcadamente

---

33 Carla Penna. O campo dos afetos: fontes de sofrimento, fontes de reconhecimento. Dimensões pessoais e coletivas. Cad. Psicanál. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 39, n. 37, p. 11-27, jul./dez. 2017

34 Ver futuro de uma ilusão

conflitivas emerge, com seus exercícios de poder e coerção, um modelo humano hostil que se debate frente a renúncia pulsional, exigência primeva e continuamente presente no decorrer da vida de civilizado. Assim, à tal criatura, restaria o trabalho permanente de conter as tendências destrutivas que o esforço civilizatório arrefece pelas formas de controles dos fenômenos antissociais.

Diminuir o ônus da renúncia, reconciliar o sujeito com a ordem coercitiva, fornece-lhes compensação por sofrimentos inevitáveis (Freud, 1927), são desafios enfrentados por modelos culturais dos mais diversos. De suas plataformas ético-políticas espera-se mais do que a disciplina, espera-se ainda, a efetividade do sacrifício. No entanto, Freud (idem), ao articular o recurso à coerção com as deformidades nos regulamentos culturais, centraliza não apenas os efeitos da amargura e da vingança, mas define a inacessibilidade dos pontos fuga que alinham o sofrimento com a dimensão obscura do civilizado.

Às margens da alegria, o desenho cultural freudiano é saturado pela dor e o sofrimento, embora haja espaços para humor e os chistes, os traçados das disposições patológicas avivam cenários nos quais imperam, para além da rebeldia cômica, a mania de destruição. Avareza, mentira, fraude e calúnia são recursos largamente adotados por civilizados que os cultivam como antídoto para o mal-estar constituinte da vida grupal. Ao apostar nas “vantagens mentais da civilização”, anteparo às hostilidades dos homens, não haveria Freud eclipsado a alegria como um poderoso reagente clínico-político? Sabemos que a metacênica psicanalítica é saber que se firma sobre o solo das observações dos estados patológicos diante da grande causalidade, o que aconteceria com sua fraseologia habitual se passássemos a observar as manifestações da alegria como *móbile* conceitual poderoso?

Originária do latim vulgar, a raiz do termo alegre, faz a palavra alegria apontar para o esperto, vivo, expedito, ardente, folgazão e bem desposto<sup>35</sup>, insurgindo-se, não raro, como um convite à embriaguez bélica, ao prazer de viver como contentamento de víveres. Assim viçosa, potente, a alegria, enquanto quanto força, é exaltação, é, segundo Bergson (2009), sinal de que a vida triunfou, que a criação se fez ver em intensidade suficiente capaz de produzir afetos a sua volta.

Tudo isso não seria o suficiente para ter chamado a atenção de Freud em direção à alegria? Não gera curiosidade que uma palavra que sinaliza toda essa positividade participe de forma tão tímida na obra do psicanalista?<sup>36</sup> Não existira alegria em Freud? Por quê? Quais as circunstâncias que o levaram a não dotar esse tema de uma gravidade maior?

---

35 Ver Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de José Pedro Machado, 3º ed. Livros Horizonte. Lisboa, 1977.

36 É o que pode ser constatado na Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

Mais curioso ainda é que nos seis importantes dicionários dedicados à psicanálise, o verbete jamais aparece. Pelo menos é o que pode ser revelado em breve itinerário pelos espaços nos quais subsome a alegria no território desses glossários. Em Laplanche & Pontalis<sup>37</sup>, o vocábulo desaparece entre a agressividade e o alo-erotismo. Já em Luiz Hans<sup>38</sup> a alegria some no vácuo entre a alienação e a angústia. Ao cruzar as fronteiras com Alain de Mijolla<sup>39</sup> o termo encontra seu sumidouro entre o alcoolismo e o Alexander (Franz Gabriel). Enquanto isso, pelas vias coloniais francesas Roudinesco e Plon<sup>40</sup>, assistem a alegria ser abduzida em algum lugar entre a Alemanha e a Hungria do já conhecido Alexander (Fraz). Por fim, mas, não menos importante, é o que se verifica no enciclopédico legado de Freud e Lacan, editado por Pierre Kaufmann<sup>41</sup> que produz ritorno à agressividade de Laplanche e à Alienação de Luiz Hans.

Será que agora podemos dizer, definitivamente, que não há lugar bem definido para alegria no campo psicanalítico? Ou estaria o campo exigindo novos deslocamentos de fronteiras? Certa vez, ao tratar da memória social Jô Gondar, ao refletir sobre o contemporaneidade de 2005, disse: “Nosso presente apresenta outros problemas, convocando conceitos que lhe façam face” (Gondar, 2005:9), acompanhando a autora, de forma um tanto quanto em transversalidade, podemos dizer hoje que se o medo é problema de veras antigo, presente e operante nos dias atuais, a contingência da alegria deve ser construída como uma novidade capaz de impactar a vida onírica assim como a exterioridade que a circunscreve, alinhando outros contornos para o vivo.

Pelos ousados caminhos de Kupermann (2003), rir não é qualquer coisa, principalmente quando ele constata que o horror, ao ganhar primazia sobre o riso no período do romantismo, cruza as fronteiras psicanalíticas exercendo o mesmo domínio não apenas sobre a angústia, mas também sobre a alegria. Assim, tomando de assalto Kupermann, podemos dizer que estão dadas as coordenadas à pertinência da alegria no território da clínica psicanalítica, quando:

...só se justifica se nela o sujeito puder experimentar, na própria carne, a transposição das fronteiras que lhe são impostas pelo mundo utilitário do trabalho a partir do qual seu ego é moldado, restando assim a alegria necessária para persistir no processo introjetivo de erotização da própria existência e na correspondente “sexualização” (cf. FERENCZI, 1913a), responsável pelo nascimento da linguagem e pela constituição dos seus objetos de satisfação (Kupermann, 2003:33).

---

37 Laplanche e Pontalis. Vocabulário da Psicanálise.

38 Luiz Hans. Dicionário comentado do alemão de Freud.

39 Alain Mijolla. Dicionário internacional da psicanálise.

40 Roudinesco e Plon. Dicionário de Psicanálise.

41 Dicionário enciclopédico de psicanálise – o legado de Freud e Lacan

Fruto do intenso debate que as ideias freudianas têm nutrido, dos modernos aos modernistas, a psicanálise não é apenas um saber que se produz nos entremeios epistemológicos ou nas brechas anárquicas da invenção criativa de saber, ela é também, conforme faz pensar Kupermann (2003), uma plataforma ético-política em constante marcha. Momento esse que tem no seu epicentro o propulsor nome Freude, palavra com a qual, para que a gente nunca mais esqueça, em língua materna da psicanálise, se grafa a alegria.

#### **1.4. O Monstrema**

Quando em 1491 Johannes de Kettha publica seu *Fasciculus Medicine*, primeiro texto médico ilustrado, o mundo ocidental herda uma tradição publicitária que embora tenha mudado pouco a forma do objeto que anuncia, inaugura uma erótica que chega-nos aos dias atuais recheada de representações que nos faz duvidar do que se conserva como conteúdo. É fato que decorrido tanto tempo novas e surpreendentes janelas foram sendo abertas em cada recôndito do corpo.

Aliado a tecnologia o raciocínio dedutivo exercido em clínica médica fez avançar não só inventivas compreensões sobre uma ordem de funcionamento que constrange o corpo a processos imbricados com os sempre novos constituintes descobertos, mas, o fundamental dessa complexa dança, parece ser o perigoso empuxo à naturalização de todo o processo do humanamente vivo.

Assim, o pensamento científico que toma de assalto essa profusão de imagens dedicadas ao governo dos vivos, se impôs como um modo de vida medonho que sob a tutela da ordem discursiva médica é prescrito e inscrito em carne viva. *Sub judice* à medicina, tal disposto expressa e formaliza regras gerais que impactam, desde cotidiano mais ordinário da vida comunal, às mais excêntricas formas de existir a que um corpo está sujeito.

Será verdade que em tal modo de existência, o medo avança de forma brutal sobre o vivo arrastado por uma pastoral que se dedica a conversão do corpo em instrumento de força produtiva que sobre a vida grita apenas notícias de esperanças?

A ciência fez do campo epistemológico da medicina um território literário de poucos clássicos. Nas infindas reedições que ainda existem, registre pouca coisa do que resta em eclipse sob a força da erótica econômica que reduziu brutalmente tal forma de vivo.

Não se pode conferir a um ser humano nenhuma oportunidade, nenhuma responsabilidade ou obrigação maior do que a de tornar-se médico. Ao cuidar de pessoas que sofrem, [o médico] precisa ter habilidade técnica, conhecimento científico e compreensão humana... Tato, solidariedade e compreensão são o que se espera de um médico, pois o paciente não é uma mera coletânea de sinais, sintomas, funções desordenadas, órgãos lesionados e emoções perturbadas. [O paciente] é humano, tem medos e esperanças, busca alívio, ajuda e tranquilização. **Harrison's Principles of Internal Medicine, 1950**

No entanto, do medo à esperança, do alívio à tranquilização, se é verdade que o pensamento científico se impôs como um modo de vida, é verdade também, que o tal modo de existência, avançou de forma inequívoca sobre o que vive, o que deixou de viver, o que nunca teve vida e, principalmente, sobre o que jamais a terá. Pois, se assim deseja a ordem científica, o que se comprova no labor de seus operários é a presença de um corpo que cansa, que adocece, que grita. A história da humanidade nos conta que volta e meia, o corpo desiste de gritar e quando isso acontece, à intransigente força da alegria é dada a chance de debelar de si impor frente o medo. O que poderá acontecer com um corpo que sabe que não tendo nada, nada tem a perder?

Diante de indelével destino, não é raro esbarramos em vidas clamando socorro. Não é raro encontramos víveres em luta para provarem-se vivos. Não é raro o silêncio que encobre todos esses gritos. Estamos sempre sendo assombrados pela dura fantasmagoria da ciência. De raro em raro a erótica que enerva a ordem tem vencido todas as lutas, ocupando quase todos os cenários, destruindo quase todas as resistências. No entanto, não deixa de ser curioso que ela tenha conquistado até os psicanalistas.

Mas, como todo movimento de desterritorialização gesta em seu ventre os instrumentos da reterritorialização. Não é extraordinário que, volta e meia, a possibilidade da existência de uma máquina de combate que pode ganhar força suficiente para avivar linhas de fugas sobre o caudaloso rio da destruição?

O desenho estratégico deste trabalho em curso é tributário das tensões presentes nos movimentos acima mencionados. Portanto, sua deformidade responde não apenas ao estilo bélico adotado, mas fundamentalmente, a monstruosidade que faz mover-se pelo campo acadêmico, instaurando-se na zona de batalha epistemológica como máquina de guerra: monstrema.

Para Deleuze & Guattari (2002), a máquina, seja a de caça ou a de guerra, seja até mesmo a de crime, acarreta “toda espécie de devires animais” (D&G, 2002: 24). Portanto, falar sobre “o como” se torna possível e necessário conceituar este monstrema, esta máquina que dispomos a mover aqui... com Bartleby direi: “I would prefer not to”<sup>42</sup>, mas, como, às vezes, abrir mão das preferências faz parte da estratégia, para nos mantermos no rito, direi apenas o que um ensaio conceitual me permite.

Assim, repito, Monstrema é um recurso que tenta mover em objetos obscenos, quiçá, mostrar com suas impurezas o que no saber pode comover saturando sons, rebolando visões, acelerando imagens, revolvendo memórias e expectativas ou, na melhor das hipóteses, promovendo alegria. Com ele buscamos efeitos afetivos, às vezes poeticamente constrangedores, não raro, medonhos, mas certamente passíveis de derrisão, como é o caso a seguir:

*Monstrema n.º filhos anômalos*

*Não devemos temer o prometeu moderno. Como nós, ele é apenas um filho da mãe que, como nós, demanda cuidados. Ele é o nosso duplo. E, os infelizes arrepios que se inervam em sua presença não se restringem à repugnância que por ventura produz, pois é também excitação erótica. Portanto, não temamos o monstro.*

Um monstrema, poderia ser considerado também, o grau topológico que desenha platôs rizomáticos, sobre os quais pisamos e que não nos permite faltar com a deferência ao campo normado da psicanálise em febris conjuntivites.

Sendo assim, aos modos artaudiano acrescento: um monstrema, em sendo um recurso que tenta mover afetos, revolve fragrâncias sulfurosas, podendo tocar em vermes pestilentos que rastejam em dulcíssima carne. E da obscenidade que o localiza, produz monstrações em perspectivas alegres delineando a beleza da força presente pelo afeto que o conduz.

Para tanto tomemos as máximas: “nada de agenciamento maquínico que não seja agenciamento social de desejo, nada de agenciamento social de desejo que não seja agenciamento coletivo de enunciação” (Deleuze & Guattari, 2018:149) e que em todo e qualquer movimento que consigamos ver, que nele possamos sentir a afetuosa presença da alegria, inclusive por delicadezas de esquisito gosto.

---

<sup>42</sup> Bartleby é o personagem criado por Herman Melville na obra Bartleby-O escrivão, publicado em 1853, que a todo pedido ou solicitação que lhe era feita respondia prontamente “Eu preferiria, não”.



Não quero aqui apresentar a “procedura de expressão” e/ou o “procedimento de conteúdo” desta tese, apenas convido você a fazer a dobra gabiru, neste que é um texto monstrema que por suas vias busca firmar a relação do conceito no interior de seu próprio agenciamento. Advirto-lhes, caso sejam tomados de assalto pela linguagem que curto-circuita em intensidades no que em ti habitam, não se espante com o ranger ritmado do Berra Bode que pode fazer vias de trilha sonora ao acompanhar a experiência.

Segure firme na sobra do nó central que sustenta o cilindro de barro, pois o instrumento que grita, fragmenta o som, centrifugando o ranger de seu próprio corpo. Assim, aproveite o giro sonoplástico, pois o que virá adiante, nada mais é do que, aos modos ferencziano, fragrâncias de um maneirismo infantil, sob forma de arte do contíguo que busca agenciar-se pela imensa seara de tons romanescos repetidos pela “grande família indefinida e confusa” dos fantasmagóricos saberes implicados. Estes, que são compostos, não apenas por uma profusão de confusões de línguas, mas, inequivocamente, como nos faz sentir o húngaro, por uma, não menos grave, confusão de corpos. Relacionar-se com eles talvez exija de nós uma certa simpatia, um certo compromisso que responde pela captura empática, a qual a monstração é seu recurso mais caro.

### ***1.5. A Cura da saúde em curtume médico***

Com os micélios semânticos expostos, um princípio de ação põe em alerta corpos capazes de se assumirem vivos, principalmente, quando estes se afetam no exato momento em que se relacionam com a morbidez das clínicas. A psicanálise, jogo de práticas políticas iniciada por Freud em tabuleiros de xadrez, sob pretextos de uma metapsicologia, depõe o seu manto mimético expondo a monstruosidade que sempre fora: a metaclínica médica.

Tributária do curtimento bioquímico, a psicanálise, ao exercer sua mecânica inquietante, estende sob o campo das práticas médicas a eletrostática que incide sobre o cultivo amoroso da clínica, desvelando a mais assustadora relação que move os tecidos em alcovas científicas: o amor transferencial.

Se a construção acima não soa elegante, os destroços das ações de curas, metódica e incansavelmente presente na assistência médica, não ajudam muito, mas, para entender a ruptura que

Sigmund Freud promoveu, fazendo avançar a clínica médica por vanguardas jamais vistas, talvez seja necessário, o recurso da deselegância que afeta os cânones científicos. Pois, depois que esse homem ousa atravessar a soleira das fortificações médicas, a todos os corpos envolvidos pela clínica, a atenção se volta para o que deles se ouve, tanto no que reverbera no chamado paciente, quanto o ressoa em sua assistência.

Não há como deixar de considerar que os primeiros trabalhadores que se aventuraram como psicanalistas reuniram-se justamente entorno dessas ruínas, para nelas poderem ouvir, dos soluços em seus pacientes e em se si mesmos, os ecos de falas baixas, de gritos contidos em corpos deveras agitados que se debatiam por entre os grilhões da assistência médica científica.

No entanto, é fato, também, o impacto que o empreendimento freudiano produziu e produz para além das fronteiras da medicina, interpondo-se em perspectivas surpreendentes. O que de uma forma relativamente tranquila nos permite pensá-la a partir de um campo de saber que lhe é próprio e que, conforme precisa Iannini (2017), responde por sua própria epistemologia da pulsão.

Para além dos assuntos meramente medicinais, a vida, um corpo humano vivo, exige dos proletários da saúde, e de todos os outros que respondem pelo o governo dos vivos, mais do que uma técnica, clama fundamentalmente por uma ética que, mesmo, em hotelarias higiênicas e bem nascidas, operação alguma pode se furtar, caso contrário, restaria apenas a exposição de suas torpitudes.

A incidência ética que a psicanálise chama à atenção, é outro problema instigante que nos sugere assumir, em perspectivismo geopolítico do desejo, o alastramento da invenção freudiana por diversos campos de saberes, desvelando, inclusive, sua força colonial. O que faz com que eventuais perguntas sobre a existência de uma psicanálise brasileira ou sobre uma psicanálise “pertinente à situação brasileira”, conforme prefere Wilson Franco, sejam bastante estimadas em nossos dias, ainda mais, quando elas nos põem a pensar, não só sobre o processo de institucionalização da psicanálise no Brasil, mas, principalmente, sobre certo sono crítico que tem tomando conta do debate que se desenha pelos caminhos das transferências cruzadas, conforme nos alerta Kupermann (2020)

É digno de nota o importante trabalho realizado por Daniel Kupperman (2020) no qual, há mais de 25 anos, vem nos acossando a pensarmos sobre *uma formação psicanalítica suficientemente ventilada e consistente*, quiçá, mais adequada ao clima tupiniquim, no qual as transferências se cruzem nos interrogando, não apenas sobre os assentamentos epistemológicos que nos suspendem, mas, principalmente, sobre os afetos que nos constroem. Isso nos obriga a enfrentarmos questões que constituem o âmago do próprio campo psicanalítico desde dos primevos tempos freudianos.

São problemas que se relacionam com a formação e a prática dos analistas e que tem definido os destinos da psicanálise nos continentes, aventando inclusive, a necessidade de repensarmos conceitos basilares do construto. Ainda, com Kupermann (2020) somos convocados a pensarmos sobre a *transferência nômade na formação do analista* frente a apropriação do empreendimento psicanalítico e a convocação às chamadas *comunidades de destino* em terras brasilis.

Se a origem geográfica da psicanálise não chancela por si própria a universalidade do campo que ela passou a instituir, é verdade também que o construto teórico-conceitual da mesma não se encontra fechado no continente epistemológico de seu nascedouro, quiçá, possamos pensar inclusive em interfaces inusitadas, tais como, às que se tornam cada dia mais urgentes em os povoados antropofágicos.

Assim poderemos, quando necessário, voltarmos ao berço e constatarmos, nessas instâncias históricas, problemas recorrentes tanto às técnicas da clínica psicanalítica quanto às ordens discursivas que engendram sua presença em territórios teóricos-conceituais geográfico e historicamente situados.

Nesse sentido, ao promover do ritornelo às bases teóricas e políticas da psicanálise verte-se como um empuxo ao pensamento sobre a instâncias conceituais, a exemplo das que albergam a alegria em política de continência. Ao ruminarmos a fortuna teórica freudiana não é difícil articular o conceito de alegria como um afeto fundamental, presente na estrutura rizomática do campo epistemológico psicanalítico que uma vez reconhecido enquanto tal, pode impactar não apenas os afazeres do operariado psicanalítico, mas, nos obriga também, a voltarmos os olhos ao proletário médico, senão como seus empregadores, pelo menos como “pacientes” que gritam por alegria, como recusa ao medo que lhe é ofertado.

Sendo assim, nossa aposta ancora-se em um exercício epistemologicamente antropofágico, que se filia a uma ritualista monstrêmica possível, traduzida por um esforço não apenas de assimilação de termos, mas, fundamentalmente, da produção metabólica de conceitos em puro movimento que pertença, acreditando ser essa, a condição *sine qua non* ao trabalho aqui proposto.

### **1.6. Freud quase alegria: um sono perturbado**

Com Antonin Artaud aprendemos que no entorno das culturas sob clima de ritualísticas movem-se segredos. É fato que alguns deles são eternamente confidenciados. Para ele, a vida é o exemplo cabal desses mistérios, quiçá, o mais contundente e irredutível, que exige movimentos ritmados, sob forma de um convite à dança. Segredo quase inacessível, a vida não deixa de enviar recados a quem testemunha sua presença quando a ela busca cumplicidade, o que para a Antonin Artaud, não é outra, senão, “um meio de lutar contra certos crimes, contra certa categoria de crimes inexplicáveis (Artaud, 2021:80)”.

O rigor de Artaud aterra-se na intransigência de um empuxo ético. Que não se guia pelo medo, “afeto germinal de todas as formas de autoritarismos” (Gondar, 2005:11), mas, reage ao que aturde a vida. Sua aposta aponta para a retomada do gosto por ela, o que lhe convoca às reações em conformidade com a medida que não se contém nas descrições nosológicas da pastoral médico científica e seu mercado da normatividade, seja ela vital ou social (Gondar, 2020).

Como bem demonstra a biografia de Freud, a formação do analista é uma “convocação material de forças”, submetida a um processo de lavra cultural que se fez germinar no campo da medicina, mas que não consegue florescer em tal cultura. Que segredos guarda a história cultural da psicanálise que, uma vez revelados, poderiam lançar luzes sobre tal malogro? Seria a alegria a atitude científica secreta que a psicanálise guarda a sete chaves?

A história da alegria no ocidente articula vários fragmentos documentais espalhados por diversos territórios discursivos. Como bem ilustra Adam Potkay (2010), *da Bíblia ao romantismo tardio*, a alegria deita suas sementes em glebas surpreendentes. Se, em vários momentos esconde-se por entre a vegetação mais alta, seu sazonal eclipse é quebrado pelos períodos de estiagem, tornando-a fagulha perigosa em meio a abundância de matéria inflamável. São raras as ocasiões em que se é capaz de conter sua força, principalmente, quando a mesma principia incêndios.

Produzir uma narrativa que sequeencie o trânsito da alegria no território ocidental, ao mesmo tempo que demarque seu impacto na ordem da vida civilizada aos moldes eurocêntricos, exige o reconhecimento de que se há uma dimensão histórica própria a alegria, esta reside no espírito e no poder exercido quando a mesma se mune do empuxo à ética.

Nesse sentido, submeter o fenômeno da alegria a apreciação anátomo rizomática é voltar o olhar não apenas para os efeitos de superfície que seu deslocamento pelo campo produz, mas, ao mesmo tempo, perscrutar nos subterrâneos do perímetro, a base vívida que condiciona as raízes e os tubérculos vicejantes da florada nova. Pois, como bem pode nos revelar a botânica que assiste a alegria

nas flores do cabelo-de-índio<sup>43</sup>, pelos rizomas ágeis em meio ao carbono, prenhe da micro-política, assiste-se o imperdível espetáculo da alegria em meio a devastação.

Romper a fronteira que separa vida e morte, não é a única lição que podemos extrair do espetáculo que a alegria encena. Não seria a alegria o fenômeno fantástico que irrompe sobre os limites do humano e a natureza, testemunhando o triunfo da vida? Não é ela também a força capaz de unir o eu ao tenebroso outro, libertando o “monstro” como um convite a dança destemida de fantasmas que se misturam e se reconhecem?

No doloroso reino do tempo e do espaço no qual se inscrevem as músicas, a inefabilidade da alegria enquanto dança faz deslizar no salão a ausência de regras pré-estabelecidas, na qual conduzir faz parte do espetáculo temerário das singularidades que se movem, sentindo juntas a paixão ordinária presente.

Dos destinos que os espreitam, transformar o medo em alegria, talvez seja, o que melhor expressa a peleja humana em campo civilizatório. O trabalho a ser posto em marcha há de ser permanente, há de contar ainda com o entusiasmo dos operadores. Pois, não são poucas as adversidades que se anunciam pelos detalhes das neuroses que os assistem, assim como nas aberrâncias das psicoses que os explodem, ou mesmo, no *quantum* verdadeiro contido no cinismo das perversões que constroem sob as formas de normas estranhas.

Os incansáveis determinantes em jogo marcham violentamente de encontro à consciência estabelecida pondo em risco, dos mais lúgubres sonhos civilizatórios aos mais frenéticos pesadelos da barbárie que constitui a própria civilidade. Na agitação do compasso, a alegria gira como pura força centrífuga.

Dentre os inúmeros materiais estranhos com os quais trabalham os psicanalistas, a alegria até que conserva um aspecto de raridade, sendo pouco exposta às controvérsias, mas, isso não significa dizer que sua presença na flora discursiva freudiana se encontre em lugar menor ou mesmo deveras estável.

Tomar a alegria como um conceito, exige o reconhecimento da precisão epistemológica capaz de enervar a demanda teórica que a coteja enquanto tal. Na vastidão rizomática do campo freudiano, a presença do termo se presta a alguns acidentes nos frontispícios conceituais da psicanálise.

---

43. Cabelo-de-índio é uma espécie de planta amplamente distribuída no Brasil de incidência muito comum no cerrado brasileiro. O que impressiona nessa planta é o seu poder de regeneração, que faz com que 24 horas após uma queimada a mesma floresça.

Reza o rito, que a definição do território capaz de albergar um conceito passa necessariamente pela formulação de sua causalidade, assim como, pelos mecanismos que o constitui incidindo sobre sua funcionalidade epistemológica, o que entra em consideração a proximidade mantida, por exemplo, com conceitos outros. Seria a alegria um sintoma? Um sentimento, uma paixão, um afeto, uma oscilação de humor, ou, simplesmente, o chiste do soma? Um antídoto, uma mera resposta emocional? Que desígnios reserva-lhes a letra freudiana?

Apostamos que um exame anátomo rizomático na instância teórica freudiana é procedimento justo e preciso para demonstrar a situação que herdamos de Freud como aquela que principia a necessária formulação do conceito psicanalítico para alegria. Já não é hora de atentarmos às gloriosas faíscas no céu que entremeia Freud e nós? Já não é possível ver nos clarões que retroativamente anunciam do passado “célebre” da alegria o horizonte que se descortina em nossos dias?

É nos paradoxos da alegria que plotaremos o marco inicial da invenção do conceito empreendido aqui. Considerando que a palavra alegria se faz presente nas obras completas de Freud<sup>44</sup> em vários momentos, contextos e intenções diferentes. Não é difícil presumir que sua grafia não obedece a uma ordem teórico-conceitual precisa, muito menos, se preste à atenta e cuidadosa elaboração, tão cara ao fundador da psicanálise que gesta em seu próprio nome o semióforo alegre.

Fato que pode exigir sérios debates sobre a suposta “negligência” de Freud quanto ao tema, se considerarmos ainda, o contexto político em que viveu o autor, testemunho do trânsito funesto que da palavra alegria assinalou ao ser arrastada, diga-se de passagem, pelos empreendimentos nazifascistas na época em voga. Coisa deveras incomum a esse autor inequivocamente cuidadoso quanto ao usufruto das palavras.

Sendo assim, enfrentar os perigos que gravitam a alegria na obra freudiana será nossa primeira investida em território psicanalítico, para tanto ensaiaremos um exercício antropofágico anarquenealógico sobre a anatomia do rizoma freudiano pelo qual se espraia a alegria em sua obra.

### ***1.7. Anarquologia da alegria em Freud***

---

<sup>44</sup> À topografia da palavra empreendida aqui realizou-se nas Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira de 1996.

A psicanálise é uma maneira profunda e inquietante de conhecer a geografia dos afetos. Em movimento que ruma sempre ao encontro da última fronteira, o psicanalista está permanentemente exposto a uma infinidade de fenômenos estranhos. Na biosfera onde caminha, inevitavelmente, é atraído pelo diferente que o desafia a enfrentar o empuxo familiar de colonizar o insuportável.

Nessa ambiência incômoda, atentar para os rastros de Freud é assumir com o Mário Quintana que “as coisas que não conseguem ser olvidadas continuam acontecendo<sup>45</sup>”. Não é isso que Freud nos ensina quando ousa perturbar o sono dos homens da ciência ao apontar para os bens inalienáveis que se encontram no tempo de uma vida que se anuncia?

Segundo Kupermann (2020) narcisismo e desejo é o substrato das ilusões humanas. Certamente, a descoberta freudiana incide não apenas sobre as ilusões que a ciência destroça frente as tradições seculares, mas, fundamentalmente sobre as ilusões às quais o próprio cientista acalenta e salvaguarda sob o anteparo dos segredos da razão. Portanto, mesmo que estejamos sobre os efeitos do autoerotismo, mesmo que sejamos homens deslembrados, a lição do inspirador poeta inglês, John Keats, continua atual: “uma coisa de beleza é uma alegria para sempre”<sup>46</sup>.

Como se pode constatar, o maior golpe desferido por Freud incide sobre a beleza dos corpos que o próprio cientista teima olvidar, seja por temer seus desarrazoados, ou mesmo por se admirar frente ao aterrorizante encanto de seus delírios.

Assim advertidos, iniciamos nossa busca à legibilidade da alegria pelas obras freudianas, cômicos do ousado compromisso epistemológico que arriscamos expor aqui, ao articularmos, no mesmo espaço gravitacional, campos teóricos deveras tensionados entre si. Assim, pela mesma vereda absurda, movemos em compassos diferentes Freud, Foucault e Deleuze.

Se, nesse cenário absurdo, volta e meia um antropófago, agarrado ao topo da árvore assovia, anunciando à tribo a presença dos “humanos infamiliars”, não esperemos que, em fisionomia dos gentis, sejam reconhecidos semblantes afetivos semelhantes. Nossa esperança é ver circunscrita a expressão da relação que se estabelecerá em singularidades, o que para qual, presente algum, que porventura a generosa solidariedade incutida na dança possa aludir, os tomará pela alegria antes que o banquete seja consumado.

Em compromisso político e epistemológico com a antropofagia oswaldiana, teríamos ambiência mais propícia para exercemos uma anarqueologia da palavra alegria na intensidade do texto

---

45 Trecho retirado do poema *Uma alegria para sempre* de Mário Quintana.

46 A thing of beauty is a joy for ever

freudiano? Não seria o empreendimento do objeto, por si só, uma obrigação a pensá-lo para além da dimensão decorativa que o mesmo possa ter, aqui e acolá, na estrutura anátomozomática da referida obra psicanalítica?

Na versão brasileira das obras completas de Freud<sup>47</sup> a alegria é grafada em trinta e nove textos diferentes. Isso pode nos permitir um amplo número de peripécias, o que não seria difícil sermos tomado pela própria força da palavra que perseguimos. O risco de sermos arrastado por ela, nos tornando parte de sua própria ordem, alojando-nos em seus próprios interstícios, não é mero arrojo de uma fantasia inspirada naquele francês aturdido pela necessidade de re-ordenar as palavras por vias de verdades que lhes são próprias.

O desejo diz: “Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter que me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz” (Foucault, 1996: 7).

Com Michael Foucault, esse famoso caminhante das coisas discursivas, podemos nos perguntar se não será pela *via crucis* que o mesmo assume, condenado a arrastar o material pronunciado ou escrito, que das inúmeras lutas travadas em campo psicanalítico, o eclipse da alegria se apresenta como uma sucessão de dominação de conceitos outros que fizeram com que da mesma fosse aplacada sua força disruptiva?

É no conjunto das extraordinárias experiências clínicas<sup>48</sup> de Breuer e Freud que a grave provação da alegria é posta em cena pela primeira vez em solo psicanalítico. Se podemos dizer que na materialidade do discurso freudiano o privilégio da sexualidade se dá em detrimento do “desprestígio” (desperdício) da política, será que tal recurso, em tão tenro momento de final de século, pode ter olvidado a força da alegria nos domínios da clínica psicanalítica?

O que se movimenta no início do século XX é bem mais imbricado, a prática freudiana irá cada vez mais se distanciando dos tratamentos correntes que a medicina vigente recomendava. Degredado do campo científico, o psicanalista, deixando definitivamente para trás expedientes dessa

---

47 Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1996).

48 Estudos sobre a Histeria – Breuer e Freud Volume II



clínica médica clássica, em benefício do desenvolvimento dos procedimentos técnicos exigidos pelo tratamento psicanalítico, segue orientado pelas inúmeras descobertas advindas das operações estranhas as quais dava-se provas de nova clínica.

Às voltas com o princípio de constância, em meio as dores e os sofrimentos, os primeiros passos do psicanalista o conduziu para o “outro” lado da soleira médica. No entanto, ele leva consigo vários utensílios da velha prática, e o que pôde restar dela assombra praticantes até hoje.

Com esse passo, Freud expôs ao mundo, o sedentarismo epistemológico da medicina que, frente a causalidade psíquica, fez ver em cada um dos seus operadores, um teorista clínico, assumindo tal recurso como anteparo à cônica ignorância que iria promover o sucesso universal da medicina científica no mercado da saúde.

Desse campo deveras pacificado pela apostasia da causalidade, Freud fora paulatinamente sendo obrigado a renunciar do lugar que lhe era próprio na ordem médica. Pacifista, ao adotar o termo metapsicologia como assento para os afazeres psicanalíticos, teria ele negado a medicina o avanço decisivo rumo à superação da antiga ordem médica?

Daí aventa-se um problema excessivamente grave em nossos dias. Se, há ainda uma prática da antiga clínica médica no núcleo da atividade psicanalítica, esta, não se dá porque a psicanálise assenta sobre a dor e o sofrimento o labor médico que exerce? Assento do qual a medicina moderna jamais abriria mão?

A clínica psicanalítica, fruto de uma reflexão genuína e inequívoca frente aos limites iatrogênicos da *epistémé* e da prática médica, padeceria nos dias atuais da questionável exigência reducionista que toma seu objeto pela via dos esartejamentos, senão da mecânica de suas partes, de sua causalidade, face a imbricação das pulsões com os afetos que a gravitam?

Desse feito médico, jamais, tomado pela via da potencialidade de um corpo em constante frenesi de vivo, obtém-se a assistência de uma luta incansável, em nome do assim permanecer-se vivo, mesmo que para tanto fosse óbvio e necessário, por medo da vida, desejar para si, morrer dela. Pois, o medo não suaviza as reações frente a brutal colonização da medicina? Sob tal sombra tenebrosa, não fosse a beleza da morte, nossa corporeidade peculiar pareceria ter perdido sua capacidade de sentir alegria.

É dessa configuração que se herda da medicina a dificuldade de se imaginar o duro fato que a invenção freudiana ultrapassa as expectativas da própria ciência, assim como, da própria experiência médica que se julga tributária do campo científico. Seria por isso o risco político de

exclamar aos quatro ventos o advento da alegria que proclamando o triunfo da vida, produz a ruptura político epistemológica inevitável no campo clínico inaugurado por Freud?

Se clínica é o momento de inclinar-se, na promoção de um relacionamento melhor com o outro, - apalpando-o, auscultando-o, enxergando-o de perto, inalando-o em tragos longos, se detento em odores dos mais sutis, escutando-o em síncope de silêncio que faz derivar moribundos por territórios surpreendentes -, certamente, o que se espera com tamanha proximidade é que se possa, junto a esse que se põe diante daquele, a fazer senti-los a experiência produtora de uma possível relação que os implicam em meio, para sermos justos com Ferenczi, aos jogos de confusão de línguas.

Jogos que os afetam, os ferem e os fazem gozar com golpes não só de desespero e agonia, mas, quiçá, de profunda alegria ao verem-se articular no campo estabelecido dois dialetos, aparentemente, mutuamente, incompreensíveis.

Com o advento freudiano, a geometria da clínica médica foi radicalmente alterada, sua proximidade com o campo psi, quando se assume a nova causalidade, nos permite inferir que os destinos dos protagonistas dessa clínica também foram alterados, e ousamos dizer, pelos destinos que marcam a trajetória da alegria em campo psicanalítico.

### ***1.8. Topologia anátomozomática da alegria na obra freudiana***

A obra freudiana é um rizoma não convencional, a forma pela qual se espraia convoca não apenas as forças das reminiscências, mas, também, a presença de inúmeros fantasmas e alienígenas. Entidades essas que circulam livremente roçando-se por entre os víveres produzindo nestes arrepios infelizes, mistos de repúdios e excitações eróticas.

Para quem se aventura em tal ambiência, o tempo também soa esquisito, presente, passado e futuro se interpõem compondo malhas irregulares, fazendo da presença um assombroso estado. Nesse sentido, tal obra, exige de quem a aprecia uma leitura afinada com composições rizomáticas.

Nesse sentido, no rizoma freudiano a alegria ritma quaternário afinando-se em tom de afeto. As alternâncias das notas exprimem nuances de harmonias próprias. Em cada composição, alegria, alegre, alegremente, alegrar, alternam-se em duração e altura. Já a clave que demarca os limites no pentagrama é um tanto quanto imprecisa, no entanto, para efeito de monstração, a tentaremos desenhar orientando-nos pela “justeza” que as pulsões imprimem.

É interessante que a escrita desses vocábulos na vastidão da obra freudiana, não admite expedientes genealógicos, uma vez que tratam-se de textos afetados por uma série de reescrita em tempos e momentos diferentes da vida produtiva de Freud, obrigando-nos a recorrência de exercícios topográficos flexíveis, mas, localizá-los é desafio que se impõe para uma escrita rizomática dos mesmos, pois, as diferentes matérias das quais são compostas; o calendário cambiante no qual florescem, assim como a velocidade que se apresentam e somem nos diversos platôs, só nos permite observar as marcas que deixam no relevo remexido.

Vejamos de onde poderíamos partir. O texto é: Estudos Sobre a Histeria. O contexto epistemológico: é o da causalidade psíquica. O cenário político: é o de Breuer & Freud ensaiando a ultrapassagem dos limites canônicos da semiologia, da diagnose, do tratamento e da prognóstica na clínica médica clássica. A consequência: o exercício definitivo que fez com que Freud fosse abandonado por Breuer ao ultrapassar a soleira da medicina científica, arrastando consigo uma ameaçadora perspectiva clínica.

O ano é 1892, Freud (1893-1895), ao aproxima-se da Srta. Elesabeth Von R. depara-se com alguém que andava com a parte superior do corpo inclinada queixando-se de dores nas pernas. Dores essas que lhe dificultava a mobilidade. Ao examiná-la Freud constata alguns fenômenos clínicos dignos de nota. Chama-lhes atenção o ar alegre (*a belle indeffèrence*) como o qual a Srta. sugerira suportar suas dores. Outro fato curioso observado pelo médico, dizia respeito ao caráter indefinido da dor.

Ao apalpar a paciente, o atento semiologista encontra nas coxas da mesma, regiões particularmente sensíveis e acometidas por hiperalgia. O curioso é que, ao contrário do que comumente se verifica nesses casos, ao perscrutar o *locus* afetado, a paciente não aparenta apresentar sinais de mal-estar ou dor física.

No caso da Srta. von R., contudo, quando se pressionava ou beliscava a pele e os músculos hiperalgésicos de suas pernas, seu rosto assumia uma expressão peculiar, que era antes de prazer do que de dor. Ela gritava mais e eu não podia deixar de pensar que era como se ela estivesse tendo uma voluptuosa sensação de cócega – o rosto enrubescia, ela jogava a cabeça para trás e fechava os olhos, e seu corpo se dobrava para trás (FREUD, 1893-1895: 163)

Diante da sensibilidade difusa, o diagnóstico fora desenhado com tintas de conversões histerogênicas, na mesma medida que eram descartadas as demais causalidades, sejam por conta da impossibilidade de comprovação da origem anátomo-fisiológica que fizesse jus a instauração do

fenômeno na região aferida, como também, fora descartada a possibilidade de uma infiltração reumática. A hipótese diagnóstica apontava para o que só poderia ser: uma histeria.

Assegurado o diagnóstico, as dores e as alegrias da Srta. von R., é um acontecimento duplamente inaugural na história da clínica de Freud. Por um lado tornou-se “a primeira análise integral de uma histeria empreendida” por ele, conseqüentemente, o primeiro caso na história da psicanálise que inspirou a instituição de um *método regular* que, por outro lado, sob as barbas do médico, pôs em momento tão crucial, a sinalização da alegria no âmbito da clínica psicanalítica, fato até hoje pouco valorizado pelos psicanalistas contemporâneos.

Quem sabe, seja exatamente as partes sensíveis que este caso clínico faz ver, que tocam os pontos nodais da trama conceitual freudiana, revelando por sua vez, as sensibilidades da teoria à presença de notas alegres que no corpo da histérica se impôs como paisagens sonoras afetivamente surpreendentes.

Ao contrário das pacientes que sofrem influência de afetos angustiantes e que lutam por encontrar um meio de expressão à sua dor, a Srta. von R., surpreendeu Freud ao apresentar um comportamento atípico. Referindo-se a esse acontecimento surpreensivo, Freud comenta:

Comporta-se de maneira inteiramente oposta, se somos levados a concluir que, já que ela ainda assim atribuía importância suficiente a seus sintomas, sua atenção devia estar em outra coisa, da qual as dores eram apenas um fenômeno acessório – provavelmente, portanto, em pensamentos e sentimentos que estavam vinculados a elas (FREUD, 1996: 162)

Certo do caráter acessório da dor aferida e atento às expectativas sombrias que povoavam a paciente, a Srta. von R. não apenas oportunizou o pavimento sólido para os devires do tratamento psicanalítico, mas também tornou possível a reflexão acerca dos efeitos que a disposição para alegria, ou para o fazer-se alegre diante dos infortúnios da vida, podem advir como trabalho frente a traumas notadamente psíquicos, mas que por vias da conversão se fazem presentes em vicejos de carne viva.

Seria os sintomas de conversão as inequívocas manifestações da vitalidade, do vigor e da força que só a exuberância da vida pode exigir de um corpo? Julgar Freud por ser incapaz de tal inflexão não seria desonestidade para com o homem do seu tempo, para o qual dores inscritas em carne eram bússolas que orientavam a prática de todo médico? No entanto, tal complacência faria sentido nos dias atuais? Não é dada a hora de pensarmos o papel da alegria, se manifesta ou impedida de manifestar-se,

nos fenômenos políticos e nas peripécias do corpo, como um dado clínico e político inequívoco que esteve presente na inauguração da inflexão clínica psicanalítica mais radical?

Nos “Estudos sobre a histeria” (Freud, 1996), chama atenção a aparente indiscrição contida na forma utilizada por Freud para apresentar os casos clínicos, mais do que um recurso literário romanesco, a descrição freudiana da matéria viva com a qual opera não é apenas curiosa, antecipa toda a ordem de pensamento que décadas depois Deleuze e Guattari chamaria de rizomática.

Para fazer ver os chamados “processos mentais” não parece que Freud impôs ao seu tempo uma dinâmica de leitura esquisita à economia da vida humana? Ele não sugere ter encontrado em tal ordem de funcionamento estruturas simbióticas que agem como parasitárias? Se atentarmos para esta bizarra biologia, não parecem ser elas platôs rizomáticos de multiplicidades auto-conflitivas? Há caroços no rizoma freudiano que fazem tubérculos viçosos encruarem<sup>49</sup>.

O caso da Srta. Elizabeth von R<sup>50</sup>, não inaugura apenas a ideia de um circuito completo do tratamento psicanalítico, conforme aludiu Freud, nele, além da alegria que se grafa pela primeira vez nas obras completas de Freud, podemos demarcar um outro afeto que se faz presente, mesmo que sub-repticiamente, ao ser arrastado pela a alegria a dar provas de seus efeitos. Efeitos que podemos encontrar, não apenas em quem foi analisada, mas também, em que assumiu o lugar de analista.

Nesse caso, o quinto da série, podemos assinalar ainda que o medo, daí em diante, na obra freudiana, convoca um outro estatuto para si. Ao arrasta-lo consigo, a alegria, retroativamente, já continha o advento visionado por Stephen Frosh quando este sugere, ao colocar Freud diante de seu duplo, que:

No futuro, Freud pode se tornar o que ele sempre foi, mas que nunca foi capaz de perceber: aquele que frequenta “mulheres maquiadas”; aquele cuja aparência é “profundamente desagradável” (Frosh, 2018:38)

---

<sup>49</sup> A leitura atenta de Ana Brancaloni sobre o presente texto, nos sugere pensar essas questões sobre o prisma de dois importantes apontamentos: “Será que esse pensamento mais rizomático também não é próprio de um momento em que não se tinha ainda a estrutura de uma teoria? Momento de criação teórica? ”.

<sup>50</sup> “Foi nessa relação, portanto, e na cena descrita acima, na qual ela atingiu seu auge, que pude procurar as causas de suas primeiras dores histéricas. O contraste entre os sentimentos de alegria que ela se permitira ter naquela ocasião e o agravamento do estado do pai com que deparara ao voltar para casa constituiu um conflito, uma situação de incompatibilidade” (FREUD, 1996: 171).

Quem sabe, a contragosto de Frosh, podemos dizer hoje, neste breve futuro de ambos, que o mais belo duplo de Freud é justamente aquele que se inscreve com o seu próprio nome: Freude. E, se esse duplo, pode ser considerado o que porá em perigo o futuro, certamente, não é em Freud que encontraremos o assombro.

### ***1.9. Quando a íris sucumbe à pupila, resta escuridão***

Pelos ecos da etologia viaja a boca miúda que o corpo nunca mente, muito menos quando em ação se encontra em sistema simpático que o lembra sempre a possibilidade da dimensão da ternura. Sem dúvida os etólogos defendem ideias que são muito interessantes, dizem eles que pupilas dilatadas são sinais de medo, surpresa ou excitação e que imagens desagradáveis as fazem diminuir.

Considerando o quanto a visão é importante para os cientistas e vendo o apreço que os mesmos têm pelos *gadgets* que a auxilia, uma ideia estapafúrdia me acomete: será que para ciência tudo que se vê é desagradável? Afinal, olhar, olhar, olhar, e olhar mais um pouco, é o que move o labor científico. É o que move também, se assim nos é permitido dizer, as excitações incontroláveis que acometem o proletariado dessa atividade.

No entanto, nem sempre os cientistas estão preparados para ouvir o que não conseguem ver. Nesses casos, um tanto quanto a contragosto, se vêm obrigados a escutarem o que não querem. É nessa hora que a íris sucumbe à pupila exigindo do corpo mais do que ele está disposto dar. É nessa hora também que afetos inesperados afloram em plena vontade de potência, levando o corpo ao limite de sua verdade.

Nesse sentido, espreitar a alegria no campo psicanalítico é entregar-se ao exigente exercício de atalaiar afetos. Desafio que não apenas impõe ao observador o atento trabalho de vigia, mas, fundamentalmente, o esforço de uma permanente escuta; um sincero engajamento político capaz de amparar-se numa ética em defesa da vida, pois, que, é justamente no território da vida que a alegria encontra-se como móbil dos vívidos triunfos.

Para perquirir a ocasião da emergência do referido afeto, faz-se necessário não apenas a topologização que lhe cabe no território fundante do monumento psicanalítico, mas, “mais importante

ainda”, é investigar nas fronteiras afetivas as imbricações que a alegria mantém com afetos outros não menos fundamentais.

De uma implicação a outra, os afetos circunscrevem incidências testemunhais. Afinal, não seriam estas os destinos de todo e qualquer afeto: contradizer a ordem autômata, sacudir o inerte, acossar o instante, impulsionar o fluxo, mover o tempo, ferir o momento, agitar a vida? Eis os destinos que desafiam os sujeitos diante das alianças de vida e morte. Eis o horizonte para o qual a alegria convoca o corpo.

No campo psicanalítico as pulsões é o que une as impertinências de um encontro, se foi pelas vias da escuta que tais importunidades ganharam maior notoriedade, isto não significa que, ainda hoje, o campo não seja atormentado por um esforço genuíno de sentir no corpo o movimento que se passa nesses encontros.

Na história da psicanálise, à revelia de tal visada, o corpo é tomado como palco a toda ordem de “desgraçamento”, se de um lado, no “aconchego espinhoso” do divã é agitado por sonhos e pesadelos, de um outro, na ergonomia da árdua poltrona é atormentado pela exigência da insônia. Até parece que o *setting* é um irresistível convite ao fechar de olhos. Seria o afastar dos olhos os pavores de um encontro, o fim da relação analítica?

Certamente não são os delírios que assombram o campo psicanalítico, mas sim as alucinações, pois, das pulsões escópicas no trabalho de escutas singulares, de uma fresta a outra, expõem-se o engodo para o qual não há suporte ajustável: um corpo, objeto que se apresenta ao olhar, ao mesmo tempo que expõe o segredo daquele que o observa.

Eis a diferença radical que o jogo especular potencializa pelo pretume que a íris borda, quando, pela chamada questão escópica, são tragados todos os reflexos revelando a dimensão trágica da diferença. Quiçá, a primeira e mais radical experiência humana frente a terrificante escuridão presente no centro desta pulsão fundamental com a qual, fácil-fácil, nos perdemos de vista.

Não é à toa que os rizomas psicanalíticos ao se moverem de forma sub-reptícia indefectivelmente fazem da transmissão do saber em curso uma epistemologia própria, um modelo no qual o dizer em tempo habitual seja ultrapassado pela matéria explosiva que se agita no olhar dos que falam afetando os que ouvem, quiçá, capturando a ambos na fascinação deste que é um ato também fundamental: ver-se sendo visto no memento em que se escuta ouvindo-se no que fala.

Rasgando a escuridão, a imagem que se move pela fresta escópica fascina. Fendendo o corpo, agita-o pondo a pensar do mais sutil sussurro ao mais violento dos gritos e, quando a carcaça

tremula, sacudindo órgãos, suando, centrifugando neurotransmissores, produzindo movimentos sensoriais e lembranças de peles em arrepio, inflamando todo o sistema com descargas intensas de cortisol, se não é o medo que se inerva, certamente é a alegria que se faz presente, balançando as franjas da invisibilidade para testemunhar inequivocamente a dança do triunfo da vida.

Se há algo de verdadeiro na paranoia, certamente não é a dimensão ilusória que no fenômeno se julga esconder-se sob o apreço etiológico que lhe deu origem. Mas, que a imagem, “existe, é e tem”<sup>51</sup>. Contradizendo o que um dia fora escrito de um seminário de Nasio por ele mesmo:

A formação psíquica, escópica, visual de que estou falando ocorre no analista quando ele escuta. Ao ouvir as palavras do analisando – às vezes, seu silêncio -, surpreendendo-me representando mentalmente para mim, com uma nitidez muito particular, uma imagem que condensa de maneira muito compacta a significação inconsciente do que escuto. O analista está escutando – talvez vocês tenham passado por essa experiência, é preciso estar numa posição muito particular de escuta – e, de repente, se que ele tenha controle e sem que isso dependa de sua vontade, impõe-se mentalmente a ele uma imagem que está ligada – digo-o dessa maneira, dando um grande salto – à imagem da significação inconsciente do que ele escuta. (Nasio, J.-D. *O olhar em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995) pg. 12-13

Com Ferenczi (c1922), para quem o *tônus sexual das neuroses* não era qualquer coisa, podemos atentar que o “combate do paranoico contra o testemunho dos órgãos e das lembranças” não seria a permanente luta que um psicanalista é convocado a travar no universo frenético das paixões-imagens capazes que pautar sons?

Mais do que meros exageros, as constatações contidas na paranoia, como bem lembra Ferenczi ao “retornar” à Freud, apontam para a existência de algo da ordem do verdadeiro, como traço de *realidade objetiva*. Daí uma série de questões pode ser posta em movimento: em sendo a paranoia o que exige o testemunho dos órgãos dos sentidos, uma vez inscrita na ordem da reciprocidade amorosa, é o que pode interpelar a relação transferencial sob a égide da erotomania? Não seria esse o empuxo primordial da clínica quando a voz nos aperta o pescoço ou nos constrange os ouvidos?

Se aos órgãos desprovidos de pálpebras o desespero e o medo pode ser uma constante que marcam à radical condição de testemunho que lhes é própria, certamente, é o que condiciona também o eclipse da alegria, como um olho zombeteiro a “Monstrar” o contido no sorriso ou no choro. Frente

---

51 Ver Estamira.



ao balbucio de frases domésticas convenientemente comportadas, a alegria é o mal assombro no espelho de pele rubra que nos encara. É fogo-fátuo que arde em ventas como teimosia dos ainda vivos. Não seriam esses, vivos que generosamente se deixam ver por sua erótica alegremente trêmula? Erótica que ao ouvir-se sendo escutada, produz-se inevitavelmente como monstrema, razão inadequada aos olhares demasiadamente sensíveis?

### ***1.10. Exercícios da máquina***

Monstração é um exercício de máquina expressiva capaz de carrear os conteúdos de um pensamento aos extremos do seu orbital. Com intuito de circunscrever o estilo alegre de um recurso linguageiro que se esforça por ser também poesia, a monstração é produção desejanste capaz de fazer ver nos confins dos seus limites, o que grita e pode ser dito em perspectiva psicanalítica.

Para tanto, recorre ao monstrema como instrumento de guerra. De filia antropofágica, a alegria, na qualidade de um afeto fundamental, ao compor monstrema verte-se como antídoto ao medo em meio a inevitável confusão de línguas, elegendo nos limites dos *corpus* o platô em que exerce sua força maior dando-lhes mobilidade.

Assumindo algumas vezes aparências repugnantes, é pelo combate em línguas que os monstremas encontram a beleza alegre de uma monstração que ultrapassa sons e sentidos, sem perder o ritmo da belicosa dança que faz corpos vibrarem quando confusamente se comem.

Devir gabiru. Devir roedor, a monstração é investida antropofágica que devora o que não é seu, ao mesmo tempo que assume seus flagelos viscerais. Como força singular, agencia as palavras arrancando-lhes ruídos; faz de seus exercícios uma dança de guerra eterna, um pulular sem fim em línguas em corpos vibrantes.

Os pregos arrancados de seus próprios mecanismos são cravados na língua como *agenciamento maquínico*, que é também *agenciamento coletivo de enunciação*, acoplamento de dentes entre dentes. Vê-se pestífera monstruosidade será sempre seu destino?

Ao assumimos contundência do estilo Artaud, podemos dizer que é preciso vestir a língua, contorcer seu corpo, ornando-a ainda com manto tupinambá, para que se possa conjurar o flagelo do medo transmutando a covardia. Em perspectiva ameríndia a monstração é ainda agenciamento freudiano no âmbito da clínica médica, de todas as medicinas, devir ético de todas as demais clínicas.

Pois, de Freud somos tributários de um expediente de vanguarda que frente as reduções trágicas da ordem, logra ainda hoje, para além de suas fronteiras, o espólio psicanalítico do qual é composta as engrenagens em máquina de guerra em mundo capitalista.

Reconstruir com palavras o que delas se ruma, produzir efeitos de máquinas, como algo que fora comprimido pela confusão de línguas, é buscar afetar os indecisos corpos, ultrapassando o medo que os constrange, como esforço que força à promoção da vida. Quiçá, fazendo da alegria um dispositivo clínico capaz de indicar o que triunfa, mesmo que por vias do horror em crua crueldade.

Um horror sincero, duro, capaz de marear olhos ao expor nossas repugnâncias mais sombrias, mas que da perplexidade que produz possa fazer temperar com a alegria a descoberta inevitável, a invenção imprescindível e o acordo inarredável com a vida.

Eis uma monstração primeva do monstrema quando se arma:



Foto 1. Ausencia de maxilar inferior, fusión de pabellones auriculares (sinotia)

*Monstrema n.º Monstrema*<sup>52</sup>

*O horror à poesia manifesta-se por um corpo cientificamente organizado, objeto que se desforma perdido pelas ancestralidades anormais que a denúncia foucaultiana também faz ver. Com visão ciclope, o corpo conciso em sua deformidade é adestrado pelo estrabismo da ciência. Razão essa capaz de transformar as infantes morfológicas em otocéfalos adultos. Esse encantador orelhudo verborrágico, contido em universo caolho que faz de sua boca autofalantes estereofônicos, não é apenas uma vida como tantas outras, é um esforço de poesia aberrando da caixa craniana surda, as normas consagradas pela monstruosidade refletida em seu belo olho. Contravir o ciclope vesgo científico é função primordial do Monstrema atento as carnes que vibram em movimentos dodecafônicos*

52 Fonte da foto acima:

[www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=eL1MQ9L5&id=E9BB37EFEDADD4425323BD255472353E6D3081FE&thid=OIP.eL1MQ9L5g9NcYNMNIT5jMgAAAA&mediurl=https%3A%2F%2Fupload.wikimedia.org%2Fwikipedia%2Fcommons%2Fthumb%2F6%2F6d%2F%25E6%259F%25B7\\_Zhu.jpg%2F220px-%25E6%259F%25B7\\_Zhu.jpg&exph=165&expw=220&q=otocéfalo&simid=608029071248738094&ck=83736600A087769926CBCA1376E0CF59&selectedindex=36&form=IRPRST&vt=0&sim=11](http://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=eL1MQ9L5&id=E9BB37EFEDADD4425323BD255472353E6D3081FE&thid=OIP.eL1MQ9L5g9NcYNMNIT5jMgAAAA&mediurl=https%3A%2F%2Fupload.wikimedia.org%2Fwikipedia%2Fcommons%2Fthumb%2F6%2F6d%2F%25E6%259F%25B7_Zhu.jpg%2F220px-%25E6%259F%25B7_Zhu.jpg&exph=165&expw=220&q=otocéfalo&simid=608029071248738094&ck=83736600A087769926CBCA1376E0CF59&selectedindex=36&form=IRPRST&vt=0&sim=11) em 12/04/2021 as 12:18 Segundo o sita a foto consta em T. Pesqueira, Manual de patologia cirúrgica de cabeça e pesçoço.

No território clínico, desenhado pelas ciências médicas, a torturante condição a que nos achamos reduzidos, faz da monstração a máquina de guerra por excelência que, à revelia da microbiota persecutória do cientista; da pretensão imperial em seu saber ciência, nos lança irremediavelmente em limbos de sombras, no quais é condição *sine qua non* a sobrevivência dos corpos, o enfrentamento da diferença que nos obriga a encarar a dimensão radical do fora que nos habita.

O fora, na condição de nômade da língua que se vê, conforme podemos constatar escandir-se com o otocéfalo, testemunha a existência de uma outra lei, de um outro agenciamento no palco das imagens, senão temerário às determinações espaciais estabelecidas, profundamente potente aos deslocamentos e desterritorializações que reflete.

*Monstrema nº movimentos*

*Quando uma cabeça se ergue, o iluminar de olhos, não é apenas o prenúncio do trovão, mas o estrondo em devir tempestade que se anuncia na imagem longínqua do horizonte sendo arrastado. Dos sons alegres que viajam em acentos dolorosos, só temos olhos para o nosso irreconhecível reflexo.*

Por em perspectivas os reflexos franceses é mais que urgente, é fundamental. Com Sándor Ferenczi, mesmo que retrospectivamente, é preciso que estejamos atentos à confusão de línguas<sup>53</sup> para que possamos prospectar em nossos dias a confusão de *corpus* em corpos confusamente instituídos que, do platô que lhe é próprio, Artaud denuncia.

Pois, a pompa, a importância, a contundência, os poderes do panteão francês, dotam a *epistemé* universitária brasileira de ares civilizatórios universalista como dispositivo colonial que impacta o cenário acadêmico tupiniquim, colonizando pensamento e cultivando corpos não só, de experientes professores, como também de jovens estudantes universitários.

Se há nessa ordem discursiva um fazer crer na Babel Feliz, tão sonhada por Barthes, é justamente em Barthes e Artaud que o suposto sonho francês se dobra como engodo atormentado. O engodo que podemos ver se contorcendo na plataforma ético-política do pensamento antropofágico.

É a condição nômade que nos arrasta ao estado de vigília permanente. Se podemos dizer que a angústia que se abateu sobre Artaud e Barthes, jovens deuses decaídos da luminescência francesa, mas também, honrados guerreiros, é o que nos empurra ao encontro com a potência de um pensamento

---

53 Confusão de línguas entre os adultos e a criança. Ferenczi, 1932

vívido e que tem fome e sede. Podemos, também, dizer que a nossa linha de fuga, traçada intermitentemente, assume-se nas mesmas vias sinalizadas pelo semióforo antropofágico ameríndio o qual Artaud dá provas de sua existência.

Da grande nação às colônias; da megalópole florida às vilas selvagens; do equívoco índio à convicção ameríndia, somos todos convocados à dança da guerra. Da sanha eurocêntrica ao gosto tupinambá, que assumamos as virtudes do paradoxo que se anuncia: “só a antropofagia nos uni”.

Antropófago que luta e se banqueteia negando a si próprio a condição de nativo, pois indígena deriva que é tanto mais índio, quanto mais negro; quanto mais negro, quando mais europeu; quanto mais europeu, quando mais selvagem; quanto mais selvagem, mais, implacavelmente, terno para com seu radical estado antropofágico de ruminante que dança sobre a geopolítica dos rizomáticos micélios, fazendo do chão que pisa sua mais radical realidade.

### ***1.11. Fojos à espreita***

O campo epistemológico distribui-se entre uma série de povoados deveras agressivos, todos afeitos a violência e seus rituais estranhos. É vero que alguns grupos são mais arredios do que outros. No entanto, o potencial bélico de cada um é fato que nenhum forasteiro pode subestimar. Na história dos saberes não são poucas as batalhas descritas como épicas, no entanto nenhuma desperta maior expectativa do que aquela não foi travada entre Lakatos e Feyerabend.

No entanto a maquinaria não deixou de mover sua ritualística ofensiva, não se sabe se algum dia porá por findas suas pelejas que giram quase sempre no entorno da colonização do outro. Isso quando tal expediente é possível, quando não, opta-se pela destruição do inimigo. Para tanto, os destemidos guerreiros cruzam terra e mar. Como feras famintas não poupam nada, não poupam ninguém.

Dos rituais praticados, nenhum é mais ilustrativo do que a cerimonial antropofágico que se verifica recorrente em solo epistemológico. O que para o antropófago atento à tamanha “selvageria”, faz bem saber que no sabor de um *corpus* reside o valor dos inúmeros guerreiros que o arrasta a partir de seu ventre.

Ao expectar o sublime momento em que será posto à mesa como seu destino, o antropófago, esse sempre candidato a honrosa vítima, encontra na ritualística a consumação máxima

do usufruto do seu corpo, não apenas como o selo que encerra uma batalha, mas, como a afirmação esperançosa de que o estado de comunhão que a guerra instaura, encontra-se no devir que se assegura pela força da alegria que move o rito.

Sendo assim, considerando que a organização cultural acadêmica é materialidade bélica que se faz presente de forma decisiva nos campos de batalhas epistemológicas e que os modelos de composição de grupos, assim como as táticas empregadas em suas manobras, configuram um espectro ritualístico, atentemo-nos para o conjunto dos cerimoniais de “destruição” do inimigo, para que talvez nesse expediente possamos pensar um pouco melhor sobre a arrisca metáfora composta acima.

Como ela, objetivamos apontar importantes manobras exercidas no centro do campo psicanalítico que nos chama atenção à uma série de batalhas ocorridas nas fronteiras que a separa dos territórios da ciência, da filosofia, da arte, e porque não dizer, da religião. Pelejas graves que impactaram na definição do objeto humano que as implicam em seu conjunto, sendo este um *leitmotiv* da infindável guerra, pelo domínio do estatuto do objeto.

Em histórias antropocêntricas de povos europeus, duas ordens de questionamentos são instituídas como definidoras à peleja. A primeira luta é circunscrever os selvagens, a segunda, aquilatar a verdade que orienta o civilizado. Frente aos inimigos, resta por fim dimensionar a devastação apropriada à manutenção da guerra.

Em tal devaneio ingênuo não se exclui do cenário uma infinidade de mensagens indutoras do terror. Conforme pode nos ensinar Freud, a “sequencia ininterrupta de casos transicionais” (Freud<sup>54</sup>, 1908[1907]), pode ser reveladora, pois Festeiros do Divino e Cristãos Novos não são apenas guerreiros do futuro, são, também, iguarias em festivais Tupinambá que se desenvolvem em três etapas: “a da execução, com os rituais anteriores e as cerimônias preparatórias; a do repasto coletivo; e a da purificação” (Fernandes, 2006: 321) .

Nestes termos, posso dizer que gosto muito dos franceses na França que há em mim, em suas companhias, cozinhamos a nós e os outros por receitas deveras saborosas. Com esses comissários culturais, traço estratégias argumentativas, quiçá, até, supostos entendimentos atrevidos sob forma de monstrações, promessa de uma composição alegre.

Um dos francos me encanta de forma especial, falo do Médico Psiquiatra, o Dr. Jacques Lacan, também conhecido como o psicanalista do tempo lógico. Nada mais lindo do que vê-lo

---

54 Escritos criativos e devaneio.

trabalhar, sua maestria em reduzir o *corpus* de que temos necessidades ao corpo que vemos capturado pela imagem (Barthes, 1980), não é mera redução do “particular absoluto” ao qual Sandor Ferenczi já o antecipara:

Digo sempre a verdade. Não toda a verdade, porque não há nenhuma maneira de dizer tudo. Dizê-la toda é impossível, materialmente: as palavras faltam. No entanto, é através desta impossibilidade que a verdade toca o real (Lacan, 1974<sup>55</sup>).

Se transcrevo esse trecho de abertura performática do seminário *Televisão* (Lacan, 1981), não é apenas para fazer presente aqui, um outro francês não menos admirável, o Sr. Roland Barthes, mas, para marcar em cada quadro da película que contém Lacan, “o isso foi”, que o lança como imagem em movimento no tempo, reproduzindo-o ao infinito, repetindo-o mecanicamente, conforme pode atestar a interrogação que nos cabe fazer, ao seguirmos os passos do dramático gramático Barthes. Este, como o outro, interessado pelas imagens, atento a *Tiqué* que se faz presente em toda foto, nos obriga a perguntar, por vias lacanianas: como operar no “esmagamento do tempo”, a lógica do afeto alegria?

Para tanto, recorro novamente a um terceiro francês, que na verdade se assina por dois, os Senhores Gilles Deleuze e Félix Guattari, o primeiro filósofo, o segundo psicanalista. Com o trio de quatro, ou seja, Lacan, Barthes e Deleuze & Guattari, intenciono pôr em movimento o agenciamento da máquina com a qual irei transitar no campo. Neste trabalharei mais detidamente o problema proposto.

Dessa ala francesa, desejo dispor os objetos conceituais que irão me instrumentalizar à necessária desterritorialização que julgo exigir o conceito alegria, para que possamos, em um segundo momento, apresentar as condições mais adequadas ao agenciamento desse afeto fundamental, como conceito importante à dimensão ético-política na epistemologia que orienta a clínica psicanalítica, assim como, seus demais afazeres.

---

55 Transcrito do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=dLQlgggYGz4> em 29/03/2021. As 23:43h

Sendo assim, três textos balizarão o relevo do seguinte cenário, *Televisão* (Lacan, 1993), *A câmara clara* (Barthes, 2018) e *Kafka: por uma literatura menor* (Deleuze & Guattari, 2015). Com eles promoverei uma associação de dispositivos, demarcando pontos de aproximações que me ajudarão a recensear os *curto-circuitos* na inunção desses autores, objetivando montar nossa máquina de guerra capaz de neutralizar aqui o discurso maior da razão, em defesa do discurso menor que alberga nossos monstremas.

Das delícias no tríptico solo francês, mastigar com cuidado o valor do *corpus* cozido, é comunhão imprescindível às carnes em guerra. Assim, do jardim televisivo lacaniano, não são poucas as imagens-encantos apresentadas. As inunções que ele promove decoram a fauna e flora da ambiência. Se Lacan torce e contorce troncos de verdades há muito estabelecidas, é porque, conforme solenemente anuncia, sabe ele e sua audiência também, que “a verdade provém do real” (Lacan, 1993:11). Se o seu dizer tem procedência, mesmo que ele esteja falando a verdade, a consequência maior é a que jamais se poderá dizer-la toda.

Nesse teatral seminário, o apelo de Lacan ao dispositivo do olhar não cumpre apenas o papel de chiste na florescência da audiência *Televisão*. Quando ele se dirige ao seu público como um ator, não estaria ele apontando na questão do olhar a função de sua fala?

Olhemos para o segundo protagonista na televisão, “O Inconsciente freudiano”. Como coisa desaparecida, que podendo estar em qualquer lugar, pode não estar, também, em parte alguma. O inconsciente, só apareceria em um ser que fala, pois, “o inconsciente, isso fala” (Lacan, 1993:18), mesmo que para tanto, exija uma reconfiguração da própria linguagem por vias de uma torção histórica no campo. É com torções como essa, que Lacan nos faz ver, pela escuta da “lingüística”, o inconsciente estruturado como linguagem (Lacan, 1993). Acentuo apenas que aqui aparece um outro personagem conceitual da peça: “A Lingüística”.

Desse movimento súbito, Lacan faz ver do campo da linguística o primeiro curto-circuito que se produz no objeto que ocupará a sua cena primordial, interpelando seus operadores mais atentos sobre o sismo “d’alíngua”.

Se os esforços acumulados pela ciência se concretavam sob o controle do objeto, com a abruta fissão lacaniana, assistir o abalo, não é apenas um mero jogo de cena inevitável. Sua onda se espalha ainda hoje pelos diversos abrigos da verdade científica, avançando não só sobre o solo filosófico, mas também religioso. Se o impacto produzindo não desmontou a secular edificação do guardião da razão, não significa dizer que até as palafitas que evitaram que se molhassem os pés, não tenham sentido o impacto.

Mas que abrigos são essas? Se a condição do objeto é ser eminente, no dizer de Lacan, a redução que se produz com a “d’alíngua”, que o leva a inocula-la na própria noção de sujeito nos “segundos aristotélicos”, arrasta-o ao encontro do inconsciente freudiano com a ciência que lhe deu guarida? O que acontecerá agora com as verdades científicas? Seria esse o drama que move programa lacaniano?

Ao instituir<sup>56</sup> “o inconsciente a partir da ex-sistência de um outro sujeito à alma. Alma como suposição da soma de suas funções com o corpo” (Lacan 1993:18), Lacan não estaria, nos últimos segundos de Aristóteles, a demonstrar a razão derradeira da excomunhão, considerando Freud o único excomungado na história da psicanálise, vitimado pelos laços das sociedades médicas?

Não sejamos apressados, para abordarmos tamanha querela, teremos que sair um pouco da França, mas, não é hora ainda, mesmo porque, a França é deveras instigante. Nela podemos aprender que o saber é tão somente uma fantasia, extremamente adequada a certos palcos, já em outros, é puro insulto aos bons costumes.

E quanto a isso, Lacan presume ter dado o “recurso qualificado” para que se possa ver o alcance da psicanálise para além da confusão (de línguas?) corrente. Na composição do quadro, Lacan contou com a imprescindível figura do *staff*, esse agente cenógrafo atento, vigilante para que tudo ocorra bem em um espetáculo. Afinal, não é isso o que nos ensina o papel de semeador que o coadjuvante Jacques-Alain Miller opera com o protagonista, para que não se perca o foco do ícone central que sustenta a imagem às subjacências televisivas?

Dos armários de figurinos, o programa em curso exige a plasticidade das peles, portanto é no curtume fotográfico de Barthes (1980) que iremos encontrar o tratamento adequada às imagens requeridas. Barthes é outro trabalhador francês incansável. Com sua câmara clara, dia após dia, implicado que era com a ordem do inconsciente, insiste no desejo, apresentando-se extremamente atento ao que se repetia pelos longos dias de cura de sua fatídica película: o espectro fotografia.

De olhos fixos nos mitos fluídicos que emergiam pelos poros das fotografias, Barthes observa nos tecidos estampados, equívocos. Estaria ele seguindo as pistas deixadas por Lacan? Numa tentativa de, assumindo para si o objeto da lingüística, poder desacoplar o significante do sentido que uma fotografia teima em repetir? Saberá ele da lição de que “os não tolos erram”; que o real em só podendo mentir ao seu parceiro, jamais deverá deixar de se inscrever como sintoma (Lacan, 1993:24)?

---

<sup>56</sup> Não seria essa a maior das consequências da verdade erigida por Lacan?



A opção de Barthes em *A câmara clara* (1980), não revela sua verve franciscana em matéria de teoria, mas, demonstra sua vontade de potência nos afetos que as fotos mobilizam sob a égide da libido. Não é uma inspiração crer que “o que bem se concebe, claramente se anuncia”?

Mas, Barthes não é um mero tolo. Como um dos melhores da audiência no imperial jardim lacaniano, ele soube precisamente caminhar, como ninguém, pelas vias do olhar para encontrar “a tal foto” pensativa, apontando nela a ex-sistência radical. Seu deslocamento do olho para o dedo de quem segura a máquina é fatal!

Não é isso que podemos aprender com Barthes quando nos encontramos diante da imagem de Lacan na televisão? Serão esses *frames* a captura de um pensamento que busca a eternidade? Estou louco para pensar se não é o *corpus* de um discurso, escrito e/ou falado, da mesma ordem? Deixemos isso para mais tarde.

Daquele programa no qual Lacan se encontra de frente com Miller, podemos extrair a raridade da surpresa em momento de extrema proeza que um discurso pode oferecer: sob a forma de contorções técnicas o solo da jardinagem lacaniana cultiva os sublimes achados de um retorno. Precisamos pensar sobre o caráter subversivo da projeção rápida da sequência de fotos Lacan, a “tal foto”, *Televisão*? Em *Televisão*, será que Lacan foi eternizado e com ele eternizou-se também a psicanálise em seus retornos?

O danado de fotografar com Barthes é que jamais esquecemos da morte que toda foto é incapaz de negar. Não é sobre isso que conta também a dimensão dramática de todo texto, mesmo aqueles que se declamam inúmeras vezes, por vezes, com números?

Um, dois, três... O tripé – autor, ator, público – não nos deixa esquecer a importância dos números nos jogos de linguagem, principalmente quando em cenários de dança o que agita são os gritos das imagens. O que eles são capazes de fazer ver? O “um” da verdade: instante, sem se permitir que se diga “o” mas, “um” instante de ex-sistência. Se este explode na relação a três pelas vias do “o isto foi”, é o “x” da questão à qual, com Barthes, somos convocados a pensar.

As sombras que assentam sobre uma foto, pode até não notarem a indiferença que a constitui, no entanto, se param para dar atenção a ele, é porque viram o *punctum* do afeto que nesse mesmo instante passou a abriga-la. Eis o lindo orquidário Barthes, se não se ouve o som de suas orquídeas se abrindo em flor, certamente, alma viva que for, não deixará de ser afetada por sua fúria.

### *1.12. Do que não se dá às vistas a quem jejua em jardins*

O amor que os franceses devotam aos seus jardins é reconhecido no mundo todo, a forma como eles os organizam fazem com que esqueçamos até dos brutais métodos utilizados na montagem. Não vou falar das obras que eles conseguiram juntar e que tem origem nos quatro cantos do mundo, e sabe-se lá como chegaram até o Louvre. Miraremos apenas nos não menos maravilhosos labirintos de plantas, a exemplo do que pode ser visto logo abaixo pela foto do Chateau de Villandry.



Ao observar a imagem desse maravilhoso jardim, quase fiquei encantado pelo imbricado jogo de esquadros. Por entre curvas e retas não foi difícil me imaginar andando por suas ruelas. O espaço normado, cheio de vetores surpreendentes, se isso não confunde, certamente seduz.

Como Barthes me faz companhia a toda apreciação de uma foto, nesse passeio, fico horrorizado ao ver a disposição milimétrica da vida presente. Teria sido este afeto, misto de cansaço e tristeza que se abateu sobre mim, o mesmo afeto que teria movido o olhar de Deleuze para as raízes e seus rizomas desses monstruosos monumentos à vida em beleza contida?

Diante da frieza dura dos alemães, o que seria da ciência se não fosse a beleza do hermetismo francês para prender a audiência? Agora, ao voltar a olhar a tal foto, desejoso em saber quando, da exuberância das vívidas plantas supliciadas pela captura da flora em esquadros, assistiremos à retomada sub-reptícia de seus movimentos alegres pelo chão que as aterram, devolvendo-lhes o prazer e a emoção de serem livres, pois, o olhar de Barthes também denuncia o quanto pode ser vil o claustro sugerido pela imagem, a final, “*uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos*”<sup>57</sup>. Em suma, o referente adere. E essa aderência singular faz com que haja uma enorme dificuldade para acomodar a vista à Fotografia (Barthes, 2018:15).

Como bem demonstra a presença da matemática em campo psicanalítico, um dos efeitos da ciência é nos fazer sofrer com as vistas. Não é o próprio Lacan quem nos ensina que psicanálise às vezes pode produzir *conjuntivite*? Conforme podemos ver na obediência tenaz do psicanalista francês, quando, aturrido por matemas, responde às exigências científicas, crente fazer ver paisagens matemáticas em epistemé freudiana.

Mas, não foi Freud o primeiro a se despedir das imagens da ciência, ao eleger a literatura como recurso de sua mostração do inconsciente, não foi ele quem deu *tshüss* (àdeus, tchau) aos “matemas” das ciências médicas? Não foi ele quem criou as condições para que cada um, em sua singularidade, pudesse criar os seus próprios monstremas?

Eis um enorme problema para as tentativas de universalismo que encontramos pelos discursos psicanalíticos, por isso, tento fazer das lamentações de Barthes uma “foto” de aderências mais alegres. De seu orquidário colho a insistência poética que pulula como textos. Acompanhar as trilhas deixadas pelos perfumes das escritas que não molduram imagens, mas, as reconstituem por seus esforços de poesia, é se permitir partícipe na peripécia repetitiva que intenta criação.

E, se nela formos “textados”, afetados, feridos, o *punctum* bartheriano dá provas de que age. Com isso, estaremos à altura de assumirmos a condição de escritor, obrigatoriamente, presente em todo e qualquer leitor da vida humana, de onde se institui um analista frente a inúmeros esforços de poesia?

A cada vez que lia algo sobre Fotografias, eu pensava em tal foto amada, e isso me deixava furioso. Pois eu só via o referente, o objeto desejado, o corpo prezado; mas uma voz importuna (a voz da ciência) então me dizia em tom severo: “volte à Fotografia (Barthes, 2018:15-16).

---

57 Grifos meus.

Tão marcante quanto assistir Barthes às voltas com um naufrágio familiar é ver Deleuze de guilhotina nas costas, no encaço da cabeça do Édipo freudiano, em sua visceral cruzada contra “a psicanálise de Freud”, mas que conserva em seu jardim de tubérculos florescências inconfessadas da psicanálise pós-freudiana.

### ***1.13. Exercícios controversos no mercado da jardinagem***

A Freud atribuímos o mérito de cunhar a última moeda no mercado da clínica médica. Sobre a cabeça de Janus bifronte coube-lhe contemplar o impacto de sua invenção em ambos os lados da soleira. É fato que as decisões que tomou não foram nada fáceis, a menor consequência por ele amargada foi ter sido excomungado da ciência médica. E Freud não foi o único a nos ensinar o preço a ser pago por todo aquele ou aquela que nos chamados tempos modernos ousaram acompanhar a *epistemé* em seu cotidiano.

Os utensílios teórico-conceituais aos quais Freud foi obrigado a recorrer, quando não raro, a ele próprio construí-los, ainda são deveras proveitosos. Desses apetrechos nossa contemporaneidade faz usos largos quando se depara com controvérsias decisórias que esbarram em incertezas doloridas. Em contextos concorridos, o trabalho a ser realizado é esforço que exige sempre mais do que uma vida pode dar.

Assim, arrola-se verdadeiros contingentes de sujeitos que tem seus estados psicológicos abalados por inúmeras demandas de ordem institucionais e mercadológicas que fazem da luta político-epistemológica um cenário sanguinolento no qual a figura do jardineiro não é mero luxo à exigência de longevidade.

Na devastação que convoca os jardineiros ao trabalho, podar, enxertar, florir de véspera são expedientes que dispensam a escolha ou até mesmo o cuidado com a semente, pois, o desejo é móvel que os inspiram a enfrentar do mirante da vida a promessa na florada, mas jamais o controle no desmantelo nos frutos.

Se picar a vida esquartejando seus corpos continuou sendo a saída científica que coube a medicina frente ao impacto revolucionário freudiano, a bagunça que se seguiu, não deve ser atribuída apenas a esta última “revolução científica” que se tem notícias na pastoral de Esculápio. Embora

possamos reconhecer o número crescente de protestantes que se seguiu a tal evento, paulatinamente suas vozes foram sendo eclipsadas, não apenas pela campanha difamatória promovida, mas pela, cada vez maior, incidência da tecnologia, como um legado indispensável das ciências duras que por força da mercadoria da saúde, passou a prover cotidianamente a prática médica.

Em meio a tantos retalhos que nos obrigam a recompor imagens, assim como fez Barthes, não seria preferível ficar no impasse “*cientificamente* sozinho e desarmado”? Certamente, nesses cenários a manobra de poda desferida por Deleuze não abriu mão do bélico como recurso e fim do seu movimento supostamente defensivo. Se este se dedicou a construir suas máquinas de guerra pondo-as em marcha apressadamente, rumo a fortaleza edificada por Freud, no esforço de sitiar seu mito, Deleuze, não contou com os acontecimentos marcantes ocorridos na década de trinta, produzidos por dois franceses que lhes eram contemporâneos.

Acontecimentos esses que reverberam até os dias atuais e como espectros assustadores, transitam por entre os rizomas guatarro-deleuzianos, despindo brotos venenosos por toda a vegetação esquizoanalítica, inclusive, pondo em destaque aspectos bizarros no quanto do “capitalismo e esquizofrenia” pintando por Deleuze e Guattari, eclipsa-se em suas letras. Será que esses estrategistas da diferença, absortos nos usos maquínicos, não viram as coordenadas teórico-conceituais que se desenhavam na tese de 1932 escrita por Lacan ou nos documentos<sup>58</sup> do exílio de Artaud em 1936?

Ler os franceses é sempre um convite ao testemunho de ritualísticas canibais, quando não, de uma relação à três, o que, aqui fica difícil, pois parece que os dois primeiros sequer foram convidados à alcova, senão, como objetos decorativos. Isso não significa dizer que o testemunho não possa contar nada sobre cenas quentes de paralaxes bizarras.

Na verdade, seu testemunho pode assegurar que apenas o que fora mutilado de Artaud foi incluído nas preliminares. Atesta os cuidadosos esforços de Deleuze e Guattari em conservar do poeta somente o que do corpo-sem-órgão desarma o poder revolucionário presente no aterrorizante corpo que corria pelo mundo como “deformidade Artaud”.

Como ainda não abandonamos o território francês, e como o banquete antropofágico ainda não foi servido, melhor seria nomear a relação como um *menage a trois* em ambiência controlável, sem esquecer que, por maior que seja o ritual, estará presente a sombra que anuncia o terrível retorno

---

58 Mensagens Revolucionárias

os surpreendentes e pestilentos espectros descritos por Artaud (2021) em suas “Mensagens Revolucionárias”.

Mas, antes de laçarmos mãos dos expedientes de guerra tupinambá, sigamos ainda na companhia francesa, atentos aos artefatos que os armamentistas Deleuze e Guattari podem nos oferecer. Sem sombra de dúvida, Kafka e os constrangimentos que o acompanha, é o que de melhor pode se instituir como estilhaço em floridos cenários.

A jardinagem literária francesa reconhece que para o cultivo em seu delicado solo, há que se exercer o manejo brutal dos insumos. Nada mais exemplar dessa disposição do que as investidas guattaro-deleuzianas, principalmente àquelas impressas nos agenciamentos por uma literatura menor.

Sobre a letra de Kafka, esses autores, extraem a diferença necessária às manobras que no próprio solo psicanalítico acentuam à morbidade no Édipo pelas vias da obesidade do mito. Se podemos assistir mais uma batalha que busca fazer tombar o rei grego, a política deleuziana não arrefece, travessa o campo freudiano, agenciando por esse devir trágico a dimensão derrisória da alegoria edípica.

Mais do que apenas exigências de crivo civilizatório, num enfrentamento epistemológico como esse, pode-se inferir que os genuínos eflúvios de ocupações territoriais às organizações dos corpos que se afastam da triangulação edípica é só início do que podemos esperar da inseparável dupla francesa.

A constelação literária kafkiana, pelo processamento que o sentido sofre adentro da experiência da escrita assim como a respectiva desmontagem da máquina social que a atravessa, pode ser considerada uma autêntica máquina desejanse, na acepção guattaro-deleuziana (Deleuze e Guattari, 2002:9)<sup>59</sup>.

Conforme encontramos na leitura maior de “Kafka: por uma literatura menor” (2015) o contrato estabelecido na obra sob a oposição “trágico/culpabilidade” versus “política/alegria”, assume-se o *studium*<sup>60</sup> guattaro-deleuziano, como uma máquina de guerra que encalha na apertada crítica pelos estreitos edipianos.

---

59 Rafeel Gondinho, Prefácio. A escrita (do) impossível. Livro Kafka: para uma literatura menor

60 “O *studium* é o campo muito vasto do desejo indolente, do interesse diversificado, do gosto inconsequente: gosto/não gosto, I like/I don’t. O *studium* é da ordem do *to like*, e não do *to love*; mobiliza um meio desejo, um meio querer; é a mesma espécie de interesse vago, uniforme, irresponsável, que temos por pessoas, espetáculos, roupas, livros que consideramos “distintos” (Barthes, 2018:29).

No entanto, no fundo bestial que os possibilitaram navegar, escondem-se monstros que acompanham *avant-garder* suas máquinas, evitado expô-las a enfrentamentos arriscados. Seria os efeitos da virada linguística sob a pena do psicanalista francês Jacques Lacan, um desses arriscados combates, a ser evitado?

O *stadium* é uma espécie de educação (saber e polidez) que permite encontrar o *Operador*, viver os intentos que fundam e animam suas práticas, mas vivê-las de certo modo ao contrário, segundo o meu querer de *Spectator* (Barthes, 2018:31).

Ler um *corpus* pelos mitos que gravitam seu entorno, não põe apenas o *leitor* em simpatia com ele, é considerar que este, não acreditando totalmente na crítica, em pelo menos, a parte que lhe é tóxica, toma como verdade de sua leitura apenas o que lhe concilia com o *construto*. Eis um risco ao qual, em momento oportuno voltaremos a abordar. Por ora, apreciemos a paisagem.

#### ***1.14. Do paisagismo aos concílios da jardinagem***

O tráfego de vestígios erráticos que inspiram o tema da reconciliação em Barthes pode ganhar relevo por vias de uma leitura guattaro-deleuziana da obra Freud com a qual a sociedade médica tem a chance de se reconciliar com a clínica psicanalítica pela crítica que nada diz sobre a metac clínica que grita nos inscritos de Freud.

Sob a “única lei do mundo”, lei que sustenta e dá norte ao antropófago, o autoproclamado direito bélico guattaro-deleuziano, deixa de fora de suas investidas a maior peleja instituída por Freud, a dissolução da fronteira clínica que aquartela a medicina no *studium* das ciências biológicas. O que nos faz duvidar, radicalmente, do semióforo, tão aceito, de pouca controvérsia, que se imprime com tintas de “metapsicologia freudiana”, compondo o retrato mítico da psicanálise, como exigência de um outro tratamento ético-político às rupturas epistemológicas contidas nas proposituras do psicanalista.

Se Barthes nos alerta sobre a periculosidade das fotos quando estes ganham a função de álibi, certamente, o mesmo também é verdadeiro quando tratamos das “leituras maiores francesas”, seja a que Lacan fez de Freud ou a que Deleuze e Grattari fizeram da psicanálise comprimida na viela edípica.

O alto custo que coube a Freud ter que arcar, quando atravessou a soleira da clínica médica, não se deu apenas por ter apontado para o resto no objeto que a medicina julgava expurgado, mas também, por ter convocado um poderoso fantasma ao campo supostamente científico da prática médica. Se Freud assevera nos contornos do corpo que este não está sozinho, asseverará mais ainda a “equivocidade” de uma prática universal, pelos riscos que ela comporta com o reducionismo que pratica e que aparece, inequivocamente, na inevitável iatrogenia que produz.

O médico, ao fechar os olhos para não ouvir, fingindo desconhecer a singularidade com a qual opera, não apenas deixa de articular a causa última inscrita por Freud, mas atenta, fundamentalmente, contra o princípio da refutabilidade que, segundo Popper, sustenta toda e qualquer pretensão científica.

Nos labirintos Lacan e Deleuze, domina a verdade, sendo ela o que constitui o fio da orientação que não esconde a máxima do direito antropofágico: “só me interessa o que não é meu”. A dica de Ariadne é que o monstro talvez esteja na ponta que principia a aventura, escondendo por sua evidência a dimensão cínica da orientação que se diz assegurar.

De matemas à rizomas, linhas de fuga escandem pelos caminhos extravagantes do desejo um ponto silenciado, herança da clínica médica: o que da clínica faz jus ao trânsito seguro pelas galerias da psicanálise lacaniana e da esquizoanálise, é tão somente o deixar as coisas vibrantes de um corpo de vida e morte, se fazer presentes na crítica clínica, seja lacaniana ou esquizoanalítica, reservadas aos claustros de operadores nada indulgentes, com seus acordos de paz a tiracolo.

Dos simulacros de deuses com suas próteses, idólatras de si mesmos, indiferentes aos falsos absolutos que orientam sua prática, o operário clínico, sem dó ou piedade, labora sob a égide da mais primitiva das leis. Ao singular que é cada um, em sendo incapaz de se harmonizar com multidão humana, reserva-se às peripécias de um mercado de conflitos.

Não poder contar uma história, “memória fabricada segundo receitas positivas” (Barthes, 2018:80), é o horror e o fascínio da clínica que se reduz apenas aos efeitos das críticas que sofre, à revelia daquilo que engendra a crítica que faz.

Nesse contexto a psicanálise justifica o desejo de saber, mesmo que se saiba de antemão da antinomia saber-verdade. Com a psicanálise tivemos acesso a uma modalidade muito específica de sofrimento: o medo de se saber sobre a clínica da crítica. Alerta sempre presente na obra de Sandor Ferenczi.



Se com Deleuze podemos dizer que a psicanálise realiza o ofício da máquina sofrer, o próprio ofício da clínica médica que lhe deu origem, não é o mesmo expediente que se desdobra sobre a máquina guatarro-deleuziana, contorcendo seu espinhaço por vias da esquizoanálise? Teria Deleuze sido capturado pelo mesmo fojo que construiu? Fojo que ao ser escavado em solo clínico, promete ser deveras seletivo quanto a escolha de sua presa, mas que se apresenta como inábil à tamanha façanha. Dessa armadilha nenhum clínico, inclusive o esquizoanalista, foi capaz de escapar.

A psicanálise, ainda hoje, se posta na vanguarda da clínica médica. A grande máquina com a qual operam todos, psicanalista e esquizoanalistas é tão somente o avanço silenciado da medicina. Nesse campo, qualquer concílio, qualquer alternativa que se avenge como resolução à confusão de línguas instauradas, será devastador para ciência de origem. Assim, será que teremos que abandonar os franceses para que possamos ver que, o que interrompe o curso não é, outra coisa, senão, o silêncio sepulcral sobre a viagem de Ferenczi pelo futuro, o que se faz para nós a urgência de nosso presente?

### ***1.15. Da erva que se cultiva em línguas de alegria***

Pelos procedimentos de Kafka, admirando os espólios franceses, sou tentado a surrupiar só um pouco desse imenso tesouro. Se finco bases nos jardins de tantas narrativas que gritam em uníssono “liberdade!”, é porque, tento testar a língua que me acossa, irrigada que é, pela verve tupinambá.

É com o esforço de arrancar de minha própria carne, os monstremas que uso, para escavar o campo psicanalítico, que faço uso aqui das tocantes perguntas lançadas por Deleuze a todo aquele que afoita seguir em frente, assumindo para si a condição de uma existência nômade: “quantas pessoas vivem numa língua que não é a sua? Ou então não conhecem mesmo mais a sua, ou não ainda, e conhecem mal a língua maior de que são forçados a se servir?” (Deleuze & Guattari, 2017:40).

Quero com os franceses que um ritual antropofágico ao molho epistemológico se realize mais uma vez em solo brasileiro e que essa vívida experiência nos faça ousar o devir radical de nossa própria língua. Acredito ser esse um desafio urgente que aponta questões duras pelas intensidades da *epistemè* psicanalítica em terras brasilis.

Sabemos que ventilar mexericos em mausoléus é prática corrente entre os franceses, cremos ser desnecessário profanar cadáveres gratuitamente, melhor será aprender com suas histórias para que possamos comer os mais dignos guerreiros com a maior das honrarias em nosso presente.

Retomemos nosso curso, pois em jardim que há flor, certamente haverá espinhos. Quanto a isso, não tenho dúvidas de que quando a flora francesa aportou no Brasil, francos acúleos desembarcaram juntos. Querelas edípicas à parte, olhemos mais de perto, agora, para a geografia do pensamento francês aqui exposto.

Nesse exuberante rizoma, devires de animais nada amistosos circulam livremente. Com isso é necessário a atenção às tocas, aos dutos, às teias e aos berços que como garrafas kleinianas, invaginam-se guardando bestas de enormes bocas que abrigam línguas e dentes ferinos. São máquinas de guerra assombrosamente devoradoras, seres pestilentos a serviço da desterritorialização que aqui poremos em curso.

Mas, desterritorializar dá trabalho, são muitos agenciamentos em jogo; são inúmeras relações entre diversos componentes que articulam máquinas sobre máquinas. Assim, controlar fluxo é sonho que, quando dá notícias que irá se materializar, o funcionamento da maquinaria, vira aterrorizantes pesadelos.

Diante do exposto, aprendamos com Barthes a ver que, se por um lado, a rica biosfera dos jardins franceses, universaliza imagens-fotos, imagens que não se movem, ou que pelo menos, não admitem o movimento, por outro, são essas mesmas imagens que perturbam como vívidas lembranças impondo-se sob a forma de inevitável rebuliço.

É fato que a flor lacaniana passou a colorir o campo psicanalítico em terras francesas, e quando isso deu, tomou conta também da flora brasileira. Para alguns, tal profusão de cores se tornou uma verdade incontestada, para outros, diante do espólio de “cruzadas linguistas” em luta permanente pela posse do significante, da metáfora, da metonímia, quiçá, das próprias regras dos jogos de palavras e campos de linguagem, a história é rica em perspectivas.

Como ervas daninhas que aqui também aportaram, Deleuze e Guattari aparecem como antídoto à infecção promovidas pela peçonha lacaniana. Inseridos no próprio componente esquizo que inversa a epistemé da psicanálise, podemos dizer que, como agenciamentos que nutrem todo o ecossistema maquínico, os venenos franceses inoculam devir-menor. Conforme nos conta Deleuze com Kafka, uma imagem de lei, uma foto verdade, pode ser sempre incognoscível, até que alguém a demonstre como o mecanismo de uma máquina vicejante intransigente.

Trata-se menos para ele [Kafka] de delinear esta imagem da lei transcendente e incognoscível que de *demonstrar o mecanismo* de uma máquina de uma natureza totalmente diferente, que tem somente a

necessidade dessa imagem da lei para coordenar suas engrenagens e fazê-las funcionar junto “com um sincronismo perfeito” (Deleuze & Guattari, 2017: 82).

Em meio as abstrações avassaladoras dos franceses, a se debaterem sobre a verdade das imagem-leis, é que lançamos mão do “regimento antropofágico”, como um pesticida de legalidade incontestada, capaz de sancionar a própria ilegalidade que herdamos do direito universal que inspira o povo gaulês, base jurídica que sustenta constitucionalissimamente a jurisprudência canibal, para a qual deve ser instituída a única lei que basta, tanto ao homem quanto ao antropófago.

Como meio de suspeição de todas as demais leis, e sob a forma de “a única lei do mundo”, a redução legal instituída no famoso manifesto, faz do “Direito Antropofágico” o estatuto atemporal e sem limites geográficos a escrita e ao pensamento tupiniquim. Tomado como enunciado universal, o dispositivo, “só me interessa o que não é meu”, institui-se em perspectiva epistemológica retroativa por excelência, que perseguindo as origens da lei primeva, aterroriza o gélido sonho de Hans Kelsen, que premonitoriamente se viu diante da assombrosa *fiction* original que desatina os demais ordenamentos jurídicos como sacrossantos relicários da positividade objetiva, pois já em vigor na mais antiga regência humana.

Não seria esse o direito que nos acossa a reivindicar para Artaud o reconhecimento às imagens que gritam inúmeras vezes de seu corpo? Imagens essas que, como manobras resistentes às invasões bárbaras francesas, fizeram de seus escritos, mais do que justos contra-ataques, em sanguinolentas batalhas que o dramaturgo e poeta fora obrigado a travar, para se defender do seu próprio povo civilizado.

Tal como uma pepsis formosa, com suas asas flamejantes, Artaud sobrevoa os jardins abanando o mundo, como se quisesse avivar em cada brasa triste, a potência incendiária que lhe deu origem. Desse excêntrico exercício de polinização, nos ensina ele que no cumprimento de seu labor, um cavalo do cão, não precisa pedir licença aos caçadores fiandeiros, pois ao contrário das abelhas vitimadas em suas teias que como o último ato glorioso de defesa, assiste suas próprias vísceras serem arrastadas pelo ferrão plotado, a vespa negra artauniana conserva seu ovipositor. Enquanto vivo, ataca após ataque, incendiando sucessivamente de forma nunca vista os tecidos que toca.

Artaud morreu lutando sob as barbas de seus contemporâneos. Como puro desejo de liberdade, seu veneno ainda se espalha nos corpos que estendeu em terra natal. Se somos hoje, capazes de sentir os efeitos de sua presença no mundo, não é apenas porque o vento suspende de suas vítimas a pestilência de seus atos, mas também, é porque, pela força motriz de suas asas, se fazem ainda hoje

brotar incandescentes sementes, pondo a tremer contemporâneos medrosos, enclausurados nas covardias que ornaram seus casulos.

Como a repetição não impede a diferença, não é hora de perguntarmos se não teria sido Antonin Artaud uma dessas criaturas pestíferas que agem no seio da “prudência” do pensamento francês, ameaçando seu belo e admirável jardim em flores? Não foi ele quem, de fósforo na mão, ao armar suas intrincadas estratégias, pôs em cena uma coivara verbal no meio da inflorescência francesa?

Artaud, com seu cenário de gritos acabou abraçando os convivas em perigosos jogos. Como um sufocante nutriente, cicuta que transborda de suas letras, espalhando-se pelos escritos de seus leitores, ele faz revolver em quem o come, a experiência de presa que diante do predador de grande monta se enrosca em teias armadas entre roseiras, quanto mais ela se debate, mais expõe suas carnes pela proximidade dos espinhos.

Se assim como nós, Deleuze e Guattari são, inequivocamente, presas do sufocante abraço de Artaud, não seria, também, Jacques Lacan, outra de tantas vítimas a carregar a peste em seu abdome? Ao assistimos Televisão vemos o performático psiquiatra atuar de forma surpreendente, para dizer da psicanálise, do inconsciente e de seus impactos na cultura a verdade que os constituem. No entanto, podemos ver que em seus gestos, por cada expressão que faz uso, uma tarântula tenta camuflar-se, tecendo teatralmente uma imagem para esconder da verdade a verdade que falta ao olhar que o programa promove.

Em sua curiosa dança, Lacan (1974) transforma a área de atuação televisiva em cenário à formação do analista. Comédia de *figuron*, recurso satírico que usa para fazer ver a dimensão caricatural da verdade, expondo-se, conjuntamente com os telespectadores, à força do teatro capaz de fazê-los supostamente saber que o discurso freudiano interessa para além da audiência longínqua dos grupos de formação de analistas.

Com a inesquecível e arriscada performance televisão, Lacan de longe profere do seu próprio corpo mais do que confusões línguas, performa, também, a confusão de corpos: “Eu digo sempre a verdade: não toda, porque dizer-la toda não se consegue. Dizer-la toda é impossível, materialmente: as palavras faltam. É justamente por esse impossível que a verdade provém do real” (LACAN, 1993: 11), e como tal, é preciso que se diga, é preciso que se faça vê-la, nem que seja pela imagem derrisória de um analista que finge ainda não se saber *fictio*, desconhecendo o inacabado de sua formação. Para o assombro dos telespectadores, em pleno estado de moratória, Lacan deu por findo o seu discurso, por uma fala sem fim, como o último grito psicanalítico.

Deleuze & Guattari, por seu turno, ancoram-se ao templo do som frente a fúria do silêncio do dito interrompido da radiofonia de Artaud, para proclamar o narcísico fim do Édipo. É com Nietzsche que me inspiro à questão: na absurda alegria dos franceses revelar-se-á a engenhosa criação que em troca do silenciamento incontrolável da verdade, faz barulho, aturde?

Se a intenção era supostamente impedir que a cegueira continuasse a proliferar em série pelos belos jardins franceses, o que assistimos no final é a peleja entre dois exércitos que lutam para enxergar-se na verdade de um espelho de ágeis pernas compridas que jamais apaziguará o que no campo da clínica se faz como guerra.

Dizer, agora, que o venenoso Artaud infectou, de uma só vez Lacan e Deleuze, é afirmar ainda que no aperto do casulo corpo-sem-órgão, uma dissolvência em curso se consuma pela confusão de *corpus*. Senão por uma técnica, certamente pela anamorfose da ética. É aqui que a paralaxe de Barthes nos possibilita ver o jogo de espelhos que faz a beleza do jardim francês povoado por narcisos. Colocar tal inflorescência diante da paz da luta eterna que se rege pela lei antropofágica, não é ousar abrir os olhos, quiçá, ousar rir, frente uma outra perspectiva no campo psicanalítico?

Um antropófago atento logo identificará nas disjunções entre conteúdo e expressão o apetite francês para o qual o ver com Lacan, é o que se esconde no se ter a compreensão com Deleuze. Assim atento, do instante ao tempo, o antropófago poderá decidir o momento no qual deverá cessar o jejum. Dele, até agora, nós, em terras coloniais, comportados que somos, de cabeça baixa, só testemunhamos a reverberação do ronronar em nossos estômagos.

Da opulência dos *corpus* em teias ensanguentadas, o marmoreio na carne é a expressão máxima do ritual que Artaud fez ver. Apontando para o longo tempo requerido aos corpos, é ele também que nos faz compreender a ausência dos órgãos, expondo-se como feras em jejum, ao decisivo momento de concluir.

Nesse sentido, é preciso aticar as presas, agenciar as forças, traçar os mapas, alinhar a máquina, definir linhas de fuga e, partir para guerra que não se iniciou com os franceses, mas com Freud. Pois, a guerra é “um fato social”, como bem notabiliza Florestan Fernandes (2006), sobre o qual, com os franceses sempre se tem um pouco mais a dizer, afinal, não é responsabilidade deles a máxima de que “a geografia é a política”, frente ao que Freud teria preferido dizer que a anatomia é o nosso destino.

O combate é essa prodigiosa operação aderida a uma força densa e explosiva capaz de rarefazer obstáculos, deitar por terra o covarde, avivando em almas deslocadas a força maior da vida.

A tais espectros, retomar a potência é se lançar por limiares desconhecidos, agenciando máquinas capazes de dissipar o horror, surpreendendo devires do medo, sobre os quais triunfe a alegria.

Os movimentos de operantes ostentatórios não impedem, por si só, a incidência do perigo, eles se apresentam também como relicário do pânico real, aterrorizando pelos agenciamentos de inocentes pactos esquisitos. Quando Deleuze faz lembrar de que a máquina pode se voltar contra o mecânico, aponta à armadilha que se apresenta como impasses no rizoma. Se tais impasses são capazes de soterrar a toca é porque os rizomas podem ficar sem saídas. “Medo. O diabo é, ele mesmo, pego na armadilha” (Deleuze e Guattari, 2017:64).

Desterritorializar o Eros, agitá-lo, precipitá-lo é a função maior de um monstrema que, ao simpatizar com a alegria, sintoniza no corpo o ritmo da vida. Fato social que não se restringe a conquista de territórios ou campos de fala e escrita, mas a assunção da língua de efeitos políticos na radical diferença dos corpos. Língua espremida, torturada, que saliva, espuma, e se necessário for, verte seus venenos, sem medo do preço que terá que pagar por não ceder do que monstruosamente a move como monstração.

### ***1.16. O concriz e a baleia: apontamentos para uma dança epistemológica***

Quando a antropofagia nos ensina a saborear o gosto que somos nós, não é apenas uma possibilidade dramática de raciocínio que se insurge em nossos horizontes epistemológicos, mas a abertura de trincheiras na guerrilha contra a subordinação subjetiva vigente. Como teimosia de colonizado que registre a violência que o subjuga, propomos faz-se aqui uma certa anarquia epistemológica abrindo brechas em campo de saber sedento por revolução<sup>61</sup>.

Entender que o conhecimento não se encerra nas fronteiras defendidas pelos homens e mulheres de ciência, mas move-se solto, a revela de seus interesses, é reconhecer que há um território de amplitude maior que pode surpreender a própria disciplina filosófica Epistemologia. E, se a máquina de guerra ciência, é incapaz de zonestar ou conter tais movimentos surpreendentes, restando-lhe a tomada territorial por vias de uma ocupação política violenta. Fiquemos atentos à barbárie civilizatória que sob o manto da racionalidade instituída, faz ver na dura verdade que intenta conter sobre o objeto que

---

61 Thomas Khun, chega a nos dizer que ao nos guiarmos por um novo paradigma “é como se a comunidade profissional tivesse sido subitamente transportada por um novo planeta, onde objetos familiares são vistos sob uma luz diferente e a eles se apregam objetos desconhecidos” (1998, pp. 145-146).

aprisiona, a verdade vil que tenta esconder pela expressão última de sua própria razoabilidade prometida.

Daí acreditar que se deu por finda a guerra epistemológica com a conquista do objeto humano, a racionalidade científica é açoitada a distinguir dos efeitos que produz por hercúleo esforço empreendido, as consequências que se inscrevem na dinâmica dos conflitos que pôs em curso, também, em suas próprias vísceras.

Assim, urgente se faz assumirmos a batalha epistemológica inevitável, tomarmos posição e traçamos estratégias que alinham nossas máquinas, pois pô-las em movimento já não é mais decisão que nos cabe tomar. O grito ecoa pelos quatro ventos: “É Guerra!!!!”

E numa guerra, alongando-se com seus mergulhos desajeitados no horizonte do thalassa: o que é a exuberância monstruosa de uma baleia se preparando para dormir diante da elegância de um conchiz ao raiar do dia, quando voa majestosamente por entre os luminosos traços grafites da acintosa caatinga?

Para que o leitor não perca o foco, direi logo: uma outra forma de vida livre, um outro usufruto do corpo e da linguagem, uma outra dança de *corpus* em um perspectivismo esquizito. Mas, podemos, desse efeito inquirir o que tais movimentos podem nos sugerir sobre as razões epistemológicas da antropofagia em rituais psicanalíticos?

As duas cenas descritas acima fazem pensar sobre o quão dispendioso pode ser o flagrante. O cuidado, a paciência, o preparo, a experiência, o *know-how*, a certeza sobre o “como se sabe”, requerida a quem ousa por ela deixar-se ser afetado, são condições objetivas que se impõem como outro feito da operação que triunfa na cena descrita. Ou seja, para tanto, há de submeter a uma técnica; há de se escolher adequadamente os instrumentos; há de se conhecer seus usos e, o mais importante, há de se saber responder “o por quê” da presença da força da alegria em meio ao espetáculo.

Nessas dimensões territoriais, Jacques Lacan nos inspira a pensar sobre o quão débil pensa o homem. Quando já sem esperança, o psicanalista, envelopa a dissolução de sua associação e faz com que reflitamos sobre o alerta maior contido na histórica carta de 1980, na qual podemos encontrar não apenas o quão débil pensa o homem, mas “ainda mais débil quando se envaidece”.

O contraste na cena da baleia e o conchiz revela fundamentalmente uma questão ético-política que intermitentemente açoitava o antropófago: a posição e o desejo daquele que assiste desvelar-se a dita peleja da composição de um pensamento em campo aberto.

O lugar e o desejo é o que acompanha os personagens neste cenário conflitivo. Se há segredos no desfecho da batalha, esses fazem referência ao maior de todos os enigmas, o que se incorpora depois de desferido o último golpe: a alegria. Revolvendo as ruínas, o combatente no assombro em que todo e qualquer que ousa encará-lo de frente, verá a cena mítica dos momentos antes da liturgia antropofágica: o que de ti restará em mim? Certamente, jamais será o que deseja quem come ou quem é deglutido. No entanto, esta é a especificidade da antropofagia; é tão somente, o seu *perpetuum mobile*.

Portanto, todo campo de batalha guarda mistérios que desafiam seus testemunhos como prelúdios de devires desconcertantes. Não é esta a razão maior que assevera a segurança da baleia que dorme como baleia e acorda como um flamejante concriz?

Se buscamos aqui encontrar na leveza de um sofrê<sup>62</sup> a agilidade requerida ao combate empreendido, certamente não nos valeremos da dimensão política da ciência. É vero que nos interessa dela, apenas a capacidade lógica que inspira, pois, com Feyerabend (2013), sabemos que a autoridade da ciência não condiz com o efeito que a mesma é capaz de produzir, e em muito tem dificultado os avanços epistemológicos exigidos, inclusive à psicanálise.

A autoridade teórica da ciência é muito mais reduzida do que se supõe que seja. Sua autoridade social, no entanto, tornou-se entremente tão esmagadora que se faz necessária uma interferência política para restaurar um desenvolvimento equilibrado (Feyerabend, 2003:210-211.)

Seduzidos pelo frenesi lógico interno da pesquisa, não é raro que muitos operadores que se dedicam ao campo sejam arrastados, contra suas vontades, a sítios surpreendentemente sombrios e deveras perigosos, nos quais a ciência pouco ou nenhum benefício pode lhes valer, pois, mesmo que a ciência materialize o poder, nem sempre, tal poder pode se traduzir como força conveniente, seja à estrutura ou mesmo à lógica de sua justificação epistemológica que, pouco ou quase nada pode dizer sobre sua ética, que já não seja um grande risco:

A ciência é tão somente um dos muitos instrumentos que as pessoas inventaram para lidar com seu ambiente. Não é o único, não infalível e tornou-se poderosa demais, atrevida demais e perigosa demais par ser deixada por sua própria conta (Feyerabend, 2003:211.)

---

62 Sinônimo para icterus jamacaii, concriz, corruipião: espécie de pássaro da família icteridae, endêmica do Brasil.



Assim, defrontar-se com rituais antropofágicos em seu realismo direto, certamente é experiência inevitável que todo pesquisador está sujeito. Que ele participa do banquete é um fato, o difícil é saber se o que se passa com ele é fruto dos preparativos à ceia que fará parte na condição de glutão ou de prato do dia. Dúvida que, muitas vezes, só se extingue em ambiência microbiótica do trato *digesto antropofágico*<sup>63</sup> ao sabor psicanalítico, que nos faz pensar: como sei que sei o que sei, quando o que sei não sei do outro que me constitui como desejo de saber sobre o que não sei já saber?

### ***1.17. Da taxonomia dos biodigestores: os benefícios de uma criatura ruminante***

É fato que o sal traz benefícios para os ruminantes, é fato também que a salugem na ciência pode dirimir o atormentado e longo percurso epistemológico de vidas dedicadas à pesquisa, lhes conservando o quanto mais a longevidade de seus produtos. No entanto, suplemento não é alimento. Nos últimos séculos assistimos com preocupação a transformação que os cientistas promovem sobre profusos campos epistemológicos, transmutando-os em duras salinas inóspitas disposta ao cultivo da fé.

Nos primeiros dias em solo salgado o ruminante carente tende a se beneficiar do estrago, mas não demorará muito até que se abata sobre ele a melancolia do devir em suspensão, pois em sua língua o excesso salugem que regressa de suas entranhas o corrói por inteiro. À deriva no mar aberto, em pura solvência, o ruminante sabe que lhe é urgente ser criativo, quiçá, inovador. Sabe ele que deverá ser corajoso, pois o que a realidade lhe impõe exigirá que lute contra o mundo encantado da pureza. Mas ruminar encantos, não raro, exige-lhe cuspir afiadas pedras de ofuscante beleza, o que convenhamos, para tanto é necessário, sinceros esforços de filias poéticas.

Enquanto organismo vivo de língua sensível, Freud talvez tenha sido um dos mais importantes e contraditórios agentes de decomposição da teimosa *práxis* médica que a modernidade viu se materializar e que imediatamente a neutralizou, como o mais arredo dispositivo frente ao campo da poesia. No entanto, a revolução epistemológica que o toma como epicentro, fez surgir um corpo completamente esquisito ao leito da clínica médica. Por frestas poeticamente desconcertantes ele faz ver, de uma forma totalmente subversivo, não só a dimensão erótica dos órgãos e tecidos, mas, o que

---

63 Termo usado por Daniel Piza, em Antropofagia hoje.

essa pode engendrar como ordem de funcionamento estonteantemente exótica ao adstringente saber médico.

O criativo Freud, faz da escuta clínica, um aparelho auricular capaz de estender o alcance da medicina, diluindo o excesso que a corrói. Na escuta flutuante que inventa, abriga uma infinidade de decompositores auditivos que ao ruminarem os sonhos de mesas clínicas, transformam o campo e a epistemè médica, criando definitivamente o que conhecemos hoje por psicanálise, a vanguarda eterna da clínica médica, que se institui como retaguarda para uma série de outras clínicas.

Freud é ainda o exímio guerreiro, merecedor dos mais honrados banquetes, nos quais é o prato principal, e como tal exigirá dos convivas a honraria do salgado suor vertido na batalha que o trouxe até ali. O salário devido por aqueles que o comem, é pagamento que se prolonga em sobrevida criativa que tempera a verve curiosa do rizomático campo psicanalítico. Um antropófago menos apressado, saberá valorar a espera por outra inesquecível iguaria que em banquetes psicanalíticos é servida sob alcunha Ferenczi.

Ciente dos riscos e da ambiência de sua lavra, os pesquisadores no paralelo freudiano, misto de arqueólogos, garimpeiros e escritores criativos, dedicaram suas vidas aos esforços de trazer à tona o tesouro espalhado no espaço de um corpo que com o tempo inscreve a causalidade de si.

Testemunhos desse mundo, todos fomos arrebatados pela regurgitofagia agalmática dos escritos psicanalíticos. De tanto acompanharmos seus diários clínicos, já os envolvemos nas frestas sedosas de nossas línguas. Se hoje, somos pegos de surpresa pelo que revelaram as escansões dos primeiros psicanalistas, é porque o campo de investigação que deram início, ainda continua aberto e pulsante, não apenas às possíveis verdades retroativas que a todo tempo requerem ser instituídas, mais ainda, ao que se agita nesse espaço, sob a forma de componentes víveres, “pró-bióticos” dispostos a corpos famintos, e que, portanto, se movem produzindo efeitos vivificantes em *corpus* já dados como mortos.

Fato concreto que a pesquisa em psicanálise atesta aos contemporâneos como indissociada da *epistemè* que lhe deu origem e que orienta até hoje seu ensino. Se há alguma dúvida quanto ao caráter inesgotável dos seus recursos e instrumentos, o mesmo não pode ser dito quanto a intenção e a extensão de sua incidência no universo que se amplia a cada virada que os freudianos disferem o torque.

Outro fato inconteste que o pesquisador em psicanálise é obrigado a reconhecer é que, ao contrário da maioria dos campos de investigação científica, a fortuna teórica psicanalítica registre, como nenhuma outra, a força do perecível. Para um pesquisador deste campo, os conceitos apresentam

longevidade surpreendente, pois capazes de se dobrarem inúmeras vezes, chegando a impactar contextos de espaços e tempos que desafiam a senectude epistemológica tão presente em mobiles teóricos conceituais que lhes inspiram.

Além disso, as palavras que tramitam ou tramitaram nesse campo conservam sua eficácia relativa aos compromissos éticos do discurso a que respondem. Já as que neles hibernam, seja como termo ou como conceito, quando despertos de sua dormência por vias antropofágicas, transformam o uso comum da linguagem estabelecida sob as contenções do tempo e da política.

Assim, a guerra aqui declarada tem por princípio uma manobra epistemológica, como condição *sine qua non* à própria epistemé na qual a mesma se desenvolve. Mais do que a tipificação social<sup>64</sup> do campo epistêmico, o combate agenciado exerce a condição constituinte do grupo social psicanalítico a que responde, o que, sob o perspectivismo ameríndio, se desvela por força maior em tempos de sínopes transfinitos, a embalarem a guerra como uma dança alegre.

### ***1.18. O passo antropófico em paço de carne viva***

Em afinação alegre dançam em corpo, honrados guerreiros que me permitem dizer que não falo de quem comi, falo, com meu *mulambo de língua paralítica*, sobre quem desejo antropofagizar. Eis a ideia forte que o regime antropofágico impõe aos membros de sua tribo.

Do mais, nos resta o exigente festim da eterna guerra. Se quisermos participar do banquete precisaremos nos submetemos a rígida regra dos nove cunhada pelos antropófagos paulistas. Com ela, se institui a alegria como condição à criação, num “amálgama entre realidade e imaginação” (AZEVEDO, 2016: 172).

Aos que degluti muitas vezes, submeto-os ao diário saboreio de seus estados em minhas carnes, não sei se os honro com a devida deferência, sei que sobre isso, saberei apenas se meu corpo, se de tamanha honra for merecedor, for servido. Diante de suas presenças restará a mim apelar ao desfecho da batalha, pois de nada me valerá o cálculo noveno que inspirou Baxter<sup>65</sup>, pois o que se

---

64 Ver Florestan Fernandes *in* “A função social da guerra na sociedade tupinambá”. Se não é difícil concordar com a estratégia metodológica desse autor, certamente é por que hoje dispomos da tensão do perspectivismo proposto por Eduardo Viveiros de Castro em seus “Metafísicas Canibais” e “Inconsistência da Alma Selvagem”.

65 Charles R. Baxter, médico norte americano, que desenvolveu uma fórmula matemática que orienta os cuidados dedicados a vítimas de queimaduras.

sorverá da anatomia em chamas, nada dirá sobre qualquer apelo à famosa fórmula. Até lá, devo honrosamente cuidar das queimaduras que infligi no *corpus* que degluti, pois sei o quanto pode ser arriscado a falta de habilidade de chef que não respeita o fogo, em meio a uma animada comilança.

Assim, mexer em *corpus* de corpos findos é, exercício que exige dos vivos, encarar certos limites do campo, pois, tais entidades guardam em suas “brechas epistemológicas” espectros de guerras passadas, arrastando-se por compromissos intransigentes de termos fantasmagóricos que, se há muito deixaram de agitar línguas, pelo simples desuso, revelam-se como ameaças inimagináveis de inesquecíveis táticas de guerra.

Essas entidades, ao serem provocadas voltam a ganhar força teórica. Com suas aparições oportunas, assombram o *prêt-à-porter* do dia, desconcertando o espírito do uso corrente das práticas consagradas, inquirindo-as sobre a sua política e sua razão social.

Não é de hoje que a criação freudiana, ao mesmo tempo, assusta e fascina os que dela se aproximam. Em vários momentos de seus escritos, Ferenczi faz lembrar aos leitores da psicanálise que, na herança deixada por Freud, as “minas abandonadas” não servem apenas de abrigos aos tragos, mas, se esses lá se encontram, não custa nada duvidar de que é porque têm função de guarda para segredos perigosos.

Côncio disso, um antropófago nunca deixa de cheirar, lambe, mastigar; de chupar e roer, o que se imaginava até então esgotado. Sua verve atormentadora é capaz de triturar seus próprios dentes. Como nos deixa ver Ferenczi em seus inúmeros ritornelos. Reconhecer o campo, quantas vezes forem necessárias é exercício estratégico crucial para a longa batalha travada por aqueles que ao saber dedicam seu amor.

Honremos então este que devemos inúmeras vezes ruminar, honremos Sándor Ferenczi e os mentefatos freudianos que lapida, os redimensionando para extrair dos mesmos a alegre força neles contida. Reconheçamos por fim, as consequências epistemológicas e os fatos surpreendentes que retroativamente ele nos lega impactando os rumos em nossa *epistemé*.

São os seus próprios achados e o tratamento que dedicou a eles que fez e faz de Ferenczi um psicanalista de inquestionável importância à psicanálise. Resta-nos saber: os motivos que fizeram com que seus avanços sobre o campo, demorassem tanto a impactar a episteme em nossos dias. Hoje

podemos de dizer Ferenczi é *corpus* de guerreiro honrado capaz de, ainda hoje, flexionar a clínica pelo vértice que lhe é mais caro, o canto da ética que pode nos orientar<sup>66</sup> pela força alegre de sua ternura.

Nesse sentido operar com Ferenczi exige duas disposições, a primeira é aquela que conta com um arranjo no “terreno sólido das leis científicas” e a segunda é de um ânimo determinado a enfrentar o salto epistemológico contido em seu pico catastrófico. Ou, se o leitor preferir, a coragem de mergulhar na imensidão do Thalassa por ele visionado.

Se considerarmos que Lacan (1966), em sua filia às sólidas leis da ciência, anotava no discurso ferencziano *extravagância teórica* para apontar *formulações de delírio biológico* com pretensão de *efusão unitiva*, devemos considerar também que é porque a paixão de sua vida nunca deixou o compromisso de “que se prepare apenas uma teoria congruente para manter a psicanálise no status que preserva sua relação com a ciência” (LACAN, 1998:232).

No entanto, por mais que sejamos seduzidos pela ideia lacaniana que diz que “o fato de a psicanálise ter nascido da ciência é patente. Que pudesse ter surgido de outro campo, é inconcebível (LACAN, 1998:232), não condiz com a dado bruto e grave do nascedouro em questão, nem muito menos com o poético neonato que nele aparece.

Devemos considerar um outro o fato, não menos incontestado. A psicanálise foi parida por um empuxo ético, que revela a exata posição que se encontrava Freud quando este é obrigado por uma paciente a atravessar a soleira da clínica médica de até então. Se isso tem sérias consequências no âmbito do exercício científico das práticas de cura, não resta dúvida que é fato que nos interessa e nos arrepiam.

Já ao que diz respeito ao impacto no campo da ciência médica, inúmeras são as questões. De certeza, é que não demorou muito para que tal evento reverberasse por uma série de outros saberes menores, alterando de forma decisiva o seu curso, coisa que os destinos das ciências psicológicas atestam exemplarmente.

Sendo assim, a psicanálise é um evento que acontece nas alas da ciência, fruto da entrada de um elemento que parecia estranho aos praticantes da medicina, portanto, se devemos atribuir a psicanálise um nascedouro preciso, este jamais teria sido na ciência, mas sim no campo da ética, embora que, não podemos esquecer que Freud fôra um neurologista e um clínico — fato que por si só não é garantia de ciência —, o ato inaugural da psicanálise, é preciso que diga, não veio do corpo

---

66 Sobre esse tema, sugiro a leitura do livro de Daniel Kupermann, Por que Ferenczi?

envolto no jaleco, mas daquele corpo, daquela mulher, que não se conteve na armadura que arrastava, e exigiu o silêncio da medicina para que o psicanalista pudesse dar-lhes ouvidos. Este não é o acontecimento ético que corrige uma relação amorosa estranha, dobrando sua denúncia sobre a técnica que sem limites expõe suas paixões?

É a disposição ética de Freud, diante de uma demanda tão descomunal para seu tempo, que fez desse mesmo registro, nascer a psicanálise, ao mesmo tempo que fez morrer toda e qualquer pretensão de ciência humana à medicina.

Para tanto, basta olharmos, mesmo que de soslaio, para os exercícios da ciência no cotidiano da medicina de sua época, que é também o cotidiano nosso. Fora do escândalo freudiano, o que vemos é o triunfo da ciência como o fim da vida tomada como um empuxo de um retorno à ética. Não é isto que atesta nossos dias, nas portas de emergências para quem não pode atender as exigências econômicas de eróticas congruentes à ciência?

Não é exatamente nesse mesmo registro que Ferenczi acusa a presença escandalosa, não só do masoquismo, mas também do sadismo no âmbito da clínica, agora também clínica psicanalítica, repetindo o gesto inaugural da cena freudiana? Ou seja, não é Ferenczi quem literalmente, atravessa a soleira de uma prática que se propunha “o” modelo, resguardado uma importante tradição que se instituíra?

Encarar a escala ferencziana, é se permitir novas experiências perceptivas do seu traçado; é promover banquetes, é estar disposto a se submeter a um radical programa ético-político; um outro movimento que redimensiona em perspectiva antropofágica a relação com o campo psicanalítico.

E se Ferenczi fôra “talvez o mais resoluto e livre entre os psicanalistas” (Adorno, 2015:100), tais créditos, hoje, não se devem apenas ao seu impacto na história da psicanálise ou da clínica em si, mas também, que a sua elasticidade da técnica exige, por sua vez, uma outra tensão no campo da ética, uma outra articulação erótica às compreensões da política, mais ainda, uma outra dimensão da causalidade em questão que deverá também ser submetida a prova dos nove.

E, se um dia, o perseverante Lacan (1980), esse incansável fantasma restaurador da “sega cortante” da “verdade” freudiana, lança mão do afiado instrumento para temperar seus “molhos teóricos”, em movimento retroativo contrário, afirmamos que, talvez, nessa sopa, Ferenczi é tempero forte, de notas picantes em caldos ensossos nos quais boiam vermes.

### ***1.19. Vermes confabulam conferências em carne viva***

Ao pousar em nós, como uma pestífera vespa, Artaud nos faz prenhe. O ranger de dentes que agora nos habita revela a alegria antropófaga que sempre nos constituiu, no entanto, uma nova experiência se avizinha: o que acontece com o antropófago que engole um canibal vivo? Imagens broncas de um amarelo sorriso, reconhecidamente antecedente das folhas sanguinolentas, revelam a alegoria que sempre fomos: servos canibais da bestial fome.

Entregues a inevitável solvência do verme, nós, infectos do pensamento francês, somos agora empurrados ao inevitável fluxo de uma outra lógica, de uma outra sonoridade que freme escritas em corpos avessos: a mítica antropofágica. Quiçá, viveremos a honra de articular em trama conceitual o ritual antropofágico, no qual a alegria, como monstrêmica poética, torna-se capaz de transmutar palavras alheias, inquirindo sua de origem por vias absurdamente afetivo-sacrificiais.

Encarar a ordem imperiosa dos afetos é burilar no que faz coçar, quando atravessa corpos nutrindo-os, o que é, também, assumido com erótica do pensamento que compõe a dança iniciática em rotatórias de prelúdios animados, como aberturas de ceias para guerreiros famintos.

Dessa erótica que se faz por movimentos aberrantes, os compassos ritmam-se pelo traçado de pontos, linhas de fugas e proximidades rizomáticas. Se há vias alegres na pauta, é pela feitiçaria da variação, pelos encantos do perspectivismo, pelo frenesi da criação continua que se fazem presentes, tanto mais invariavelmente afetivo, quando mais temerariamente conceitual se apresentar a composição.

Abster-se da interpretação e da explicação de um dado *a priori*, é aceitar o convite de dançar no ritmo da deriva. Quiçá, balançar por entre linhas, assumindo posturas em certos platôs, nos quais desdobram-se acrobacias capazes de catapultar à mutação estética, política e clínica de inutensílios deveras consagrados às topologias cambiantes.

Não definir trajetos, não imprimir traçados ou não chamar para si a ordem do devir, eis a dinâmica posta aqui em curso. Reconhecendo que à dura manobra na qual se movimentam *fluxos*, *lineamentos*, *ritornelos*, *rizomas*, são requeridos *procedimentos éticos* aos *processos* que reagirão ao ambiente no qual deverá dançar a alegria. Cômico do que disse Deleuze (1993), “toda escrita comporta um atletismo”, exercido na *fuga* e na *defecção orgânica* que podem mudar índices de ambientes alterando coordenadas.

O verme buliçoso artaudiano ao exercer sua função primordial dobra a razão nos prevenindo da sanha que esta exerce em impedir que a língua delire, mesmo que para tanto seja necessário torturar o já aturdido escritor. Não é tempo de assumirmos que imperioso se torna fazer frente a tal abuso? Principalmente quando a escrita se dá no espaço da geopolítica psicanalítica?

Não é nesse mundo, descoberto por sua paciente que Freud ensaiando abster-se do controle sobre os mecanismos psíquicos que dão vida ao sentir, a escuta, a visão, a fala... e a todos os afetos que dessas experiências se inscrevem, é tão somente a última quimera de um paradigma em dissolvência? Ou, senão, um cinismo que esconde relações sádicas e masoquistas, no sentido clássico dos termos?

Impingir ao escritor o controle da razão sob sua língua não é de saída matar o potencial de uma escrita singular, quiçá, alegre, tão cara ao dispositivo analítico? Tal expediente, por fim, imposto ao escritor, não seria um atentado à verdade, por excelência, que borra a dimensão ética do território inaugurado por Freud? Qual a última fronteira da psicanálise? Esta talvez seja a questão que sempre se abre quando visitamos a antiga mina imaginada por Ferenczi para interrogarmos os afetos fundamentais que lá se abrigam.

Desenterrar o mal-estar, apontar o engodo da razão, não fez e não faz da psicanálise o sintoma da modernidade por excelência? Sintoma que revela sua própria condição de bastardia, conforme nos faz pensar Kupermann (2020). Radical estado de deriva no território da razão? Não se encontra na escrita psicanalítica o testemunho e a própria invenção que atestam essa história? Por que, nós, proscritos das raças científicas, lutamos tanto, para negar esta dolorosa qualidade? Não é chegada a hora de assumirmos nossa real modalidade atlética em seu radical e arriscado devir?

Não há como deixar de considerar a dobra que Deleuze (1993), no contexto da vida, agencia entre literatura e imaginário, fazendo-nos pensar sobre a dimensão delirantemente doentia de um discurso pretensamente universal erigido sobre a imagem de raça e potência dominante, a qual podemos, “com certa parcimônia”, localizar a ciência, quando os gritos de Franz Fanon, eterno francês estrangeiro em seu próprio território, entre o seu próprio povo e em sua própria língua, faz eco aos gritos artaudianos diante da perplexidade decorrente dos processos de colonizações em seu corpo.

No entanto, Deleuze, entrega-nos por outra via, o delírio como “a medida da saúde quando invoca essa raça bastarda oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de que, como processo, abrir sulco para si” (Deleuze, 1996: 15).

A psicanálise e seus bastardos, infletem que se a psicanálise não pode ser considerada literatura aos moldes da cura deleuziana, certamente, tem sua própria forma de fazer escrita no tempo



e na história de quem dela se aproxima, quase sempre de uma forma atrevida que ousa atravessar soleiras, sejam elas científicas, filosóficas ou mesmo teológicas. Não é isso que a tentativa espúria da empresa Deleuze & Guattari não conseguiu deixar de ver ao conduzir o trabalho de aterramento da psicanálise com os entulhos da família burguesa e seus gritos edipianos?

Embates paroquiais a parte, operar com Deleuze é assumir a verve delirante de todo e qualquer discurso, o que disto, quem escreve, não escapa. Não é isso que nos faz dolorosamente sentir os vermes que se agitam em nossas entranhas? No entanto, é importante ficar atento as advertências do aberrante francês, quanto ao perigo de que o delírio dominante possa fagocitar o delírio bastardo, impedindo que no processo, o devir siga seu curso, restando da operação biológica o “fascismo larvado”.

Inventar uma possibilidade de vida que opera fora do registro do “em lugar de” mas que passe a operar “em intenção de”, é o que nos inspira Deleuze e que poucos deleuzianos se dão conta, pois devir de língua é estilo e estilo convoca à ética em quem o assume. Não é este outro ensinamento caro que podemos tributar ao famoso autor?

Que falta povos “novos” no espaço do saber, no território da episteme moderna, assim como no campo acadêmico, é o que vemos se anunciando pelos movimentos afros e ameríndios, entre tantos. Significa também, que é tempo de assumirmos que os psicanalistas fazem parte de um povo academicamente exilado, submetido a lógicas e imposições de gestão de saberes que lhes são epistemologicamente incompatíveis, conscientemente inadmissíveis e politicamente vexatórios. Se tais expedientes os obrigam a manobras incongruentes com o desejo em pura emergência, questionando método, língua e poder, fazendo-os inclusive sofrer, já não é tempo de lutarmos, de assumirmos a ética que nos orientam e que Freud nos fez ver em plena luz do dia? Quiçá, em nome de uma suposta cientificidade, encontramos repetindo o que Deleuze aponta na literatura quando diz que, “Kafka faz o campeão de nataçãõ dizer: falo a mesma língua que você e, no entanto, não compreendo sequer uma palavra do que você diz” (Deleuze, 1997 pg. 15).

Será que, no encontro com a ciência, o psicanalista estaria fadado às manobras do “jovem estudante esquizofrênico”, o americano Louis Wolfon que tanto inspirou Deleuze em sua “razão” esquizo “lexicofágica”?

Ou seja, em nome da sobrevivência da psicanálise no âmbito acadêmico, teria o psicanalista que também abandonar sua “língua mãe”, para proceder por simulacros de frases afeitas a interfaces impermeáveis? São conciliábulos bizarros, de modo que quando não constroem templos, põe por terra cidades inteiras. Que o diga o abalo sísmico que continua sendo a psicanálise pelas medievais

fortificações da medicina e a tríade infernal das operações médicas sobre a vida: a semiológica, a diagnóstica e a prognóstica que fingem não ver quem está a um palmo de seu nariz.

São esforços metódicos que ainda buscam as tais totalidades formalmente legítimas da ciência médica, e que levaram o neurologista natural de Příbor, a encontrar os limites científicos da clínica que assiste tal ciência, obrigando-o a exercer a paternagem da psicanálise sob a condição de proscrito do espaço que lhe era deveras familiar. Se hoje consideramos insuspeita a maternidade da psicanálise, a filha bastarda da ciência médica, o mesmo não pode ser dito quanto ao exercício da maternagem da órfã em questão.

Diante desse cenário empolgante, “meio de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos” (Deleuze, 1997:73), aventurar-se pelos afetos na língua, exige-nos varar *mapas*, deixar definir *trajetos* pré-estabelecidos, ou desenhar um *corpo* de *coordenadas* que se apresenta não apenas como estratégia apontadas às vanguardas do campo, mas também, aos movimentos de retaguarda que protegem os limiares da batalha. Pisar em superfícies aberrantes é abrir-se às novas conquistas é permitir-se também ser tomada pela alegria.

No entanto, antes de assumir tais riscos atentemo-nos as advertências contidas na Crítica e Clínica de Deleuze (1993) quando este se volta para as profundezas do campo epistemológico evocando Lewis Carrol:

Os corpos se misturam, tudo se mistura numa espécie de canibalismo que reúne o alimento e o excremento. Mesmo as palavras se comem. É o domínio da ação e da paixão dos corpos: coisas e palavras se dispersam em todos os sentidos ou, ao contrário, soldam-se em blocos indecomponíveis. Nas profundezas tudo é horrível, tudo é não-senso. *Alice no país das maravilhas* era para intitular-se inicialmente *As aventuras subterrâneas de Alice* (DELEUZE, 1997: 31).

Sendo assim, consideremos que as vozes triunfais da ciência nos exigem atenção aos combates, as lutas, aos duelos, as guerrilhas, ao usufruto do poderio bélico academicamente calibrados, pois fazem dos meios produtivos do campo do saber, uma permanente guerra nem sempre epistemológica alegremente antropofágica. São embates por territórios, por financiamentos, por mercados acadêmicos, por domínios editoriais, assim como por conquistas publicitárias, que não só promovem nichos produtivos, mas também, personalidades, narcisismos, privilégios, reconhecimentos, poder.

Com o advento da psicanálise, que marcha sob as superfícies das academias, um cenário devastador está sempre em vias de emergência. Contendo de forma deveras precária a causalidade que tanto advertiu Freud, as Universidades erigiram muros, fossos, cadafalsos, promoveram em seu interior a crematística do saber, numa tentativa aberrante de conter sua circulação ético-política, no entanto, por todos os seus espaços encontram-se alcovas, casinhas nas quais a erótica do tempo promove fabulosos encontros e desencontros entre famintos enamorados. Das “monstruosidades” nelas exercidas, legítimos e bastardos passam a povoar o velho mundo como um convite a reedição de novos banquetes antropofágicos.

Entre tantos fenômenos delicados que a metódica operação científica precisa agenciar, certamente o que atende pelo nome de clínica articulando-se com a alegria, é o mais caro, o mais estranho, o mais terno, o mais paradoxal, o que nos convoca ao brutalmente delicado estilo empático. É também aquele que conserva um radical engodo da história das ciências clínicas, que nem mesmo a mais aberrante das atrofia<sup>67</sup> que os jalecos são capazes de produzir, é o suficiente para justificá-lo.

O paralelismo histórico dos objetos da clínica médica em contiguidades com a causalidade que os assistem encontram no dispositivo freudiano o problema grave que só um retorno aos fundamentos da metapsicologia por ele criada pode lançar luz sob o obscurantismo da clínica que transcende os limites da ordem médica.

A afirmação da vida no âmbito da clínica. A alegria como potência, como força maior, como manifestação autêntica do amor *fati*, que a ciência médica não consegue encarar, e que até mesmo Freud recusou-se dar-lhe uma formalização, é questão urgente. Se operadores da saúde hoje caminham pelas vias políticas institucionais e corporativistas, abrindo mão inclusive de sua verve, não encontra aí possibilidade de conciliação da clínica com a vida<sup>68</sup>. Teríamos com Ferenczi de anunciar o necessário fim das ciências da saúde? Disto, até agora, só temos notícias sobre carnificinas. Como é possível sabermos tanto sobre a mortandade nas clínicas de prescrições, e mesmo assim, continuamos operando com este modelo como se nada de estranho ou inaceitável ocorresse?

Dos utensílios da ciência, a clínica que temos hoje é o modelo mais apavorante. Pois revela a negação da potência, seja ao sôfrego penitente, como também aqueles investidos da deidade suprema, o próprio operador da saúde refém do mercado dos *gadgets* mecânicos e das inúmeras e “misteriosas”

---

<sup>67</sup> Como bem poderia nos inspirar o médico argentino Che quando diz: “a farda modela o corpo e atrofia a mente”

<sup>68</sup> Faço aqui alusão a poderoso livro de Peter C. Gotzsche “Medicamentos Mortais e Crime Organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica” Publicado pela Editora Bookman em 2016, no qual se lê que “os medicamentos prescritos são a terceira causa de morte no mundo, depois das doenças cardíacas e do câncer (pg. 1)”

drogas ofertadas pelas indústrias, fato apontado por Freud quando se interroga sobre os paliativos culturais, circunscreve a droga como o contributo científico ao mal-estar e, quase um século depois, Preciado (2018) forja o semióforo mais lúcido e adequado: farmacopornografia.

Nela tudo é dobra das fraquezas, das vicissitudes debilitantes, dos medos, das prisões, dos modelos de hipodimensionados dos espaços que põem em contíguos compartimentos, mundo externo e mundo interno. Uma vez erguidas as paredes e os muros, a promessa de realidade de uma política invisível contida nesses sucos é o suficiente para embalar o assombro de nossa época em nossa perplexidade.

Campo de reclusão e paciência, a clínica médica que tanto aturdiu Freud e que tanto nos seduz, não seria o território por excelência à “expulsão” da diferença aberrante dos corpos e seus afetos? Os cubículos demarcados pelos jalecos e pelas batas hospitalares não seriam a mimética do véu que protege o mundo do apavorante reflexo contido na moldura da obra de Oscar Wilde no tenebroso retrato do Gray, que faz da medicina um espelho para nós mesmos?

O modelo universal da clínica médica científica, herdeiro da morte em vida, ainda hoje inspira psicanalistas, é o monstro prostrado nas salas de espera da promoção da saúde. O mais estranho de tudo é que ele incomoda, mas, tal incômodo não impede ninguém a precipitar-se em atravessar a soleira. O que acontece então? O que aconteceria se reorientássemos a clínica rumo a promoção do amor à vida e da alegria? O que poderia acontecer se promovêssemos tal afeto ao invés do medo de estar doente, de ficar doente, de não adoecer, de morrer saudável? Investir sobre tal lineamento parece ser o destino de homens e mulheres do futuro, quiçá possa ser também o nosso, quando nos dispormos a honrar a força da alegria no âmbito dos limites de nosso corpo.

### ***1.20. Aos roedores que ruminam***

Por fim, posso dizer agora que o presente movimento há muito tempo me habita, se demorei décadas para sua escrita, foi por tempo gasto em língua parálitica, esforço deveras amargo em convencê-la suportar letras tão esquisitas. Pois, com próteses quase certas, teimei andar pelas linhas retas entre as querelas pseudocientíficas.

O esforço até aqui empreendido tem início quando eu, deveras jovem, me espantei com a foto em um jornal paulista. Diante de mim abriu-se a imagem não tão bela ou inaudita, uma pequena e

numerosa família emparelhada, compondo face de catita. Homem Gabiru, semióforo da manchete, tal como antes, continua a me fazer enquete pela língua ferina do moleque, que ainda hoje em mim se mantém viva. Se algo me empalidece é a ela que sempre retorno.

EU, arremedo podre de devir agosto, porém, nós, precisamente da mesma terra e, portanto, da mesma carne pútrida, jamais anjos, certamente, moribundos sujos que não perderam a capacidade de farejar em monturos fragrâncias de vida

## 2. A alegria em Artaud: a face dobrada de um corpo-sem-órgãos

*Um cão, porque vive,  
é agudo.  
O que vive  
não entorpece.  
O que vive fere.  
O homem,  
porque vive,  
choca com o que vive.  
Viver  
é ir entre o que vive.*

*O que vive  
incomoda de vida  
o silêncio, o sono, o corpo  
que sonhou cortar-se  
roupas de nuvens.  
O que vive choca,  
tem dentes, arestas, é espesso.  
O que vive é espesso  
como um cão, um homem,  
como aquele rio.  
João Cabral de Melo Neto*

### 2.1. *Do rio ao mar: interiorano cheiro*

A correnteza Artaud bem que poderia ter sido um daqueles homens com os quais João Cabral se esbarra em um corriqueiro choque por entre ambiência apressada que em lamaçal repousa, do qual, exalam-se odores capazes de redimensionar o espaço em que se encontram. São corpos marcados pelo o tempo e que ousaram dar *corpus* ao mundo por eles lido. Assim como *corpus* outros, espalham o ocre de vidas atijando estranhos parentescos, quem sabe até, familiaridades de *cães sem plumas*.

São encontros desse tipo, encontros na dor que podemos sentir de sôfregos o cheiro constrangedor da alegria. Tal fenômeno nos faz pensar se há entre homens tão estranhos a si, a força que possa nos mover. Do João Cabral, aprendemos que a gengiva da faca não limita a profundidade do corte. Os riscos no polimento do osso, faz surgir uma porta entreaberta por onde é possível mirar “onde, fria, a vida ferve”<sup>69</sup>. Do Antonin Artaud, em meio a traições orgânicas, o mundo abisma em lama na qual a vida fede, fermentando-se em ambiência eurocêntrica, constrangida por ataduras fronteiriças que cristalizam as fábricas, os tribunais e as universidades, desenhando-se como um matadouro de dimensão global.

Chega de jogos da linguagem, de artifícios da sintaxe, de prestidigitações com fórmulas, agora é preciso encontrar a grande Lei do coração, a Lei que não seja uma lei, uma prisão, mas um guia para o Espírito perdido no seu próprio labirinto. Além daquilo que a ciência jamais conseguirá alcançar, lá onde os feixes da razão se partem contra as nuvens, existe esse labirinto, núcleo central para o qual convergem todas as forças do ser, as nervuras últimas do Espírito. Nesse dédalo de muralhas móveis e sempre removidas, fora de todas as formas conhecidas do pensamento, nosso Espírito se agita, espreitando seus movimentos mais secretos e espontâneos, aqueles com um caráter de revelação, essa ária vinda de longe, caída do céu (Artaud, 2013:50<sup>70</sup>).

Eis a geometria de um cheiro arriscado. Sendo assim, nos atrevemos ao choque com o que de Cabral e Artaud, entre nós, ainda vive, portanto, nos fere. De suas vidas, resta-nos *corpus* não menos surpreendentes do que aqueles corpos nos quais um dia foram vivos. E nada nos é mais instigante do que investigar com tais *corpus* o que nos conduz ao alegre corpo por eles inventado.

Em propendo fluxo à realidade, o corpo é, também, objeto estranho, exposto à fome, ao frio, à solidão, ao desaparecimento, à indiferença, à morte. Como tudo que é real é espesso, o corpo habita febril os sonhos que na espessura da pele adere-se. A mútua prisão, gera espanto quando grita, anunciando a todos, seu gesto mais banal: assistir inerte a inquietude lustrosa da razão que doa ao gume da faca o fio mais fecundo, revelando seu último movimento rumo à podridão.

Sabemos que antemão que o corpo em Artaud é uma substância que desafia as correntezas. Ele o circunscribe como espaço no qual qualidades imprecisas relacionam-se com quantidades impróprias, despertando sempre relações surpreendentemente problemáticas. Lugar onde tempos e

---

<sup>69</sup> In O cão sem plumas. João Cabral de Melo Neto, 1949-1950.

<sup>70</sup> <http://www.sabotagem.cjb.net/> 15 de setembro de 2013.

posições desejanças se impõem como posse de si e dos outros. Tal corpo é um convite à ação que as forças da paixão e do hábito convocam a senti-lo em sua radical intensidade. Quando posto em movimento ele faz circular múltiplos planos, revolvendo sob pés as fricções de dobras de vida em empuxos esquisitos de cão vivo, cão que clama ter o que ele é: um apelo por ternura. Empuxos que o faz gritar o “o quê”, de dor e gozo, traduz sua política. A comichão que desperta faz vibrar entre carne e ossos, gestos elementares de espesso incômodo no campo da razão.

Pelo denso rio cabralino o corpo navega como trama sintática arrastando consigo o peso das regras. Como um toco de múltiplas cronologias ele navega lentamente expondo sua escrita na lama, detalhada trilha que na *indiferente perfeição da geometria* o conduz inevitavelmente ao mar, essa bolsa de memórias que lhe é externa, onde fatalmente, ancorará as que de dentro de si afloram, carregadas que são de inúmeras presenças corpóreas.

queira prender todos os temas  
que pode haver no corpo frase:  
que ela, ainda sem se decompor,  
revela então, em intensidade...

como de uma coisa maciça  
que ao mesmo tempo fosse oca,  
que o corpo teve, onde esteve,  
e onde o ter e o estar igual fora. (Cabral, 2020:302-305)

Como uma estranha nave o corpo segue lamaçal abaixo escrevendo no espelho d'água o que inesperadamente incorpora. Nos vexames dos dias, esquece-se, grita rogando aos ventos estar no mar.

## **2.2. *A barcaça: quando a medicina encontra sua casa***

Na geometria euclidiana, um grito é um canto inacessível, espaço outro no qual surpreendentes formas se movem espalhando ondas de terror e encanto. Em Euclides o corpo talvez

seja o mais radical mistério, principalmente, quando dentro de uma sala ouve-se seu grito. Para um euclidiano, ouvi-lo não é qualquer fatalidade, sua onda mexe o que sob a pele se esconde.

Basta recordamos Freud quando expôs seu corpo a tais vibrações. Ele fez ver não apenas os limites da clínica médica, mas a dimensão do universo que a romaria pseudocientífica registre em admitir, ou seja, que debaixo da pele de um vivo, aloja-se vida sob aperto do medo que a própria terapêutica lhe impõe.

Do chocante encontro, o neurologista aprendeu que recorrer a relicários de imagens, sublimatórios gráficos e rigorosas drogas, revela apenas a insuficiência, a ineficácia do traçado da modernidade que por seus pontos e linhas, traduz-se tão somente como fuga que leva sempre para um ciclo vicioso de uma biosfera macabra.

Ciclo que deteriora a prática clínica, apresentando a iatrogenia em suas operações mais eficazes, contorcendo os sonhos de uma medicina baseada em evidência. Fazendo das oposições nosológicas um sério pesadelo para quem, como Freud, deu-se conta do *déficit capacitário* constituinte do modelo médico científico.

Mesmo com Freud, o traçado médico continua orientado por uma única reta, aquela que, ao insistir ligar saúde – doença, institui o limite à realidade do vivo. No entanto, à axiomática da medicina, a experiência que Freud se viu implicado, faz ver na tridimensionalidade do objeto corpo, a morte programada da clássica clínica, quando o invisível que pulula no vivo exigiu ser ouvido.

O invisível, essa quarta dimensão da realidade que acossou Freud e que afeta de forma brutal a vida humana, assim como suas formas e seus esquemas de funcionamentos. À revelia de qualquer vontade, tal dimensão *existe, é e tem*. Se a insuficiência científica foi incapaz de apreendê-la, coube a Ferenczi, em ritornelos ao futuro, aos moldes cabralinos navegar por rios artaudianos, descobrir o campo epistemológico que lhe é próprio. Estamos falando do tempo do desejo para o qual Freud institui a episteme psicanalítica. Considerando que o seu reconhecimento retroativo nos lança, inevitavelmente ao espeço lamaçal do grito vivo que eco em nossos dias.

Enfrentar tal despautério fez de Freud um eterno proscrito das ciências médicas, fez também com que a própria medicina, finalmente encontrasse seus argumentos mais contundentes, seu quartel mais fortificado, sua diferença mais radical, seu limite mais seguro: não se envolver com as ordens *metamédicas*. Escondendo tais “vergonhas” sob o tapete metapsicológico, desesperadamente estendido por Freud como garantia de sobrevivência da peste, que desde então, encontra-se em estado de dormência.



Se, hoje, do parapeito da drogaria podemos ver o ancoradouro no qual a medicina estacionou sua clínica, certamente, da grande embarcação ancorada, jamais houve testemunha do desembarque do famoso marujo vienense. Reza a lenda que o mesmo fora lançado ao rio, senão devorado pelos peixes, crer-se encontrar-se submerso em espessa lama.

Como toda lenda esconde uma grande verdade, desconfiamos que a Psicanálise nunca desembarcou. Não teria ela permanecido, como um fantasma, eterno tripulante da nau? Como espectro de faz chegar, ainda hoje, na carne dos marujos o estridente: “o corpo grita”? Não teria ela cometido o mais horrendo sacrilégio ao apontar no horizonte o novo continente da clínica médica?

Há quem diga que em toda tormenta que desaba sobre a embarcação médica está presente o frio assombrado do grito contido por Freud. A acústica do mar faz tremer a tripulação que desesperada cata o horizonte procurando contornos de terra firme, mas, aos seus olhos mareados, chegam apenas ecos do algo invisível, que se materializa em suas malcheirosas sínteses psíquicas.

### ***2.3. Ressonâncias incendiárias: o que do cheiro não boia***

Ao contrário de Freud, a recusa de Artaud em compactuar com o projeto civilizatório moderno, não diz apenas de seu inconformismo ou ao seu espírito contestador, aponta, inevitavelmente, para a nossa disposição frente a posição que o mesmo denuncia desvelando em nós a covardia, quiçá, o medo mais radical. No sopro de suas letras voam perigosas plumas agitando o estranho cheiro exalado por nossas não menos periclitantes imposturas.

A pecha de derrotado que bem poderia constar no obituário de Artaud, não atesta nosso presente fracasso diante do que sua obra denuncia? O desafio de Artaud era fazer corpo capaz de atar a crítica à vida, vivificando-a em um novo móbile político, como dispositivo subversivamente vivo, insurrecional. No entanto, seus familiares de chão e letras, o reduziram, por costume e vício, por obsessão e medo, a uma criatura delirante e louca. Será que o higienismo da “Roma imperial” vencerá sempre? Será que a clínica continuará apaziguando nossa dor, atizando o sofrimento que a constitui, implicando-a ao mal-estar que se fez civilização como o mais intransigente dispositivo à direção e controle das ebulições internas do humano?

Do esfalfo que, volta e meia, abateu-se sobre Artaud, um comovente apelo revela a crueldade litúrgica da terapêutica que prescreve, sob medida, a dose da catástrofe que cabe a cada um.

Espero que não me queira mal e que me compreenda. Tenho certeza de que há em você uma raiva da vida num tempo que torna impossível a vida desses que se dão conta da vida. Quando ninguém nunca soube do que se tratava. Os tempos aproximam cilindros a óleo sobre os quais realmente se lança fogo. E isso não são palavras jogadas ao vento, mas realmente carne grelhada, enegrecida no fogo da vizinhança. Talvez um dia desses você acenderá um cilindro de óleo não muito longe de mim [...]. Antonin Artaud

Em obscuro repasto Artaud clama, esforço de se fazer livre da multidão de palavras, nos chamando atenção para os atavios de sentidos por excrescências de medo e dor. Com ele podemos ver os porcos que chafurdam na imundice das classificações de um “pensar último”, quiçá, o vômito mais fresco, a porcaria que se espalha por vias da fedentina quando toca nas chagas de ferina língua.

A tudo isso ele repete: “nada de obras, nada de língua, nada de palavras, nada de espírito, nada”<sup>71</sup>! Com Artaud a realidade instituída é contorcida, revirada, desinflada, lubrificada ao ponto de tornar-se geometria sem espaço. Rachando seu próprio corpo, ele, cruelmente, faz crer, ser possível o toque em sensível absoluto que se dobra mais uma vez ao agitar o interior de si e das coisas que giram ao seu redor.

Dolorosamente, sabemos com ele, que continuamos pobres de corpo, nossa inclinação ao desespero, atesta-nos diariamente não tanto nossa fragilidade quanto nossa devoção a Fobos. Esse personagem mítico romano, apropriadamente composto para representar a força do medo. Deus que escandiu a mais radical pobreza humana por sortilégios estranhos, quando, em pleno campo de batalha, sorratamente, sem que seu pai soubesse, incentiva os combatentes à fuga, escondendo sobre o véu da sobrevivência, o mais nocivo composto à vida: a covardia, veneno que sujeita a unidade psicossomática a fraquejar por vias de estranho empuxo à sobrevivência.

Lançada nesse novo espaço inquietante, tal unidade é definitivamente implicada com a extraordinária e insana relação entre a interioridade que a constitui e exterioridade que a institui como radicalmente presente nas denúncias de Artaud. Assim, familiarmente reinscrito, o sujeito é obrigado a fazer torções temporais para afugentar o retorno traumático que a assombrosa presença de Fobos faz lembrar.

---

<sup>71</sup> Incluir referência

Artaud revolve na modernidade o espaço sem fronteira em que transita o cheiro da sombria covardia exalado por trêmulos corpos impregnados de medo. Seu convite é um mergulho nesse fétido mundo no qual a transgressão, a crueldade e o incesto transfigura-se como um ritornelo às origens da modernidade, ao esgoto fraticida que fora seu berço.

Se modernidade elege para si a potência da prótese, Artaud, não se deixa seduzir. Ao apontar para dentro do vivo, ele faz sentir os princípios que se movem na biologia mais radical: a alegria. Nos tecidos que alojam em si a traição orgânica inflamada em corpo, com o seu próprio corpo ele lança em mar aberto da vida seus gestos por vias de sangue e grito.

#### ***2.4. Na base sólida do mar, sem crime ou pecado, navega o esgoto***

Ao encarar o thalassa, a transcontinental nau dos jalecos viu-se, por sua vez, exposta ao fulminante abissal global e nele assiste ser tragado seu agalmático brilho. Se coube a Freud vislumbrar o imperscrutável destino dos científicos exercícios de cura, coube ao seu corpo arcar com a dura presença da estranha criatura que passou a acompanhá-lo até o fim dos seus dias: o medo e suas caretas, investidos de uma metapsicologia, incapaz de enxergar as diferenças que a força da alegria é capaz de impregnar nos corpos.



O mar revolto da meta-clínica médica, devidamente protegido pelo hermético envelope da metapsicologia, tornou-se espectro que ao assombrar Freud, assombra toda a modernidade. Esse tempo, que não termina, deveras afeito às purificações medievais e que sabe, como nenhum outro, proclamar, sem crime ou pecado, a universalidade da exclusão.

Se o desespero, diante de tal fantasmagoria, ainda hoje, faz com que médicos, deveras seguros de si, dobrem os efeitos sobre as causas causando tanto efeito que os mortos têm que morrer uma vez mais, não percam as esperanças, a implacável realidade que anda de quadro, contradiz até mesmo os protéticos deuses, aqueles que se rebaixam ao uso de subterfúgios espúrios e que fazem do compasso e da régua instrumentos de uma “Guerra Santa”.

Das vorazes cruzadas pelo domínio do corpo, a conquista das carnes de homens e de mulheres, fez da ciência médica, aliada a tecnologia mercantil, o reino absoluto das próteses. Espalhando-se em escala planetária, na propulsão da sanha colonial, desconhecendo todo e qualquer limite. A inarredável operação sangrenta da medicina científica instituiu-se como política global autoritária, fazendo do corpo sua maior conquista. Afinal, a quem pertence nossos corpos, senão à ordem médica?

Estendida pelos mais diversos recônditos da vida pública, a ordem da promoção da saúde, ao verter-se pegajosamente por sobre as mais diversas relações da vida, instituiu sobre a terra arrasada dos corpos, o universal governo dos vivos.

## 2.5. *Na mistura viscosa do rio o ventre da vida fermenta*

Com Josué de Castro, aprendemos que para se dar gosto e cheiro à vida, faz necessário ter carne. Com ele aprendemos também, que em carnes deveras familiarizadas com o medo, a vida faminta perde seu poder de indignação, perde sua força motriz, acovarda-se em campo de luta. Afinal, não foi um certo membro da força aérea francesa, ao sobrevoar suas colônias, que do alto de seu caça, singelamente tentou ensinar ao mundo moderno a se responsabilizar pelo trato das carnes por ele tomadas cativas.

A estranha força do medo traga a vida de homens e mulheres. Em seu rizoma, ventosas tentaculares dominam corpos os dissolvendo em grandes fossas de penúria e esperança. Dessas nascentes fétidas, deita-se por terra, o chorume, composto que dá curso aos caudalosos rios da modernidade. Familiares caminhos pelos quais a razão e a vontade política moderna teimam mover suas tropas de ocupação e saque.

Neles, também, se movem sobreviventes inquietos. Apesar da frieza que os constrange ao trabalho e à esperança, na lama úmida, em brasa, queima seus ataúdes, obrigando Cronos a protelar seus destinos, sendo obrigado a reconhecer, o raro triunfo da vida.

Nesses festins de corpos, mistura incerta de dor e coragem, a alegria explode como força intransigentemente terna a uni-los. Imprensados por inúmeros órgãos, tais corpos, em íntima solidariedade, sabem que a festa dura pouco. À guerra que travam não há tréguas. Como nos sugere Josué em momentos de incômodos comichões, a “*terrível descoberta da fome*” ao constranger os corpos impregna-o com a certeza da constante e estarrecedora sensação da mais verdadeira condição que aflige a carne: seu apetite, seu modelador.

Da fome de uma população inteira de escravizados à angústia de encontrar o que comer. Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o seco para matar a sua fome. E ví, também, os homens sentados na

balastrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome (Castro, 1967:8).

A angustia da fome, sob o olhar de Josué, assola o mangue o fazendo espumar. É ela, também, a razão que faz homens e mulheres babarem. É curso que traduz de modo demasiado estranho o desenfreado apetite da modernidade. A colonização, a escravidão, a excrescente exploração, o abuso, o saque, talvez seja, não só a manifestação de uma verve europeia antiga, mas, a mais pura disposição dos modernos à prática da colonial selvageria. Que esse povo, sempre faminto, invente compensações para sua vilania é fato que as políticas globais tentam conter mantendo-se no mesmo fluxo do lamaçal de lhe deu origem.

Esta presença constante da fome sempre fora a grande força modeladora do comportamento moral de todos os homens desta comunidade: dos seus valores éticos, das suas esperanças e dos seus sentimentos dominantes. Vê-los agir, falar, lutar, sofrer, viver e morrer, era ver a própria fome modelando com suas despóticas mãos de ferro, os heróis do maior drama da humanidade - o drama da fome (Castro, 1967:9).

Nas palavras transcritas acima, Josué de Castro, tenta descrever a angústia do faminto homem caranguejo, julgamos, que nelas reside uma injustiça a ser reparada aqui. Com as mesmas palavras, podemos recensear todos aqueles e aquelas que babam em decorrência do pavoroso apetite colonial, do qual o homem caranguejo, é tão somente, o anteparo à sanha das bestas coloniais que nos tornamos todos.

Disto, depreende-se com os poetas que a língua dá a tonalidade morfológica da antropofágica necessária que ritma nervos fazendo balançar corpos em proximidades surpreendentes. Nessa festa, de estranhas comilanças, carne viva é servida, autografando vísceras esquisitas, em expedientes de autentico ciclo do desjejum sem medida.

## ***2.6. O universalismo antropofágico: lei do vidro***

A modernidade é um rio de força brutal que tem sede, amolece a terra, a arrasta, a come, a dissolve, a fertiliza. Tal rio é uma gruta misteriosa que se move atraindo fantasmas e espalhando gritos ao mesmo tempo que seduz e traga o que lhe dá origem. Sepultura prene de vida, o rio abisma a esperança, fazendo fracassar pedras e homens. Nele a norma navega em escafandro.

Nenhum dispositivo normativo autentica melhor a verve modernidade do que os rios que noticiam a fome antropofágica. Em tal apetite, o esforço político decolonial brasileiro encontrou sua força, formalizou sua composição, desvelou sua alegria, pôs em marcha sua visceral reação ao encontrar-se com o “familiar em si”, seu outro incômodo trágico, silencioso, triste e, por vezes, vergonhoso. O constituinte fluídico europeu, que carrega em suas ondas o manto fofo do humanismo-liberal. Difração extravagante que no espelho das águas babuja-se com tanta espuma.

Numa canoa, suavemente, arrasta-se um pescador faminto, o antropófago tornando-se tela ao admirado o rio que o fita, se assiste nos olhos do peixeiro. Pela primeira vez, eles se veem como espelhos. Constrange-os o desejo insano de voltar para casa, mas, antes, precisam comer.

Empurrados pelas insistentes ondas do progresso, tais corpos são fendidos ao serem arremessados à agudeza do fluxo. Sob pressão, de suas entranhas escapa o cheiro que se aprisiona em carnes apodrecidas. Acompanhando ocre odor, o grito da fome os atravessam como eco, lembra-os que flagelo inscrito é mistério desfeito.

Nesse cenário, o médico Josué de Castro será sempre o nutrólogo que azeda a maior contradição do projeto civilizatório moderno brasileiro. Nos ensina ele que a fome é um dispositivo que lembra ao vivo o que fora perdido, instituindo na carne por vias do trauma a necessidade que esse algo seja repostado ou, no mínimo, que sua falta seja compensada. Uma vez desvelado o segredo, finda a inevitabilidade do flagelo.

Com isso, o pernambucano nos faz pôr em pauta duas questões eminentemente libidinais: é possível civilizar famintos? É possível civilizar quem os temem? No leito da modernidade não é preciso jejum, para que a fome e o medo sejam despertados. Nesses fluxos excitantes, a ganância e a esperança as desprendem da vívida lama. Se é possível ouvir seus berros, é porque as famintas feras se fazem presentes no espelho da água, vertendo sua mais espessa saliva, com a qual o próprio rio reveste-se com a espuma.

A fome é a herança mais longeva que um antropófago arrasta. Dos colonos e seus comparsas constituímos não apenas um corpo desnutrido, mas, também, vísceras gananciosas. Eis o

que refletido em espelhos assusta a todos quando se ouvem como eco no grito antropofágico anunciando a fome que os atravessam.

Como sabido, o *desideratum* que move a economia libidinal na modernidade nos leva diretamente a construção jocosa, o que não deixa de ser um chiste cruel, composta pelos recifenses como ode aos seus rios de lama rica onde Recife encontra aterro: “*Em Recife, os rios se juntam para fazer o mar*”!<sup>72</sup> Com isso não temos a realização máxima da civilidade moderna, um bárbaro fluxo imigrante, trabalhando incansavelmente para fazer do mar um vencido?

Misturando seus cheiros, preenchendo o ar com seus buquês de fome e medo, o oceano modernidade, faz sombra compondo-se como mar global. E no seu abissal, coloniza-se, o gélido e opressor silêncio dos condenados.

Do lado de baixo do equador, a confusão das águas segue seu curso devastador, a colonização europeia continua a trazer consigo ávidos famintos, sedutores bestas orientadas à ocupação de carnes e ossos. Com eles vêm também, devotas almas encarregadas da não menos corrosiva colonização epistemológica. Cativos cativantes do pensamento cristão, linhagem de um povo poderoso, afeito a pilhagem e o extermínio, cômicos da usura que praticam, esses expertos homens e mulheres das ciências romanas, arredios que são as fronteiras que não definiram, seguem firmes seu curso em nossos dias.

No esteio da aventura mercantil a colonização impõe-se como economia libidinal destrutiva calcada na vantagem direta e imediata, repetição de uma orientação político social deveres presente na história humana que encontra na produção sistemática da fome a melhor expressão de sua ética, no entanto, o mesmo não pode ser dito, quando tratamos da encarnação da mesma, embora sua evidência grite no corpo de quem a testemunha, a dolorosa elaboração de uma representação que a faça caber em palavras, apresenta-se duplamente problemática, ou seja, borda do indizível ao inaudível, formas estranhas de escutas de si, do outro e do próprio tempo que os albergam.

## ***2.7. Fome e Medo: a fórmula espectral de um terrorismo cultural***

---

<sup>72</sup> O orgulho do recifense, não raro traduz seu amor à Recife, afirmando que quando os rios Capiberibe e Beberibe se encontram, criam o mar. No nosso caso aqui, fazemos referência aos rios Capiberibe (Brasil) e o Sena (França).



No umbral da vergonha, caminha só, o testemunho da fome, arrastando consigo o silêncio em sua boca diante do desmentido histórico que arrefece sua experiência traumática. É sobre isso que nos faz pensar Martins e Kupermann (2017), ao tematizarem o problema da fome no campo compreensivo do tabu, quando põem em perspectiva psicanalítica a experiência dos campos de concentração cearenses<sup>73</sup> confrontada com a dificuldade que o testemunho encontra em poder relatar a experiência vívida da fome que o constrange.

Com esses autores, podemos dizer que a “*desautorização relativa à experiência subjetiva da fome*” dobra-se sobre o testemunho como processo de “*identificação com o agressor*”, circunscrevendo uma zona sombria na qual, por vias do silêncio, esconde-se o que na culpa escandese como vergonha. Eis um dilema interessante que a leitura ferencziana, efetivada pelos referidos autores, pôde proporcionar instituindo um problema deveras instigante que põe lado a lado, a clínica e os segredos históricos de uma cultura.

No entanto, colocando-os em perspectiva o esteio por eles usado, uma segunda dobra parece anteceder à que os referidos autores avivam, dobra essa devidamente inscrita por Josué de Castro na sua famosa composição: “Metade da humanidade não come e a outra não dorme com medo da que não come”.

Aqui, longe de termos um dilema, a imbricação entre fome e medo sobrepõe uma outra díade não menos interessante, a unção da antropofagia à alegria que frente ao medo, atravessa o campo da fome de canto a canto. São certamente efeitos indigestos, pois, se a modernidade soube estacionar a fome a certa distância da vida dita civilizada, a gestão que intenta imprimir ao medo a ordem que lhe cabe, desconhece tais fronteiras, sendo esta sua política mais cara, não deixando de ser, portanto, sua erótica mais lucrativa.

Se há inúmeras zonas de sombra no projeto civilizatório moderno que albergaria a fome, certamente, a violência do medo é o que ilumina a todas, é o que ilumina até os recorrentes lapsos cívicos que acometem inúmeros testemunhos dessa vilania. O que na fome é prova social de vergonha, na zona do medo, o trauma mergulha fundo na lama, quiçá, como um guaiamum cansando, que imagina fazer de sua própria carapaça a cripta que o fossilizará.

Nessa parturição a forme incide de duas maneiras distintas e imbricadas, de um lado aviva-se a abstinência da fala na vergonha, que ao sofrer uma maior radicalização força a própria palavra a

---

<sup>73</sup> Nos anos de 1897, 1915 e 1932, no Estado do Ceará, foram erguidos campos de contração onde eram alocados os flagelados da seca.

não mais existir. Por outro lado, a fome se insurge em toda potência por vias do medo fazendo da palavra um excrescente anteparo, um tapume que como tal, em nada o arrefece, pelo contrário, produz uma atmosfera misteriosa, favorecendo mais ainda o estado de terror, no qual em inquietantes rotas migratórias o medo passa a se fazer presente em todas as coreografias da carne, só que agora o que se subsume é a alegria.

## 2.8. *Um pano de fundo confiável*

Nos inúmeros encontros de Freud com a carne, nenhum parece ter sido mais emblemático do que aquele que lhe desafia a articular a história individual de um sôfrego à história coletiva de um mundo.

Para nós, que operamos de longe as notícias que dão conta da peleja freudiana, é relativamente mais fácil percebemos que a modernidade é uma dança macabra que se impõe como política de guerra, atualizando as antigas batalhas contra os fracos, contra os pobres, contra os negros, contra as mulheres, contra os doentes, contra os índios, ou seja, contra a tudo e todos tomados como diferentes de seus ideais, ou ainda, que venha assombrar o medo. No pano de fundo de toda essa movimentação estampa-se o medo em suas mais diversas modalidades.

O fato de atuar como clínico, expôs Freud a uma profusa coletânea de singulares queixas relatadas por seus pacientes, muitas das quais estranhas aos manuais de medicina da época. Tomados como fatos clínicos instrutivos, a disposição médica de Freud, levou-o a encarar cada fenômeno como manifestação inequívoca de sofrimento<sup>74</sup>, o que o posicionou de uma forma deveras singular no campo das ciências médicas.

Que os médicos da época sabiam das implicações que o meio social dos pacientes mantinha com os processos de adoecimento é fato histórico amplamente verificado. Agora, que eles articulavam tal saber no âmbito de suas práticas clínicas, é dado que merece um esforço maior de investigação, inclusive, nas disposições clínicas de hoje.

No entanto, em se tratando de Freud, sua história pessoal, assim como seu histórico clínico, tal articulação pode ser verificada no decorrer de toda sua vida. Não há uma decisão, seja técnica ou

---

<sup>74</sup> Presumo que o leitor já saiba sobre as consequências que Freud teve que assumir ao dar ouvidos às singulares queixas.

epistemológica, que Freud não tenha levado em conta a incidência sócio-cultural de seu tempo. A biografia desse médico, bem que poderia ser resumida pelas sucessivas decisões políticas que tomou, lançando-o numa torrente de consequências históricas que inspiraram tanto seus críticos quanto seus colaboradores.

Entretanto, não podemos deixar de apontar que, talvez, sua decisão de consequências mais extensa foi vacilar diante da alegria, tanto do ponto de vista clínico, quanto do ponto de vista epistemológico. Considerando que a prática freudiana continua sendo a vanguarda da clínica médica<sup>75</sup>, dessa decisão, Freud não nos fez herdar amargos efeitos? Considerando o impacto que esse médico teve na cultura moderna, não é necessário recorrer a Neil Gaiman, para imaginar os avanços que poderíamos ter assistido no próprio universo onírico da medicina.

A invenção do psicanalista que coube a Freud e aos seus parceiros suportar, os tornaram exilados epistemológicos<sup>76</sup>, os instituíram como refugiados da ciência, quiçá, os submeteram a uma experiência catastrófica do ponto de vista clínico. Pois, esses homens levaram a clínica médica de seu tempo ao limite de sua episteme, ao frontispício perigoso que Zizek chama de violência divina. Levaram-a às vias de assumir uma imbricação político-social eticamente voltada a radicalização da liberdade. Eis aí, o que Zizek assombrosamente nos chama atenção:

O que é verdadeiramente traumático para o sujeito não é o fato de um puro ato ético ser (talvez) impossível, de a liberdade ser (talvez) uma aparência, baseada na ignorância das verdadeiras motivações dos nossos atos; o que é verdadeiramente traumático é a própria liberdade, o fato de que a liberdade é possível, e de nós procurarmos desesperadamente estas ou aquelas determinações “patológicas” a fim de evitarmos esse fato (Zizek, 2009:171)

Talvez sejam esses os mais duros e surpreendente efeitos ético-políticos que esses médicos tiveram que suportar. Quiçá, seja também, o acontecimento traumático<sup>77</sup> que reverbera ainda hoje nas

---

<sup>75</sup> Não se abre aqui uma vasta discussão sobre a articulação entre a prática da clínica médica e a clínica da prática médica inaugurada por Freud?

<sup>76</sup> Da forma mais escrachada que já se viu, Lacan, talvez tenha sido o único a explorar essa condição política extremamente vantajosa. Fico me perguntando, se é mesmo instrutivo assistirmos Freud ser exilado da medicina sem nunca nos perguntarmos porque ele não lutou para voltar pra casa. Será que Freud tinha plena consciência que o exílio na verdade fora impingido aos médicos que ao contrário dele não quiseram mais permanecer na medicina?

<sup>77</sup> Como nos lembra Koltai ao articular errância e clínica: “O acontecimento traumático introduz um corte radical entre um passado que se tornou inacessível, em que a vida era normal, e que um presente que se eterniza, sem

carnes dos chamados psicanalistas contemporâneos que se encontram arrastados pelo silêncio em errância epistemológica.

Ao pormos Freud nas vias do Zizek (2009), o assistimos vacilar diante das históricas? Diante dos sinais da alegria que latejavam em seus corpos? Não seria isso o que poderia nos vexar a todos, quando desde dos casos de histeria até os últimos relatos de casos em nossos dias a patologização do sofrimento, assim como um certo empréstimo do aparelho pensante a que nos dispomos contratar em uma certa ambiência hospitaleira fez do clínico uma prótese de inequívoca violência? Será que o caminho que se descortinou à Freud e que diariamente é posto em nosso horizonte não é da atuação política? De uma negação radical da clínica?

Ou seja, quando Freud apalpa a coxa de Elizabete, o sinal era claro e evidente: essa nossa cultura produz sofrimento, ela fez isso acontecer. Diante do fato, Freud teria preferido confirmar a regra eclipsando a “exceção” do quadro?

Que a promoção do medo é herança instituída na episteme freudiana por vias da clínica médica não resta a menor dúvida. Que o exílio é um acontecimento traumático, não exceção que foge à regra:

A verdade é que os refugiados, em sua grande maioria, passaram por acontecimentos de uma violência ímpar, no limite do humano, o que nos propõe outra questão: como adaptar a psicanálise ao acolhimento de sujeitos envergonhados de viver? Bertrand Piret se fez essa questão em 2011 e foi um dos primeiros a procurar adaptar a psicanálise ao acolhimento de sujeitos tomados por uma vergonha primordial e fundamental. Ele tentou evitar a surdez apontada por Stern buscando entender melhor essa vergonha, que parece ser o afeto comum ao conjunto das situações traumáticas, muito mais visível e audível que a angústia ou a culpa, e anterior a elas. O autor a situa no momento da formação do eu no olhar do outro, tratando-se de um desnudamento do humano, no sentido agambeniano de vida nua, uma destruição do sentimento de humanidade no humano, a qual o reduz a uma existência quase biológica, desatada das filiações simbólicas, que são o próprio do humano (Koltai, 2018:66).

Acostar-se em terra firme, é coisa que caranguejo só experiência nas pontas das unhas. À verdadeira experiência de aterramento faz-se necessário que o proponente se enfie na lama de corpo inteiro. Em cenário tão violento quanto o que vivemos, não é chegada a hora de enfiarmos o nosso?

---

nenhuma possibilidade de antecipar o futuro. Todas essas questões se reatualizam na escuta dos refugiados” (Kolta, 2018:66)

Freud, por vias zizekianas, não fez ver que somos *signos da injustiça do mundo eticamente desarticulado*?

A violência divina pertence à ordem do Acontecimento: não há critérios “objetivos” que nos permita identificar em ato como sendo violência divina; o mesmo ato que, para um observador externo, é meramente uma explosão de violência pode ser um ato de violência divina para os que nele estão envolvidos – não há Grande Outro que garanta a sua natureza divina, o risco de a ler e de a assumir como divina cabe inteiramente ao próprio sujeito (Zizek, 2009: 173)

É fato que não podemos atribuir a Freud a evidência da morte de Deus, pois não é dele tal construção. Será que poderíamos, dentro da modéstia freudiana, atribuir-lhe, pelo menos, a morte da clínica que ele tentou evitar por mais algumas décadas, mas que em sua própria língua, desde as primeiras incursões pela histeria, já jazia teimosa, sucumbindo-se à angústia de seus operadores diante da máquina capitalista que os tratoraram?

## 2.9. *Um exagero exuberante*

Por todo o campo psicanalítico, a angústia apresenta-se como o afeto primordial que organiza a experiência psíquica. Entre os movimentos pulsionais, conjuntamente com o medo e o pavor, a angústia roteiriza o calvário à dor e ao sofrimento humano, assim como, em sua manifestação, não raro, traduz-se a humilhação em cada época, nos fazendo visar o vexatório presente em nosso mundo.

Nessas vias de espanto e perplexidade, o conceito de angústia tenciona e mobiliza os recursos da clínica, articulando princípios teóricos que seguramente demonstram em sua seriedade a mínima ironia que gesta, sem correr o risco de atenuar demais os termos a ele implicados. Todavia, como se sabe, incide longe do serralho freudiano a reverência idólatra a todo e qualquer termo que nele se faz móbil, embora vez por outra, o atraente viés da confirmação seduza os transeuntes mais apressados.

No entanto, não passa despercebido ao leitor atento que na mesma via transitam termos em plena sombra e que só fortuitamente aparecem escritos. O que obriga-nos lembrar da advertência lacaniana:

O uso da fala requer muito mais vigilância na ciência do homem por toda parte, pois nela compromete o próprio ser de seu objeto.

Qualquer atitude vacilante para com a verdade sempre poderá desviar nossos termos de seu sentido, e esses tipos de abusos nunca são inocentes (Lacan, 1999: 162)

Oxalá possamos aprender que nos dias atuais manifestam-se de forma inequívoca as chamadas evidências da medicina, manejadas por doudas personalidades da ciência médica que nos fazem crermos plenamente vivos no sonho dos fabricantes de autômatos. Ao ser lançadas no céu do mundo, tal ortopedia, nada sutil, da linguagem, transforma os sonhos em evidência e eficiência de uma política macabra, que põem em perigos concretos o corpo. Principalmente daqueles que se encontram dispostos a pagarem o preço pela experiência dos vivos, não interessando o lado do leito que se encontre o ouvido.

No campo epistemológico psicanalítico a doença do viés da confirmação é sombra que desafia a ousadia do saber que se sabe com alegria ser capaz de rir, inclusive, se si mesmo. Assim, ao olharmos para os vestígios operatórios dos desenhos que acolhem essas sombras, vemos no próprio fascínio da escuta o exercício violento que tortura sentido trabalhando a carne para extrair da anatomia a condição que institui o corpo.

Mas, para que jamais esqueçamos do que é capaz um corpo, é sempre bom lembrar que ele sabe fazer de suas exuberâncias exageros de carne, conforme Freud pôde constatar quando um dia atento esteve ao inesquecível espetáculo. Pois o corpo, é o que ensina com a carne a coragem do olhar, eis sua mais miserável lição, fazer-se tela à sanguinolência mundo. Evitemos aqui, efusões explicativas, direi de uma vez, a angústia é um exagero exuberante que se realiza na carne e que os olhos vêm até mesmo por vias de ouvidos atentos.

É o corpo ao dar provas da situação traumática, da condição sangrenta do mundo, do estado inequívoco da incidência do desamparo. O corpo encontra na angústia a soleira de todas as clínicas. Entretanto, a angústia, antessala da clínica freudiana, acomoda em sua mobília, uma construção inquietante, a concepção que inventa a carne refém de uma expectativa, que como Freud nos faz intuir, o protege do pavor.

É certo que a angústia enquanto um conceito operativo da clínica não pode ser circunscrito como um banal fragmento das experiências humanas, para Freud, em comum acordo com Otto Rank, a angústia é o primevo afeto que se constitui na experiência do nascimento.

Sabemos que nos sedimentos geológicos da clínica freudiana, o pequeno detalhe introduzido por Sandor Ferenczi colide violentamente com tal acordo, por um simples acidente: no nascimento não há traumatismo.

Isso, não é qualquer coisa teórico-conceitual, as consequências são graves, as revisões impostas pelo húngaro são de monta grande, não só às orientações da clínica, como também à própria definição para aquele que impacientemente ocupa a mobília na sala de expectação.

Na circunstância do nascimento, na qual triunfa a vida, inaugurara-se assim a cadeia dos afetos, se o que se seguira é da ordem da angústia, do medo ou do pavor, é fato que, antes que uma traumatogênese defina esse segundo tempo afetivo, o móbil da alegria já não se encontrara presente? Nesse sentido, nos perguntemos, se a alegria é o afeto primevo, em que monta, seus resíduos comporiam o estrato do corpo humano?

Em hermenêuticas suspeitas atos éticos são sempre requerentes às medidas de exageros exuberantes. Assim, da lucidez de um revolucionário que sabe que revoluções não aguardam dias melhores, demos então às mãos a Artaud para nos pormos em marcha rumo aos domínios de seu próprio corpo.

Se hoje sabemos que ele foi abatido em pleno voo e que a guerra na qual lutou continua plena em nossos dias, não podemos deixar de reconhecer que suas importantes conquistas não dão conta apenas dos avanços em campos batalhas sanguinolentas, mas também, da covardia que reinou entre seus contemporâneos e os nossos, aquartelados na segurança de instituições nada pacíficas.

Se para ouvir melhor Freud, necessário se faz acordar Ferenczi, ao que diz respeito a Antonin Artaud ainda é possível ouvir um grito primal quando nos dispomos a acordar a nós mesmo, quiçá, ousando ver a opacidade despótica presente na governança em nossos corpos.

### ***2.10. Artaud: exuberância cruel da carne***

Uma grande transformação é acompanhada de gemidos quase sempre simplórios, pequenos ecos a reverberarem ingênuos distúrbios emotivos. Eis Artaud, um corpo dado à contestação, um acontecimento que nos inspira a pensa-lo como carne insurrecional. Das emoções políticas que o toma nos faz também arder. Por um lado, podemos senti-lo como um corpo febril em franco desenlace político, por outro, uma linda e inspiradora confusão a entrelaçar línguas e afetos.

Sua obra é uma alavanca poderosa, um empuxo à vida que expõe limites, multiplicando a força de uma máquina terrível. Um apelo capaz de rasgar a história francesa recente, atçando às bordas da modernidade e seus penduricalhos pós-modernos.

Tal grito chega aos dias atuais como uma composição de lamento e esperança escarificando corpos malditos que para o bem dizer é a expressão mais genuína de pútridas carnes. Revela de suas entranhas a face sensível da alegre política que fracassa diante das exigências de uma época deveras esquisita que nos é bastante familiar em si mesma.

Em clima atentatório, Artaud verte lágrimas incandescentes. Desencanta, atença o medo ofertando-se como espelho ao horror do que somos nós. Nos pega de surpresa quando nos orgulhamos de nossos motins de subsistência. Artaud é mais do que um alerta aterrorizador, um desalento espalhafatoso de repugnância escatológica, ele é a advertência lúcida à nossa radical obediência. Afinal, ele nos faz ver que somos corpos pulsantes em curto-circuito com a traição.

Sua presença in-mundo ameaça à integridade de delicados nervos que sensibilizam o frontispício entre o eurocentrismo civilizatório e a universalidade da barbárie que ganha força, forma e cheiro global. Em meio a atmosfera torturante do nosso tempo, Artaud pôs em movimento o *desgosto profundo* que o forçou a expelir aos quatro cantos do mundo, o que um corpo é incapaz de conter. Como quem, inequivocamente, conhece *o destino interno e dinâmico do pensamento*, ele acossa o espaço, arrastando elementos, misturando épocas e vidas.

Rompendo com o tempo a possibilidade de uma relação linear, sua escrita produz comoções, ritornelos, fluxos, curvas, dobras, pontos de basta que redesenham a paisagem moderna decorando o espaço com seus objetos imundos. A quem ousa assisti-lo, inevitavelmente, é atingido pela profusão de cacarecos que voam resistindo ao governo em direção às caricaturas adestradas.

Mesmo àquelas arrastadas pelos primeiros que sentiram e viveram a história, Artaud, insiste em adverti-las: “Mas há um mundo de movimentos na história” (Artaud, 2021:24), o que sua leitura nos obriga a dizer, que nesses movimentos afirma-se o corpo em descompasso com os órgãos.

O materialismo histórico dialético é uma invenção da consciência européia. Entre o verdadeiro movimento da história e o marxismo há uma espécie de dialética humana que não está de acordo com os fatos. E nós pensamos que, há quatrocentos anos, a consciência europeia vive sobre um imenso erro de fato.

Esse fato é a concepção racionalista do mundo que aplicada a nossa vida de todos os dias, no mundo, gera o que chamarei de a consciência separada (Artaud, 2021:24)



Eis um objeto esquisito, um pensamento adequado, uma injúria escrita, um insulto que se houve, ou mesmo, uma homenagem que se faz. Dentre as coisas que vibram, o grito de Artaud, é uma das poucas que provoca visceralmente instruída inflexão. Como um sabedor atento ao que *isso* o faz sentir, ele atíça à fome em seus leitores, nos oferecendo a iguaria mais perigosa, a cruel alegria, a única capaz de soltar o pensamento como força de vida que voa.

A realidade eurocêntrica está cheia dos estilhaços de tal operação, toda vez que tropeçamos neles ressoa o grito. Invadindo fissuras em opiniões sintetizadas, dissolvendo aqui e acolá uma noção geral, um conceito instituído, um conjunto de princípios estabelecidos de uma teoria inconfessa. O grito, lembra-nos sempre que o monstro vive, espreita, ele conhece as manhas de quem observa e examina.

Artaud, alucinado, dá voz ao monstro, a recusa intransigente das inscrições universalistas em seu corpo que o contém em sua força revolucionária; a não aceitação de uma dada ordem que o intenta organizá-lo por vias de uma razão cínica de padrões globalizados. No entanto, prostrado em nossas salas, um “consumariado” se organiza para fazer extrair a mais valia do que Artaud nos apresenta como aquilo que pode um corpo, assim como, do que pode também nele desejar.

Com Artaud a esquizo que parecia ser invisível ganha a revolucionária forma de um corpo-sem-órgãos. Com ela o mal-estar se move no seio das práticas econômicas informando a plasticidade do mercado das carnes, antevendo, quem sabe, o novo produto no varal. Mercado que para se manter firme negocia sem regras ou limites o ousado tráfico de afetos.

### ***2.11. O mercado ilegal dos afetos***

Nos profícuos comércios de corpos, a “boa gestão” capitalista, sempre guardou as fronteiras que separam açougues de “casas de carne”<sup>78</sup>. No centro dessa gestão o recurso técnico científico assume destaque, tanto na qualificação do produto, quanto nos cortes mais adequados.

---

<sup>78</sup> “Casas de carnes” são instalações comerciais que tratam o produto cadavérico como obras de arte. Podemos dizer que as “Casas de carnes” são ateliês que dotam de estilo e glamour o produto que um dia fora vivo, azeitando-o com o charme pornográfico que falta a todos os açougues da cadeia produtiva. “Casas de carnes” são espaços que garantem nutrir com o bem-estar do morto a saúde do vivo.

Guardiã inestimável desse mercado, a expertise médica, com sua densa rede de relações, detém as rédeas da atividade e do seu fluxo de caixa.

Portadora de uma credulidade espantosa, tal expertise responde ainda, pela salvaguarda das agências farmacêuticas e sua sempre crescente demanda por prescrições de drogas instituídas como lícitas. Sala de espera de um outro nicho deveras lucrativo no monstruoso negócio dos afetos, a que os médicos são chamados a exercer o controle sobre o protocolo universal de intoxicação<sup>79</sup> assistida.

Da compressão em talco<sup>80</sup> à repressão em palco, Artaud impregnado, desaglutina seu corpo, expondo-o como um relicário assombrológico. De suas carnes des-alberga de suas entranhas tempos de conformidades esquisitas que desafiam órgãos e sentidos, apontando para uma outra estética espaço-temporal. Como um escudo de si mesmo, expondo-se em suas fragilidades, ele, apresenta-se como móbil às relações que o acossam. Na qualidade de um objeto político faz-se também orientação limítrofe à ética, apontando para o cinismo que o constrange ao dividir a alcova com a perversidade divina que trepa brutalmente, sob lençóis ensanguentados, com o capitalismo universal.

Como viva carne pendurada em açougue, Artaud, constrangedoramente, leva seu tempo ao frontispício de uma ousadia visceral, quiçá, uma imprudência de traficante inexperiente que mesmo sabendo o que carrega consigo, não se importa, pois, a acessível e viciante química que trafica, só pode ser produzida nas entranhas do usuário.

Sendo ele um dos poucos a pular no abismo, fez herdar à sua geração aos moldes do que Jakobson<sup>81</sup> deixou à dele, a denúncia vívida do esbanjamento de seus afetos por aqueles que o assistiram, vendo-o apenas como um louco em desalento.

Eis o feito, eis o feitiço, eis o fetiche que ainda hoje nos aturde. Eis a fascinação arrastada pela legião de traficantes que cruzaram terras e mares espalhando, mundo a fora, seu produto assombrado, fabricado em forja de audácia e imprudência, como o estranho retrato de um totalitarismo alegre que ameaça as fortificações da razão.

---

<sup>79</sup> Preciado, P (2018) *Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1

<sup>80</sup> Nesse parágrafo convido o leitor a dobrar os termos talco/palco. Com eles quero fazer ver pelo Teatro da Crueldade de Artaud, a perversão nada teatral da ordem médico-farmacêutica e seus jogos de cena frente ao que se convencionou chamar de uso do tratamento medicamentoso à psicose, como mera forma de conter a singularidade do humano em sofrimento psíquico. Nessa dança, uma ligeira contorção na imbricação dos dispositivos industriais da compressão da draga no envelope da pílula e da repressão dos afetos no envelope da defesa psíquica, ambos fármacos inscritos no registro da mecânica da contenção, nesse baile podemos encontrar novos marcos para pensar a “impregnação de órgãos” denunciado por Artaud.

<sup>81</sup> JAKOBSON, R. *A geração que esbanjou seus poetas*. São Paulo: SESI-SP, 2018.

Monstruosidade cultuada, imagem de latria pretensamente universal, celebrada a ferro e fogo, exposta como mercadoria no frio comércio da modernidade, a alegria é a usina de uma química politicamente instruída, o que não deixa de ser enervantemente perigosa, em meio a celebração do medo e da covardia que faz de nossa era, um tempo decepcionantemente assombrado.

Certamente, a celebração de covardes e medrosos, não é fenômeno único que veio a ocupar o mercado dos afetos modernos. Dos franceses herdamos *fatum fétichisme*<sup>82</sup>. Com a falta de hesitação portuguesa, carregamos o sangue e a gordura dos sacrifícios, que como bem ilustra Rolnik (2021) são expostos cotidianamente para nos lembrar da eugenia incutida em nossa *antropofagia zumbi*. E se da vizinhança inglesa, amargamos o capitalismo tardio, com tudo isso, a modernidade fez vingar-se com êxito pelo neoliberalismo universal e sua promessa de sobrevivência regada por “rendas espirituais” perversas, força sóbria e anestésica, que nos fazem servir voluptuosamente<sup>83</sup> aos nossos próprios algozes, lavando, quem sabe, seus afetos sonogados, seus desmentidos.

No mercado negro dos afetos a “lavagem da libido” não é mera banalidade forense, pois, se a lei é o que torna possível o laço social suportável, as torções que a ela são impingidas a faz funcionar como séria ameaça à biosfera instituída. Nestes termos, a atualidade, a nossa atualidade, exige leitura exacerbada da realidade que se extrapola como força dilacerante a si mesma, e, o corpo de Artaud, é aqui apresentado como um conclave desses dias, insurgindo-se por um duplo apelo, de que nele acreditemos ensaiando a mais concreta desconfiança, a junção magistral das suspeitas.

Dessa realidade cambiante, entre a normalíssima funcionalidade do imaginário e o dismantelo brutal dos compostos simbólicos, o real dos afetos não se contém às programações sedativas, às imposições de mediocridades, aos consensos sentimentalizados de paixões tristes que fazem do porvir a feliz crueldade diária, instituído como amedrontamento torturante que constrange o vivo, o fazendo sangrar-se de seu corpo como um exercício fetichista.

Eis um o ponto de inflexão que, quem sabe, pode promover o riso de si mesmo, como testemunho da alegria que o move sendo ela própria o efeito da relação que se fez riso. E que assim, estranhamente movendo-se, a alegria possa nos fazer rir, também, do monstrema aqui empreendido.

Nessa tensão cruzada, aflitiva, todo afeto é uma exigência de alibi, não raro, exercida por táticas fantasmagóricas. O que traciona seus efeitos dissemina-se como sentimento de cumplicidade na exata medida em que sua vívida presença traduz o frêmito grito de carne moída que está sendo

---

<sup>82</sup> Sobre a origem da palavra fetichismo, Latour atribui ao francês Brosses a invenção do termo em 1760.

<sup>83</sup> Ver Rolnik, S. (2021) *Antropofagia Zumbi*, São Paulo: n-1.

avidamente consumida. Nessas relações constrangedoras de fluxos e circuitos estratégicos. Ora com fato, ora como fetiche, o corpo assiste-se da política que pouco muda, mas, que se apresenta sempre em franca transformação.

## 2.12. A troça razão

Nos teoremas freudianos expostos em “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920), uma lógica tempo-espacial vaza para o interior da estética científica. Em perspectiva retrospectiva, tal vazamento depõe uma força excitatória primitiva ao próprio princípio do prazer e aos sucessivos desvios do desprazer.

As mais abundantes fontes dessa excitação interna são aquilo que é descrito como os ‘instintos’ do organismo, os representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, desde logo o elemento mais importe e obscuro da pesquisa psicológica. (Freud, 1996: 45)

Sob a forma de pensamento pleno de desejo, genuinamente criativo, Freud aponta no ventre da vida, o inaugural princípio ordenador da dinâmica que invenciona o saber na mesma medida que remodela o corpo. De suas belas e honestas considerações, dentre elas a *amiúde especulação forçada*<sup>84</sup>, Freud endereça suas demonstrações por vias de uma *biologia*<sup>85</sup> *fantástica*<sup>86</sup>. Com uma ousadia brincante, fazendo com que percebamos a força da pulsão que ousei chamar aqui de pulsão de alegria, mas que, Freud, fez de herança à nós como signo da morte, o que nos faz pensar: o que morre quando presente a alegria?

É preciso que mantenhamos um certo teatro do absurdo para que ousemos rir de nós mesmos. Me pergunto, não seria a alegria que Freud eclipsa quando aponta *para além do princípio do*

---

<sup>84</sup> “O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma ideia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela nos levará” Com esse parágrafo Freud abre o capítulo IV de um dos seus mais importantes trabalhos “Além do princípio do prazer”.

<sup>85</sup> Embora Ferenczi seja o mais profícuo garimpeiro das minas freudianas, não podemos deixar de assinalar com Dean-Gomes e Kupermann (2020) que em matéria de garimpo, o ouro de Além do Princípio do Prazer (1920), Freud prospectou em sítios ferenczianos.

<sup>86</sup> Crédito a composição “biologia fantástica” a Raoni Rodrigues, quando em grupo de estudo a proferiu ao referir-se ao Thalassa do Ferenczi.

*prazer?* Ao subirmos nesse palco, não veríamos Freud atuando, por puro medo, a dobra dos termos, quando a empurra para o lado “invisível” preferindo a morte?

Quando se encena o *Thalassa*, um estranho espectro se insurge da coxia: mas não se morre? E a pulsão de morte, como fica? Se pulsão é o que põe a vida em movimento, seja rumo à exuberância ou ao desaparecimento, o que chamamos de morte não seria o medo assinalando em sua presença o eclipse do viço da alegria? O que Freud chama de morte não seria o registro do medo como obstáculo à alegria movendo a vida rumo ao eterno retorno catastrófico?

Não seria o medo, por fim, o móbil de toda demanda analítica? O medo de falhar de um Schereber, o medo de não ser amado de um Fanon, o medo da castração de um Hans, o medo de amar de uma Dora, quiçá, o medo de Freud, que seria também o nosso, de que a psicanálise encerrasse suas atividades como clínica do medo.

Como sabemos, toda tentativa de traçar uma prioridade cronológica aos determinantes dos processos psíquicos, não passa de uma ficção teórica, mas como sabemos também, não há uma ficção que não engendre caminhos, que não inspire possibilidades ou efeitos de ordem político no âmbito da construção de saberes, quiçá, pequenas fissuras epistemológicas. Sendo assim, ousar apontar para alegria como marco inicial na estrutura psicogênica, não deixa de ser um exercício brincante, um movimento que tira para dançar um saber alegre aos moldes, do conhecido jogo desenvolvido por Ernest, o engenhoso neto do Freud, que com seu carretel mudou a compreensão acerca da constituição subjetiva que somos nós, assim como o tempo que nos assiste que só a meteorologia nos promete prever suas tempestades.

O que tentamos aqui foi, se inspirando no movimento do fort-da, carretelizar a alegria em campo psicanalítico aos moldes de um monstremá longo, como se quiséssemos tornar possível pinotar em Olinda em plena Nazaré da Mata sob uma fantasia de Papangu toda enlameada pelo Capibaribe, quando na verdade, nunca arredamos os pés de Serra Talhada, onde *chuva miúda* cai sobre pensamentos que querem voar. Assim:

Os processos mentais inconscientes são, em si mesmos, intemporais. “Isso significa, em primeiro lugar, que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera e que a ideia de tempo não lhe pode ser aplicada. Trata-se de características negativas que só podem ser claramente entendidas se se fizer uma comparação com os processos mentais conscientes. Por outro lado, nossa ideia abstrata de tempo parece ser integralmente derivada do método de funcionamento do sistema Pcpt-Cs. e corresponder uma percepção de sua própria parte nesse método de funcionamento, o qual pode talvez constituir uma outra maneira de

fornecer um escudo contra os estímulos. Sei que essas observações devem soar muito obscuras, mas tenho de limitar-me a essas sugestões (Freud, 1996: 39)

Certo dia, elegantemente, Latour nos apresenta nós a nós mesmos, nesses termos, disse ele: “em todos os lugares onde lançam âncora, os modernos criam fetiches” (Latour, 2021:21). É inevitável pensar no elucidativo jogo que encantou Freud e que tanto encanta, até hoje, quem pelo campo psicanalítico caminha. O fort-da<sup>87</sup>, como ficou conhecido o inesquecível jogo, transfigura-se como um poderoso estrategema no decurso do domínio de uma impressão penosa localizada entre a compulsão à repetição e o princípio do prazer.

Afinal, fazer desaparecer a si mesmo, talvez seja, o exercício mais intrigante que esse jogo de dobras promove como *realização cultural* de renúncia pulsional. Quiçá, deixar-se ir, sem protestar, seja o mistério que nos aturde, como a maior experiência aflitiva que se abate sobre o moderno e que só pode ser compensada pela alegria do retorno. Quem sabe até, pela cura de uma ferida narcísica, inscrita na carne, como marca de nossa inferioridade. Não seria isso que estampa a face moderna do corpo em frangalhos de Antonin Artaud? Uma repetição traumática dobrada como impulso que o leva ao brincar no perigoso frontispício do corpo?

Nessa topologia trabalhosa os afetos assombram, penitenciam, prescrevem. Assim, sentenciam o corpo a vibrá-los como atualidades inequívocas de catástrofes em curso. Se o corpo pode ser testemunho ocular de estranha sobreposição, o que nele se enerva não é apenas o que de eterno retorna, mas, o que lá sempre esteve e por hora transborda esvaziando laços, na mesma medida que lança às excrescências a força intrusiva do social bélico, pouco afeito a generosidade e ao amparo.

Ao se dar conta dos olhos como objetos práticos que prometem despejar luz sobre certas espacialidades de infinitos, Freud, desconfia, vacila por toma-los como utensílios capazes de guiar a transferência sobre sólido patamar planejado da clínica médica. Com isso, diante das surpreendentes paisagens que o corpo é capaz de proporcionar, ele desvia o olhar, prefere dar ouvidos ao que do inconsciente se inscreve em órgãos e tecidos como presença misteriosa que as palavras fazem ver.

Freud estaria com isso tentando proteger-se protegendo a medicina? Jamais saberemos. Certamente não cabe a nós assumir a resposta que Freud daria, mas, inequivocamente, é de nossa inteira responsabilidade sustentar a nossa.

---

<sup>87</sup> Fort-da (fort/longe-da/aqui)....

Por fim, por entre surpreendentes paisagens sonoras, ele pôs em marcha sua maquinaria audaciosa. Das pesadas nuvens carregadas de sonhos e lágrimas que nesse relevo se fizeram escoadouros, Freud, tencionou, a escuta, antevendo no agravamento da modernidade a soleira da nova clínica médica.

Esse platô, inspira-nos a largar por terra a fatídica pergunta: quantos inutensílios encontram-se ao alcance de uma boa conversa?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, O. *A utopia antropofágica*. In *Obras completas de Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 2011.
- ANDRADE, O. *A alegria é a prova dos nove: ontologia*. São Paulo: Globo, 2011.
- ANJOS, A. *Toda a poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARTAUD, A. *Mensagens Revolucionárias*. São Paulo: N-1 Edições, 2021.
- ARTAUD, A. *Para acabar com o juízo de Deus*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.
- ASSISÃO. *Chuva Miúda* In *Forró do se imbiga*. Rio de Janeiro: Polydisc, 1982.
- AZEVEDO, B. *Palimpsesto Selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016.
- BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BEER, P. *Psicanálise e ciência*. São Paulo: Blucher, 2017.
- BERGSON, H. *A energia espiritual*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BLACK, E. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- BLACK, E. *IBM e o holocausto: a aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BLACK, E. *Conexão nazista: a história revelada da colaboração de grandes corporações americanas com o holocausto e a Alemanha de Hitler*. São Paulo: Ideia, 2008.
- BOPP, R. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- CASTRO, J. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Antares, 1984.
- CASTRO, J. *Homens e caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- CHÉNIEUX-GENDRON, J. *O surrealismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos: crise e insurreição*. São Paulo: N-1 edições, 2016.
- DANTON, E. A. *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- DASTON, L. *Historicidade e objetividade*. São Paulo: LiberArs, 2017.



- DELEUZE, G. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papirus, 1991.
- DELEUZE, G, Guattari, F. *Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- DELEUZE, G, Guattari, F. *Mil platôs Vol 1*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DELEUZE, G, Guattari, F. *O anti-édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELUMEAU, J. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.
- DEAN-GOMES. G.; KUPERMANN, D. *Ferenczi e Freud para além do princípio do prazer: a construção das hipóteses, o debate e algumas derivações*. Revista Brasileira de Psicanálise. Volume 54, n.2, 177-192, 2020.
- ESPINOSA, B. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Globo S/A, 1997.
- FROSH, S. *Assombrações: psicanálise e transmissões fantasmagóricas*. São Paulo: Benjamin Editorial, 2018.
- FERENCZI, S. *Thalassa, Ensio sobre a teoria da Genitalidade* In *Sandor Ferenczi: obras completas. Vol.III*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FERENCZI, S. *Psicanálise e pedagogia*. In *Obras completas* (2. Ed., Vol. I São Paulo: Martins Fontes. pp. 39-44, 2011.
- FERENCZI, S. *O conhecimento do inconsciente*. In *Obras completas* (2. Ed., Vol. I). São Paulo: Martins Fontes. pp. 269-271, 2011.
- FERENCZI, S. *A adaptação da família à criança* . In *Obras completas* (2. Ed., Vol. IV São Paulo: Martins Fontes. pp. 1-16, 2020.
- FERENCZI, S. *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* . In *Obras completas* (2. Ed., Vol. IV São Paulo: Martins Fontes. pp. 55-60, 2020.
- FERENCZI, S. *Análises de crianças com adultos*. In *Obras completas* (2. Ed., Vol. IV São Paulo: Martins Fontes. pp. 79-96, 2020.
- FERENCZI, S. *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. In *Obras completas* (2. Ed., Vol. IV São Paulo: Martins Fontes. pp. 111-135, 2020.
- FERNANDES, F. *A função da guerra na sociedade tupinambá*. São Paulo: Globo, 2006.
- FERREIRA, T.; Vorcaro, A. *Pesquisa e Psicanálise: do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FEYERABEND, P. *Ciência, um monstro: lições trentinas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016
- FEYERABEND, P. *A conquista da abundância*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2006.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. São Paulo: Unesp, 2011.
- FISHER, M. *Fantasma da minha vida: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

- FISHER, M. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FOUCAULT, M. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discuro*. São Paulo: Loyola, 2014.
- FOUCAULT, M **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro Forense Universitária, 2001.
- FREIRE, P.; Shor I. (1985) *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. São Paulo: Paz & Terra.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893-1895) In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996..
- FREUD, S. *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.
- FULGÊNCIO, L.; Birman, J. Kupermann, D.; Cunha, E. L. (2018) *Modalidades de pesquisa em psicanálise: Métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni.
- GÖTZSCHE, P. C. *Medicamentos Mortais e crime organizado: como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica*. Porto Alegre, Bookman, 2016.
- HACKING, I. *Ontologia História*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- HACKING, I. *Representar e intervir: tópicos introdutórios de filosofia da ciência natural*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.
- HOFFMANN, E. T. A. *O homem da areia*. São Paulo: Rocco, 2010.
- KUPERMANN, D, Souza, R.. *Alegria*. São Paulo: Duetto, 2010.
- KUPERMANN, D. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2019.
- KUPERMANN, D. *Estilo do cuidado: a psicanálise e o traumático* São Paulo: Zagodoni, 2017.
- KUPERMANN, D. *Transferência cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições* São Paulo: Zagodoni, 2020.
- KUPERMANN D.; GONDARJ. MOLIN, E. C. *Ferenczi: inquietações Clínico Políticas*. São Paulo: Zagodoni, 2020.
- KUPERMANN, D. *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- KUPERMANN, D. Afinal, o que fazer com o Juquinha? Um Ensaio Sobre a Orientação Sexual no Ensino Fundamental. In Kupermann, D. *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2020.

- JAKOBSON, R. *A geração que esbanjou seus poetas*. São Paulo: SESI-SP, 2018.
- LACAN, J. *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. *O triunfo da religião*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- LAPOUJADE, D. *Deleuze: os movimentos aberrantes*. São Paulo: N-1 Edições, 2015.
- LATOUR, B. *Sobre o culto moderno dos deuses fetiches*. São Paulo: Unesp, 2021.
- LATOUR, B. *A esperança de Pandora*. São Paulo: Unesp, 2017.
- LATOUR, B. *Ciência em ação*. São Paulo: Unesp, 2011.
- LUCRETIUS, C. T. *De Rerum natura – Livro I*. João Pessoa: Ideia, 2016.
- MARTINS, K. P. H, & KUPERMANN, D. Fome: o umbral da vergonha. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 9(2), 199-209. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2017v2p.199>, 2017
- MASSON, J. M. *Atentado à verdade: a supressão da teoria da sedução por Freud*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrevente: uma história de Wall Street*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MONDOD, J. *O acaso e a necessidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- NASIO, J.-D. *O olhar em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995
- NETO, J. C. de M. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2016.
- NUNES, B. *Oswald canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PORTELLA, T.; AAMOT, D.; PASSAVANTE, Z. *Homem gabiru: catalogação de uma espécie*. São Paulo: Humanismo, 1992
- POTKEY, A. *A história da Alegria*. Rio de Janeiro: Globo, 2010.
- PRECIADO, P. B. *Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- RESTANY, P. *O poder da arte: Hundertwasser o pintor-rei das cinco peles*. São Paulo: Taschen, 2020.
- ROLNIK, S. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: N-1, 2021.
- ROSSET, C. *Força Maior*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ROSSET, C. *A lógica do pior*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

ROSSET C. *O princípio de Crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

RUFFINELLI, J. E ROCHA, J. C. C (Orgs.). *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: Realizações, 2011.

SCHAFER, R. M. *Vozes da tirania: templos do silêncio*. São Paulo: Unesp, 2019.

SIMANKE, R. T. *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: Editora UFPR, 2002.

SOFIO, F. *Literacura: psicanálise como forma literária*. São Paulo: Unifesp, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas Canibais*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ZALTZMAN, N. *A pulsão anarquista*. São Paulo: Escuta. 1993.

ZIZEK, S. *Órgãos sem corpos: Deleuze e consequências*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2008.